CUMPRINDO O PROMETIDO: CONTINUANDO A REDUZIR CUSTOS

DESEMPENHO DA VALE NO 2T13

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
HKEx: 6210, 6230
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
LATIBEX: XVALO, XVALP

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano
Andrea Gutman
Christian Perlingiere
Marcelo Bonança
Marcelo Lobato
Marcio Penna
Samantha Pons
Tel: (5521) 3814-4540

Rio de Janeiro, 07 de agosto de 2013 – A Vale S.A. (Vale) teve um sólido desempenho financeiro no segundo trimestre de 2013 (2T13) em um ambiente de crescimento econômico global abaixo da tendência histórica e de preços de minérios e metais em declínio. A receita operacional foi de R$ 23,4 bilhões, o lucro operacional, medido pelo EBIT, foi de R$ 7,5 bilhões, EBITDA de R$ 10,3 bilhões, e lucro básico de R$ 5,2 bilhões, R$ 1,00 por ação.

A produção de cobre, ouro e carvão alcançou o recorde histórico de 91.300 t[1], 63,000 oz e 2,4 Mt, respectivamente, enquanto a produção de níquel se manteve estável em 65.000 t, o seu melhor segundo trimestre desde 2T08. Salobo seguiu com sucesso o processo de *ramp-up* e começou a gerar caixa em junho.

Estamos executando o nosso plano de negócios, o qual oferece os benefícios de uma vasta base de recursos naturais de classe mundial e múltiplas oportunidades de criação de valor para o acionista, sustentado pelo maior foco na disciplina de alocação de capital e gestão de custos, robustez financeira e uma infraestrutura de logística eficiente. Nesse contexto, estamos concluindo projetos importantes de metais básicos, como Salobo II, cobre, executando alguns projetos de *bulk materials* de classe mundial, como Carajás S11D de minério de ferro e Moatize II de carvão, expandindo o nosso sistema logístico - Teluk Rubiah, CLN S11D e o Corredor de Nacala – para apoiar eficientemente nossas operações globais, simultaneamente, estamos realizando o desinvestimento de ativos *non-core* e reduzindo despesas de pesquisa e desenvolvimento (P&D), custos operacionais e gastos corporativos, e mantendo um forte balanço.

Continuamos a entregar o prometido. As iniciativas diversas em curso estão gerando melhorias em série: os custos e despesas totais[2] caíram R$ 1,580 bilhão no 2T13 contra 2T12, uma redução acumulada de R$ 1,920 bilhões no primeiro semestre de 2013 (1S13) contra o 1S12 – devido principalmente pela queda nas despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) R$ 1,839 bilhão (48%) e com P&D R$ 557 milhões (45%)[3].

Apoiado pelo corte de custos, o EBITDA permaneceu estável em R$ 20,7 bilhões no primeiro semestre do ano, aumentando R$ 1 bilhão ano a ano, apesar da queda de R$ 346 milhões na receita causada principalmente por preços mais baixos.

Estamos comprometidos em manter nossos esforços para obter uma estrutura de custos consistente com a contínua criação de valor através dos ciclos. Além dos nossos esforços, o desempenho de custo no 2T13 foi obtido com uma taxa de câmbio média BRL/USD de 2,07 no 2T13, destacando assim, potenciais oportunidades para novas economias, uma vez que a taxa de câmbio BRL/USD foi de 2,23 ao final do 2T13.

[1] t: toneladas métricas, oz: onças troy, Mt: milhões de toneladas métricas.
[2] Líquido de depreciação e perdas na venda de ativos.
[3] O valor de pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste press release, apresentamos o valor para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro.

As vendas de minério de ferro ficaram um pouco acima do planejado, 61,9 Mt no 2T13 e 117,6 Mt no 1S13, e em linha com 1S12. A receita se manteve em R$ 12,8 bilhões, e o EBITDA de minerais ferrosos ficou em R$ 9,6 bilhões, no mesmo nível do 1T13.

Nossa dívida total chegou a US$ 29,9 bilhões e era de US$ 30,2 bilhões no final do 1T13, apesar de termos pago US$ 2,25 bilhões em dividendos e investido US$ 3,6 bilhões no 2T13, o que contribuiu para mantermos nossa alavancagem financeira em 1,6 vezes o EBITDA dos últimos doze meses, um nível baixo para o atual estágio do ciclo.

A posição de caixa foi fortalecida por importantes avanços na gestão do capital de giro, resultado de uma série de iniciativas para aumentar a eficiência e otimizar a gestão do capital. O número de dias de contas a receber diminuiu para 40,1 no 2T13, contra 50,6 no 1T13. Isso contribuiu para US$ 1,3 bilhão ao caixa comparado com março de 2013. Nossos estoques também caíram US$ 378 milhões no 2T13 contra o 1T13.

Atingimos um marco importante em julho com a emissão, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), da licença ambiental de instalação (LI) para Carajás S11D, projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria global. Com a combinação de alta qualidade e baixo custo operacional, S11D tem alto potencial de criação de valor para os acionistas, mesmo diante de um cenário de preços baixos de minério de ferro.

Também concluímos diversas obras para aumentar a capacidade ferroviária da Estrada de Ferro Carajás (EFC), uma peça fundamental para a plena operação do projeto Adicional 40 Mtpa.

A licença para a implementação do S11D, o melhor desempenho operacional dos metais básicos, tendo em vista o sucesso do *ramp-up* de Salobo, e o forte desempenho financeiro apoiado por custos e despesas mais baixos claramente posicionam a Vale entre os vencedores da indústria de recursos naturais nos próximos anos.

Os principais destaques do desempenho da Vale no 2T13 foram:

- Receita operacional de R$ 23,4 bilhões, em linha com o 1T13. O maior volume vendido foi parcialmente compensado por preços menores.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT[(a)] (lucros antes de juros e impostos), de R$ 7,5 bilhões, contra R$ 8,3 bilhões no 1T13.
- Margem operacional de 32,8%, medido pela margem EBIT.
- Lucro básico de R$ 5,2 bilhões, equivalente a US$ 1,00 por ação diluído, contra R$ 6,6 bilhões no 1T13, líquido de efeitos não-caixa e/ou não recorrentes.
- Geração de caixa, medida pelo EBITDA[(b)] (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de R$ 10,3 bilhões no 2T13, contra R$ 10,4 bilhões no trimestre anterior.
- Capex – excluindo aquisições – no 2T13 foi de US$ 3,6 bilhões, 9,8% e 16,1% menor do que no 1T13 e 2T12, respectivamente. Despesas com P&D foram reduzidas em US$ 113 milhões na comparação trimestral e em US$ 241 milhões em base anual.
- Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US$ 262 milhões, US$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US$ 48 milhões para projetos sociais.
- A primeira parcela US$ 2,25 bilhões da remuneração mínima aos acionistas em 2013, de US$ 4,0 bilhões, foi distribuída em 30 de abril de 2013.

- Preservação de um balanço extremamente saudável, com baixa alavancagem, medida pela dívida bruta/LTM EBITDA excluindo itens não recorrentes, igual a 1,6x, longo prazo médio da dívida, 9,9 anos, e baixo custo médio, 4,5% ao ano, em 30 de junho de 2013.

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

R$ milhões	2T13	1T13	2T12	%	%
	(A)	(B)	(C)	(A/C)	(A/B)
Receita operacional	23.373	22.332	25.087	(6,8)	4,7
EBIT[1]	7.509	8.278	8.599	(12,7)	(9,3)
Margem EBIT[1] (%)	32,8	38,0	35,0		
EBITDA[1]	10.292	10.372	10.097	1,9	(0,8)
Lucro líquido básico	6.886	6.137	8.040	(14,4)	12,2
Lucro líquido básico por ação (R$)	1,34	1,19	1,58	(15,3)	12,2
Exportações[2] (US$ milhões)	7.515	6.158	7.282	3,2	22,0
Exportações líquidas[2] (US$ milhões)	7.003	5.711	6.601	6,1	22,6

[1] Excluindo efeitos não recorrentes e não-caixa

[2] Inclui participação na Samarco

R$ milhões	1S13	1S12	%
	(A)	(B)	(A/B)
Receita operacional	45.705	46.052	(0,8)
EBIT[1]	15.787	15.491	1,9
Margem EBIT[1] (%)	35,3	34,4	
EBITDA[1]	20.663	19.662	5,1
Lucro líquido básico	13.023	13.923	(6,5)
Lucro líquido básico por ação (R$)	2,53	2,72	(7,0)
Exportações[2] (US$ milhões)	13.673	13.525	1,1
Exportações líquidas[2] (US$ milhões)	12.714	12.446	2,2

[1] Excluindo efeitos não recorrentes e não-caixa

[2] Inclui participação na Samarco

Exceto onde indicado de outra forma as informações operacionais e financeiras neste release tem como base nas demonstrações contábeis consolidadas intermediárias da Companhia elaboradas com base nos padrões internacionais de contabilidade ("IFRS"), implantados no Brasil através do Comitê de Pronunciamentos Contábeis ("CPC") e aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários ("CVM"). As principais empresas controladas, que são consolidadas nas demonstrações contábeis da Vale são: Compañia Minera Miski Mayo S.A.C, Ferrovia Centro-Atlântica S.A, Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A, PT Vale Indonesia Tbk (anteriormente PT International Nickel Indonesia Tbk), Sociedad Contractual Minera Tres Valles, Vale Australia Pty Ltd., Vale Canada Limited (anteriomente Vale Inco), Vale Fertilizantes S.A., Vale International S.A, Vale Manganês S.A., Vale Mina do Azul S.A.,Vale Nouvelle-Caledonie SAS, Vale International Holdings GMBH, Vale Moçambique S.A. and Vale Oman Peletizing Company PTE Ltd e Vale Shipping Holding PTE Ltd.

RECEITA OPERACIONAL

A receita operacional totalizou R$ 23,373 bilhões, 4,7% acima do 1T13. O aumento em relação ao trimestre anterior deveu-se aos embarques mais elevados no 2T13 em todos os segmentos de negócio (R$ 2,368 bilhões), composto por maiores volumes de *bulk materials* (R$ 1,768 bilhões), metais básicos (R$ 270 milhões), fertilizantes (R$ 165 milhões) e carga geral (R$ 165 milhões). Os ganhos foram compensados por preços menores (R$ 1,503 bilhão), principalmente de *bulk materials* (R$ 694 milhões), metais básicos (R$ 368 milhões) e fertilizantes (R$ 46 milhões).

A participação de *bulk materials* – minério de ferro, pelotas, manganês, ferroligas, carvão metalúrgico e térmico – na receita operacional foi de 71,3%, em linha com 71,8% no 1T13. A participação de metais básicos na receita caiu para 15,0% contra 16,3% no 1T13. Fertilizantes aumentou ligeiramente sua participação para 7,1% de 6,9% no 1T13. Serviços de transporte de carga geral representaram 3,8% da receita total e outros produtos 2,8%.

Os embarques para a Ásia representaram 50,3% da receita total, diminuindo de 51,3% no 1T13. A parcela das Américas continuou subindo para 27,3% de 26,1% no 1T13. Os embarques para Europa representaram 17,7%, ligeiramente abaixo de 18,5% no trimestre anterior. A receita dos embarques para o Oriente Médio foi 3,3% da receita total e o resto do mundo contribuiu com 1,4%.

Considerando as vendas por país, vendas destinadas à China somaram 31,7% da receita total, Brasil 20,1%, Japão 10,6%, Alemanha 7,1%, Estados Unidos 5,3% e Coreia do Sul 3,9%.

COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL

R$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	**16.669**	**71,3**	**16.033**	**71,8**	**18.779**	**74,9**
Minerais ferrosos	**16.143**	**69,1**	**15.611**	**69,9**	**18.236**	**72,7**
Minério de ferro	12.771	54,6	12.396	55,5	14.000	55,8
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	-	-	18	0,1
Pelotas	3.090	13,2	2.905	13,0	3.842	15.3
Manganês	108	0,5	127	0,6	123	0,5
Ferroligas	116	0,5	133	0,6	253	1,0
Outros	58	0,2	50	0,2	-	-
Carvão	**526**	**2,3**	**422**	**1,9**	**543**	**2,2**
Carvão térmico	29	0,1	11	-	156	0,6
Carvão metalúrgico	497	2,1	411	1,8	387	1,5
Metais básicos	**3.516**	**15,0**	**3.647**	**16,3**	**3.491**	**13,9**
Níquel	2.036	8,7	2.162	9,7	2.197	8,8
Cobre	1.013	4,3	1.025	4,6	893	3,6
PGMs	209	0,9	250	1,1	225	0,9
Ouro	195	0,8	153	0,7	114	0,5
Prata	22	0,1	21	0,1	31	0,1
Cobalto	41	0,2	36	0,2	31	0,1
Fertilizantes	**1.658**	**7,1**	**1.535**	**6,9**	**1.814**	**7,2**
Potássio	107	0,5	113	0,5	159	0,6
Fosfatados	1.197	5,1	990	4,4	1.239	4,9
Nitrogenados	302	1,3	392	1,8	379	1,5
Outros	52	0,2	40	0,2	37	0,1
Serviços de logística	**887**	**3,8**	**668**	**3,0**	**799**	**3,2**
Ferrovias	721	3,1	556	2,5	573	2,3
Portos	166	0,7	112	0,5	226	0,9
Outros	**643**	**2,8**	**449**	**2,0**	**204**	**0,8**
Total	**23.373**	**100,0**	**22.332**	**100,0**	**25.087**	**100,0**

RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO						
R$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
América do Norte	**1.247**	**5,3**	**1.261**	**5,6**	**1.340**	**5,3**
EUA	743	3,2	632	2,8	801	3,2
Canadá	493	2,1	619	2,8	517	2,1
Outros	10	-	10	-	23	0,1
América do Sul	**5.130**	**21,9**	**4.569**	**20,5**	**4.953**	**19,7**
Brasil	4.708	20,1	4.189	18,8	4.536	18,1
Outros	422	1,8	379	1,7	416	1,7
Ásia	**11.766**	**50,3**	**11.450**	**51,3**	**13.404**	**53,4**
China	7.417	31,7	8.850	39,6	8.644	34,5
Japão	2.485	10,6	994	4,5	2.506	10,0
Coreia do Sul	915	3,9	710	3,2	1.150	4,6
Taiwan	577	2,5	562	2,5	692	2,8
Outros	372	1,6	333	1,5	413	1,6
Europa	**4.146**	**17,7**	**4.125**	**18,5**	**4.585**	**18,3**
Alemanha	1.657	7,1	1.360	6,1	1.452	5,8
França	345	1,5	617	2,8	289	1,2
Reino Unido	518	2,2	399	1,8	447	1,8
Itália	628	2,7	563	2,5	976	3,9
Turquia	100	0,4	125	0,6	242	1,0
Espanha	184	0,8	162	0,7	215	0,9
Holanda	157	0,7	203	0,9	143	0,6
Outros	555	2,4	695	3,1	821	3,3
Oriente Médio	**761**	**3,3**	**683**	**3,1**	**561**	**2,2**
Resto do mundo	**324**	**1,4**	**245**	**1,1**	**244**	**1,0**
Total	**23.373**	**100,0**	**22.332**	**100,0**	**25.087**	**100,0**

CUSTOS E DESPESAS

Custos e despesas tiveram um desempenho de acordo com os nossos planos e iniciativas, com o objetivo de reduzir permanentemente nossa estrutura de custos para permitir a criação de valor para os acionistas através dos ciclos. Este ano, a redução de custos e despesa tem sido uma fonte importante de melhora no nosso desempenho financeiro. No entanto, como temos enfatizado algumas vezes, este é um processo longo e depende de persistência e paciência.

Comparando com o 2T12, os custos e despesas, líquidos de depreciação, mostraram uma redução material no 2T13, com economias de R$ 1,580 bilhão, ao mesmo tempo em que os custos e despesas no 1S13 foram R$ 1,920 bilhão abaixo do 1S12. Este desempenho foi alcançado mesmo com os novos impostos estaduais de mineração (TFRM) que impactaram os custos no 2T13 (R$ 100 milhões), totalizando R$ 200 milhões no 1S13, contra nenhum impacto no primeiro semestre no ano passado.

Após o ajuste dos efeitos de maiores volumes (R$ 1,554 bilhão), o custo com produtos vendidos (CPV) caiu R$ 127 milhões em relação ao 1T13, apresentando queda na maioria dos itens. A volatilidade cambial ajudou a diminuir o CPV em R$ 11 milhões[4].

Os custos com materiais – 16,2% do CPV – foram de US$ 2,089 bilhões, subindo 8,8% em relação ao 1T13. Ajustando para os efeitos de volume e variação cambial, houve uma redução líquida de R$ 55 milhões, como consequência de menores custos com materiais para as operações de fosfatados, totalizando R$ 60 milhões devido à mudança no *mix* de produto.

[4] A composição do CPV por moeda no 2T13 foi: 54% em reais, 27% em dólares americanos, 14% em dólares canadenses, 3% em dólares australianos e 2% em outras moedas.

O custo de aquisição de produtos de terceiros foi de R$ 852 milhões – 6,6% do CPV – contra R$ 569 milhões no 1T13. A compra de minério de ferro aumentou de 1,8 Mt no 1T13 para 2,4 Mt no 2T13.

Compramos 1.600 t de níquel refinado e intermediário contra 1.300 t no 1T13, e adquirimos 6.100 t de cobre contra 7.800 no 1T13. O custo de outros produtos aumentou R$ 382 milhões no 2T13, incluindo principalmente metais preciosos a serem processados na refinaria de Acton para utilizar capacidade ociosa.

Custos com frete marítimo alcançaram R$ 1,418 bilhão no 2T13 que - conforme mencionado anteriormente - foram integralmente contabilizados como CPV.

Os custos com frete no 2T13 aumentaram R$ 213 milhões em relação ao 1T13, devido ao uso de rotas diferentes, com por exemplo, a maior proporção de embarques de Corumbá para a Ásia, e filas mais longas no terminal marítimo de Ponta da Madeira[5].

Outros custos operacionais atingiram R$ 1,238 bilhão em linha com os R$ 1,176 bilhão em 1T13. O TFRM foi R$ 100 milhões no 2T13, em linha com o 1T13. A CFEM, *royalty* de mineração brasileiro, foi de R$ 247 milhões, R$ 37 milhões acima do 1T13.

No 2T13, as despesas com SG&A caíram 44,4% em relação ao 2T12, apresentando uma economia de R$ 536 milhões. Na comparação com o 1T13, SG&A diminuiu 10,1%, com uma redução de R$ 75 milhões. Despesas com pesquisa e desenvolvimento (P&D) [6] totalizando R$ 323 milhões, contra R$ 708 milhões no 2T12 e R$ 354 milhões no 1T13.

No 2T13, revisamos o conceito de despesas pré-operacionais, de parada e de capacidade ociosa para despesas pré-operacionais e de parada. As despesas pré-operacionais e de parada[7] aumentaram de R$ 749 milhões no 1T13 para R$ 950 milhões no 2T13.

Despesas pré-operacionais foram de R$ 663 milhões no 2T13, refletindo despesas com VNC (US$ 347 milhões), Long Harbour (R$ 89 milhões), S11D (R$ 58 milhões) e Conceição Itabiritos (R$ 31 milhões). Quando os projetos entrarem em *ramp-up,* e as receitas cobrirem os custos, as despesas pré-operacionais serão transferidas para o CPV. As despesas pré-operacionais também incluem custos com a gestão de projetos na fase de construção, o que explica o aumento significativo desse tipo de despesa com S11D, por exemplo.

Despesas com paradas alcançaram R$ 287 milhões no 2T13, devido à suspensão do projeto Rio Colorado (R$ 157 milhões), à parada das pelotizadoras (R$ 58 milhões) e Onça Puma (R$ 72 milhões).

Outras despesas operacionais aumentaram R$ 300 milhões comparadas ao 1T13, totalizando R$ 536 milhões no 2T13. Excluindo o efeito não-recorrente da transação de *gold streaming*, outras despesas caíram R$ 187 milhões no 2T13. A comparação com o 2T12 também é positiva, com uma redução de R$ 50 milhões a partir dos R$ 536 milhões.

[5] Os custos com *demurrage* foram de R$ 167 milhões no 2T13, contra R$ 202 milhões no 1T13. Vale notar que o *demurrage* é contabilizado como custo de frete marítimo no caso de navios na modalidade de *time-sharter*. Enquanto o *demurrage* é contabilizado como "outros custos" para navios na modalidade de *voyage-sharter*.
[6] O valor das pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste *press release*, apresentamos o valor de US$ 268 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro no 1T13.
[7] Incluindo depreciação.

COMPOSIÇÃO DO CPV						
R$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Serviços contratados	**2.027**	**15,8**	**1.734**	**15,2**	**2.505**	**19,5**
Transportes	629	4,9	497	4,3	632	4,9
Manutenção	346	2,7	327	2,9	417	3,2
Serviços operacionais	211	1,6	266	2,3	546	4,2
Outros	841	6,5	644	5,6	910	7,1
Material	**2.089**	**16,2**	**1.920**	**16,8**	**2.133**	**16,6**
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	600	4,7	560	4,9	695	5,4
Insumos	945	7,3	895	7,8	1.028	8,0
Pneus e correias transportadoras	116	0,9	268	2,3	107	0,8
Outros	428	3,3	197	1,7	302	2,3
Energia	**1.319**	**10,3**	**1.241**	**10,9**	**1.447**	**11,3**
Óleo combustível e gases	1.012	7,9	923	8,1	1.031	8,0
Energia elétrica	307	2,4	318	2,8	416	3,2
Aquisição de produtos	**852**	**6,6**	**569**	**5,0**	**745**	**5,8**
Pessoal	**1.724**	**13,4**	**1.574**	**13,8**	**1.770**	**13,8**
Frete	**1.418**	**11,0**	**1.205**	**10,5**	**1.178**	**9,2**
Depreciação e exaustão	**2.007**	**15,6**	**1.857**	**16,2**	**1.833**	**14,3**
Centro de serviços compartilhados	**192**	**1,5**	**163**	**1,4**	**150**	**1,2**
Outros	**1.238**	**9,6**	**1.176**	**10,3**	**1.085**	**8,4**
Total	**12.865**	**100,0**	**11.438**	**100,0**	**12.846**	**100,0**

SG&A. P&D E OUTRAS DESPESAS						
R$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Administrativas total	**617**	**24,7**	**668**	**32,0**	**952**	**30,3**
Pessoal	286	11,5	306	14,7	380	12,1
Serviços	137	5,5	144	6,9	231	7,4
Depreciação	85	3,4	109	5,2	102	3,3
Outros	109	4,4	109	5,2	239	7,6
Vendas	**54**	**2,2**	**78**	**3,7**	**255**	**8,1**
Pesquisa e desenvolvimento	**323**	**12,9**	**354**	**17,0**	**708**	**22,6**
Outros	**1.503**	**60,2**	**985**	**47,2**	**1.223**	**39,0**
Total[1]	**2.497**	**100,0**	**2.085**	**100,0**	**3.138**	**100,0**

LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido básico no 2T13 foi de R$ 6,886 bilhões, equivalente a R$ 1,34 por ação diluído, contra R$ 6,137 bilhões no 1T13. O lucro líquido básico é o lucro excluindo os efeitos contábeis não-caixa e/ou não recorrentes que no 2T13 incluíram: (i) marcação a mercado das debêntures participativas (-R$ 175 milhões), (ii) câmbio e perdas monetárias (- R$ 4,172 bilhões) e (iii) perdas com *swaps* de moedas (- R$ 1,707 bilhão).

Com a inclusão das mudanças contábeis, que não afetam nosso resultado financeiro real, mas devem ser aplicadas de acordo com regras gerais de contabilidade do IFRS, nosso lucro líquido foi de R$ 832 milhões no 2T13[8].

O resultado financeiro líquido foi - R$ 7,003 bilhões no 2T13, contra - R$ 666 milhões no trimestre anterior. A forte apreciação do dólar americano (USD) em relação ao real (BRL) – 10,5% comparando os preços finais do 2T13 e 1T13 – foi a principal razão do impacto negativo nas variações monetárias e cambiais de R$ 4,172 bilhões[9].

[8] Se tivéssemos adotado as regras de contabilização de *hedge* (*hedge accounting)* em IFRS para os passivos denominados em dólares americanos, o lucro líquido em IFRS seria em linha com o lucro líquido básico. Mostraremos de maneira *pro forma* a demonstração de resultado com *hedge accounting* para todos os trimestres, a partir de agora (veja Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale) e uma decisão de adotar o *hedge accounting* de moeda formal sob IFRS, para minimizar a volatilidade dos lucros contábeis, será feita para o ano de 2014.
[9] Para uma descrição detalhada dos efeitos da variação cambial em nossos resultados, favor consultar a seção "Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale".

As receitas financeiras totalizaram R$ 331 milhões, mais que o dobro do trimestre passado R$ 140 milhões. As despesas financeiras caíram para R$ 1,115 bilhão de R$ 1,200 bilhão no trimestre anterior, devido principalmente à redução do efeito negativo não-caixa relacionado à marcação a mercado das debêntures participativas, R$ 175 milhões no 2T13 comparado R$ 341 milhões no 1T13.

A marcação a mercado dos derivativos apresentou uma perda não-caixa de R$ 2,047 bilhões, comparado ao ganho de R$ 222 milhões no 1T13, com um efeito de caixa positivo de R$ 146 milhões.

Composição do efeito de derivativos:

- Os *swaps* de moedas e taxas de juros produziram um impacto negativo não-caixa de R$ 1,707 bilhão, mas um efeito positivo no fluxo de caixa de R$ 200 milhões.
- As posições com derivativos de níquel produziram um efeito positivo não-caixa de R$ 3 milhões e impacto positivo no fluxo de caixa de R$ 3 milhões.
- As transações de derivativos relacionados ao *bunker oil* tiveram um efeito negativo não-caixa de R$ 237 milhões e um impacto negativo no fluxo de caixa de R$ 50 milhões.
- Os *warrants* recebidos da Silver Wheaton Corp. (SLW), que fizeram parte da transação de venda de ouro, são marcadas a mercado e produziram um impacto negativo não-caixa de R$ 98 milhões, sem efeito no fluxo de caixa.[10]

O resultado de equivalência patrimonial totalizou R$ 105 milhões no 2T13, abaixo dos R$ 341 milhões no 1T13. A redução de R$ 236 milhões foi principalmente devido à diminuição do resultado do segmento de *bulk materials* (R$ 169 milhões).

Individualmente, a maior parte da equivalência patrimonial veio da Samarco (R$ 146 milhões) e da MRS (R$ 47 milhões). Nossa participação na CSA gerou uma perda de equivalência patrimonial de R$ 98 milhões no 2T13.

[10] Para mais informações, veja o *press release* "Vale venderá parte do ouro produzido como subproduto em algumas de suas minas de cobre e níquel" divulgado em 5 de fevereiro de 2013, disponível em nosso site, www.vale.com na seção Investidores, Press Releases.

EFEITOS DA VOLATILIDADE DO CÂMBIO NO DESEMPENHO FINANCEIRO DA VALE

Como consequência de diversos fatores, incluindo a volatilidade dos preços dos ativos financeiros influenciada pela expectativa a respeito da mudança na política monetária dos Estados Unidos, o real sofreu uma significativa depreciação no 2T13 contra o USD. A taxa do USD subiu 10,5%, passando de R$ 2,02 em 1 de abril de 2013, para R$ 2,23, em 1 de julho de 2013. Se considerarmos apenas a média trimestral, a desvalorização do BRL foi mais moderada, 3,5%: R$ 2,07 no 2T13 contra R$ 2,00 no 1T13.

Como previamente explicado, os principais efeitos vêm do fato de que embora reportemos nosso desempenho financeiro em USD, a moeda funcional para fins contábeis da nossa controladora, Vale S.A., é o BRL.

De acordo com esta regra contábil, a depreciação do BRL, assim como de outras moedas, em relação ao USD, produz um efeito contábil não-caixa no lucro antes do imposto de renda, decorrente do impacto sobre o passivo financeiro líquido – dívida denominada em USD menos contas a receber em USD. Esse impacto cambial totalizou R$ 4,112 bilhões no 2T13, registrado nas demonstrações financeiras dentro de "variações monetárias e cambiais", reduzindo o nosso lucro antes do imposto de renda.

Um segundo impacto não-caixa se deve aos derivativos usados para minimizar a volatilidade de nosso fluxo de caixa em USD. No 2T13, a marcação a mercado do valor justo dos *swaps* cambiais de BRL e outras moedas para USD causou perda pontual de R$ 1,707 bilhão, o que reduziu nosso lucro antes do imposto de renda, porém sem nenhum efeito no fluxo de caixa ou mesmo no EBITDA. Nas datas de vencimento dos swaps cambiais, tudo o mais constante, teremos um desembolso financeiro menor (em USD equivalentes) para o pagamento de juros e principal de dívida que será compensado por um desembolso maior na liquidação financeira do swap cambial. Consequentemente, o efeito da depreciação da taxa de câmbio, através dos derivativos é neutro no fluxo de caixa.

O último efeito da depreciação do BRL afeta o lucro antes do imposto de renda, o fluxo de caixa operacional, o EBIT e o EBITDA. Este efeito resulta da assimetria entre a composição por moeda de nossa receita e custos dos produtos vendidos. Enquanto a quase totalidade da receita é denominada em USD, 54% do custo dos produtos vendidos foram denominados em BRL e 14% em dólares canadenses (CAD), com apenas uma parte em USD (27%). Caso as taxas de câmbio permaneçam no mesmo nível do final do 2T13, o efeito irá gerar impactos positivos no lucro antes do imposto de renda, fluxo de caixa operacional, EBIT e EBITDA nos trimestres seguintes.

Portanto, nós vemos oportunidades potenciais para mudanças, tendo em vista que a apreciação do USD teve um impacto efetivamente pequeno – uma influência líquida positiva no fluxo de caixa operacional, EBIT e EBITDA de R$ 337 milhões. Isso ocorre pelo fato de a depreciação da cotação média do BRL/USD (3,5%), relevante para variáveis de fluxo, ter sido inferior à utilizada para variáveis de estoque (10,5%), uma vez que a desvalorização do BRL ocorreu durante junho, o último mês do trimestre.

Além disso, há de se considerar que a depreciação do BRL também gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa através do impacto nos investimentos de capital, cuja maioria é denominada em BRL.

Resumindo, o impacto da depreciação do BRL na receita/custos é um efeito caixa e, caso não seja revertido por uma apreciação, continuará a produzir resultados positivos no fluxo de caixa operacional, EBIT, EBITDA, lucro antes do imposto de renda e investimentos de capital no futuro, enquanto o efeito sobre os derivativos tem impacto neutro e pontual no caixa e o efeito sobre o balanço é não-caixa e pontual. Portanto, a depreciação do BRL gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa, que é a fonte real de criação de valor, embora com efeito contábil oposto no lucro.

Avaliação do *hedge accounting* sobre o IFRS

De forma a minimizar a volatilidade do nosso lucro contábil e permitir que os nossos relatórios financeiros reflitam da melhor maneira o desempenho econômico de nossa Companhia, estamos avaliando para períodos futuros a implementação do programa de *hedge accounting* de acordo com as regras do IFRS (IAS 39), o que permite que nossa receita sirva como um item de hedge para fins de *hedge accounting*. A avaliação engloba a segmentação de programas, testes de eficiência e documentação apropriada.

Neste sentido e baseado em nossos estudos preliminares, a adoção deste programa com relação ao nosso passivo financeiro líquido iria reduzir nossa perda com variação cambial em aproximadamente R$ 4,359 bilhões no 2T13 (e reduzir o ganho com variação cambial em R$ 539 milhões no 1T13). Além disso, se programas similares fossem adotados para os nossos swaps de moeda do BRL e outras moedas para o USD, usados para hedge de fluxo de caixa, ter-se-ia eliminado a perda de R$ 1,707 bilhão registrada em Derivativos no 2T13 (e eliminado o ganho de R$ 229 milhões no 1T13).

Se os programas fossem adotados durante 2013, nosso resultado pro-forma seria conforme detalhado abaixo:

	2T13				1T13			
	Reportado	*Hedge Accounting*	*Swaps* de moeda	Pro-forma	Reportado	*Hedge Accounting*	*Swaps* de moeda	Pro-forma
R$ milhões								
Receita operacional líquida	22.871			22.871	21.801			21.801
Custo dos produtos vendidos	(12.865)			(12.865)	(11.438)			(11.438)
Despesas operacionais (líquidas)	(2.497)			(2.497)	(2.085)			(2.085)
Lucro operacional	**7.509**			**7.509**	**8.277**			**8.277**
Receitas financeiras (despesas), líquidas	(784)			(784)	(1.059)			(1.059)
Variações monetárias e cambiais, líquidas	(4.172)	4.359		187	171	(539)		(368)
Derivativos	(2.047)		1.707	(340)	222		(229)	(7)
Equivalência patrimonial e provisão para perdas	104			104	342			342
Lucro antes do imposto de renda	**610**			**6.676**	**7.953**			**7.185**
Imposto de renda	153			153	(1.866)			(1.866)
Participações minoritárias	68			68	114			114
Lucro líquido atribuível aos acionistas da Vale	**832**			**6.897**	**6.201**			**5.433**

LUCRO OPERACIONAL E GERAÇÃO DE CAIXA

O lucro operacional, medido pelo EBIT, foi de R$ 7,509 bilhões, reduzindo em 9,3% contra 1T13, enquanto a margem EBIT foi de 32,8%, abaixo de 38,0% no trimestre anterior.

A geração de caixa, medida pelo EBITDA, foi de R$ 10,292 bilhões, abaixo dos R$ 10,372 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos (R$ 1,475 bilhão) foi o principal fator para a queda na geração de caixa, uma vez que foi somente parcialmente mitigado pelos efeitos positivos dos maiores volumes (R$ 1,040 bilhões) e dividendos recebidos de empresas coligadas (R$ 553 milhões), menores custos (R$ 45 milhões) e despesas com SG&A (R$ 250 milhões) e as variações na taxa de câmbio (R$ 184 milhões).

Antes de despesas com P&D, a participação de *bulk materials* na geração de caixa aumentou para 89,2% de 84,4% no trimestre anterior, enquanto a participação de metais básicos diminuiu para 9,4% de 14,4%. A participação de logística aumentou para 1,2% de -0,2%, enquanto a de fertilizantes foi reduzida para 0,8% de 1,7%.

Reconciliação EBITDA			
R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Consolidado			
Composição do EBITDA			
Lucro líquido	764	6.087	5.187
Resultado financeiro líquido	7.003	666	5.137
Imposto de renda e contribuição social	(153)	1.866	(2.183)
LAJIR (EBIT)	**7.614**	**8.619**	**8.141**
Depreciação, amortização e exaustão	2.229	2.094	2.040
LAJIDA (EBITDA)	**9.843**	**10.713**	**10.181**
Ajustes			
Resultado de participações societárias em joint ventures e coligadas	(104)	(341)	(310)
Dividendos recebidos	553	-	226
LAJIDA ajustado (EBITDA Ajustado)	**10.292**	**10.372**	**10.097**
Dividendos recebidos	(553)	-	(226)
Depreciação, amortização e exaustão	(2.229)	(2.094)	(2.040)
LAJIR ajustado (EBIT ajustado)	**7.509**	**8.278**	**7.831**

INVESTIMENTOS E P&D

A Vale está fortemente comprometida com a disciplina na alocação de capital e na execução de projetos de classe mundial. Além de aprovar e financiar novos projetos apenas com engenharia e *design* avançados, as mudanças em andamento incluem maior foco na gestão da construção e de empreiteiras de forma a minimizar desvios dos planos.

Investimentos – excluindo aquisições – no 1S13 alcançaram US$ 7,584 bilhões, uma redução de US$ 380 milhões ao comparar com US$ 7,964 bilhões investidos no mesmo período de 2012. Investimentos em P&D apresentaram uma queda significativa, 38,9%, contra o primeiro semestre de 2012, devido à decisão em focar em um *pipeline* menor de projetos e mais seletivo, o qual gerará um portfólio de ativos com uma taxa de retorno maior, consistente com o maior foco na disciplina de alocação de capital.

A Vale investiu[11] US$ 3,597 bilhões no 2T13. US$ 2,340 bilhões foram dedicados à execução de projetos, US$ 155 milhões para P&D e US$ 1,102 bilhão para a manutenção das operações existentes. A alocação do capex por segmento no 2T13 foi: US$ 2,088 bilhões em *bulk materials*, US$ 830 milhões em metais básicos, US$ 337 milhões em fertilizantes, US$ 128 milhões em serviços de logística para carga geral, US$ 89 milhões em siderurgia, US$ 55 milhões em energia e US$ 69 milhões em atividades corporativas e outros segmentos de negócio.

O capex dedicado a projetos concentrou-se nas principais iniciativas, especialmente na expansão das operações integradas de minério de ferro em Carajás – incluindo os projetos Carajás Serra Sul S11D/CLN S11D, Adicional 40 Mtpa, CLN 150 e Serra Leste – com US$ 701 milhões, Moatize II/Nacala, US$ 268 milhões, Long Harbour, uma planta integrada de fundição e refino de níquel, US$ 266 milhões e Itabiritos, US$ 247 milhões.

Há de se considerar que a depreciação do real também gera economias significativas nos investimentos, uma vez que mais da metade desses dispêndios são denominados em BRL. Por exemplo, os gastos em BRL representam cerca de 90% do orçamento do programa S11D, o nosso maior projeto. Tais benefícios ainda não estão refletidos no capex esperado para os projetos aprovados em construção.

Um passo fundamental para o crescimento futuro foi dado em julho, com a obtenção da LI para o projeto S11D. O S11D é o projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria de minério de ferro, com capacidade nominal de 90 milhões de toneladas métricas por ano de minério de ferro. Está situado sobre um depósito com reservas provadas e prováveis de 4,240 bilhões de toneladas métricas com um teor médio de ferro de

[11] De acordo com os princípios de contabilidade IFRS, os gastos com P&D – incluídos neste relatório como parte de investimentos – são levados a resultado e consequentemente afetam o lucro e EBITDA ajustado. Este fato deve ser observado pelos analistas quando realizarem comparações, como por exemplo, entre EBITDA e investimentos, para evitar dupla contagem que possa distorcer os resultados das análises.

66,7% e baixa impureza enquanto que o *cash cost* operacional (mina, usina, ferrovia e porto após *royalties*) é US$ 15,00 por tonelada métrica (a uma taxa de câmbio de R$ 2,00/US$). O S11D tem o *start up* esperado para 2S16 e atingirá capacidade total no ano calendário de 2018.

Com a emissão da LI, o Conselho de Administração da Vale aprovou o CLN S11D, o qual permite a expansão da infraestrutura logística existente no Sistema Norte para suportar os 90 Mtpa de aumento de capacidade que será produzida pelo S11D. O capex total de S11D é de US$ 19,671 bilhões, tendo como base taxa de câmbio de R$ 2,00/ US$, e compreende o desenvolvimento da mina e planta de processamento (US$ 8,089 bilhões) e logística (US$ 11,582 bilhões).

O CLN S11D aumentará nossa capacidade logística para 230 Mtpa e compreende a construção de um ramal ferroviário, duplicação de seções da ferrovia, terminal ferroviário e investimentos em instalações portuárias *onshore* e *offshore*. O capex de CLN S11D inclui investimentos em logística de US$ 10,363 bilhões, US$ 1,036 bilhão em equipamento rodante e US$ 183 milhões transferidos do CLN 150 para o CLN S11D.

Como exemplo de disciplina de capital, a engenharia detalhada de todo o programa do S11D (S11D e CLN S11D) está quase concluída e os pacotes de equipamentos e serviços estão 23% contratados e 45% a serem contratados com propostas firmes. Como resultado deste avanço, a probabilidade de aumentos do capex acima dos valores orçados foi minimizada e economias com serviços contratados sobre o orçado – as quais já foram alcançadas – tem uma chance maior de serem asseguradas até o final do projeto.

Três projetos importantes de minério de ferro serão concluídos no 2S13: (a) Adicional 40 Mtpa, o qual aumentará a capacidade de processamento de minério de ferro a seco em Carajás em 40 Mtpa; (b) CLN 150, que expande a capacidade EFC em 14 Mt e a do terminal marítimo de Ponta da Madeira em 60 Mtpa; (c) Conceição Itabiritos, que adicionará 12 Mtpa de capacidade, e contribuirá para prolongar a vida útil da mina e melhorar a qualidade do minério extraído. No negócio de níquel, Long Harbour e Totten também entrarão em operação.

No 2T13, os desembolsos com a sustentação de operações existentes de US$ 1,102 bilhão foram concentrados em minério de ferro e metais básicos. Os investimentos de manutenção em minério de ferro incluíram: (i) substituição e aquisição de novos equipamentos (US$ 196 milhões); (ii) expansão das barragens de rejeitos (US$ 58 milhões); (iii) melhoria na infraestrutura (US$ 32 milhões); (iv) iniciativas para melhorar os padrões atuais de saúde e segurança e proteção ambiental (US$ 17 milhões). A manutenção de ferrovias e portos que servem às operações de mineração no Brasil alcançou o montante de US$ 146 milhões.

O capex de manutenção das operações de metais básicos foi majoritariamente dedicado ao conserto do forno #1 de Onça Puma (US$ 53 milhões), ao projeto *AER* (para redução de emissões atmosféricas) (US$39 milhões), desenvolvimento de jazidas minerais, aumento das taxas de recuperação e teor das minas de níquel (US$ 35 milhões), e a projetos relacionados ao aprimoramento dos processos produtivos nas minas de cobre (US$ 13 milhões).

No 2T13, os investimentos em P&D compreenderam US$ 50 milhões em exploração mineral, US$ 101 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade de projetos e US$ 4 milhões para desenvolver novos processos, inovações e adaptações tecnológicas. Investimentos em P&D apresentaram uma redução de 60,9% em relação ao 2T12, e uma queda de 42,2% ao comparar com 1T13, como consequência do nosso esforço contínuo de reduzir investimentos em P&D.

Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US$ 262 milhões nesse trimestre, US$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US$ 48 milhões para projetos sociais.

No 2T13, o Conselho de Administração da Vale aprovou um aumento do capex orçado para o Vargem Grande Itabiritos de US$ 1,645 bilhão para US$ 1,910 bilhão. O projeto Vargem Grande Itabiritos tem enfrentado pressões de custo desde o final de 2012, devido ao baixo desempenho das empresas contratadas, envolvidas em dificuldades financeiras, que por fim, levaram à suas substituições.

O aquecimento do mercado de construção civil no Brasil com o *boom* de 2010 forçou a contratação de prestadores de serviço menos reconhecidos, pois a maioria das construtoras de primeira linha já não tinha disponibilidade. Isto mudou e o mercado de serviços de engenharia nos permite agora contratar empresas mais eficientes e financeiramente sólidas, reduzindo os riscos de aumentos no capex.

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA						
US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Crescimento orgânico	**2.494**	**69,3**	**2.993**	**75,1**	**3.260**	**76,0**
Projetos	2.340	65,0	2.725	68,4	2.864	66,8
P&D	155	4,3	268	6,7	396	9,2
Sustentação das operações existentes	**1.102**	**30,7**	**994**	**24,9**	**1.027**	**24,0**
Total	**3.597**	**100,0**	**3.987**	**100,0**	**4.287**	**100,0**

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO						
US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	2.088	58,0	2.082	52,2	2.390	55,8
Minerais ferrosos	1.779	49,4	1.869	46,9	2.041	47,6
Carvão	309	8,6	213	5,3	349	8,1
Metais básicos	830	23,1	982	24,6	1.038	24,2
Fertilizantes	337	9,4	382	9,6	516	12,0
Serviços de logística	128	3,6	216	5,4	130	3,0
Energia	55	1,5	107	2,7	71	1,6
Aço	89	2,5	150	3,8	37	0,9
Outros	69	1,9	68	1,7	105	2,4
Total	**3.597**	**100,0**	**3.987**	**100,0**	**4.287**	**100,0**

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO - 2T12								
	Projetos		P&D		Manutenção		Total	
	US$ milhões	%	US$ milhões	%	US$ milhões	%	US$ milhões	%
Bulk materials	**1.462**	**62,5**	**68**	**43,8**	**558**	**50,6**	**2.088**	**58,0**
Minerais ferrosos	1.195	51,1	59	37,9	525	47,6	1.779	49,4
Carvão	267	11,4	9	5,9	33	3,0	309	8,6
Metais básicos	**451**	**19,3**	**48**	**31,2**	**331**	**30,0**	**830**	**23,1**
Fertilizantes	**238**	**10,2**	**16**	**10,6**	**83**	**7,5**	**337**	**9,4**
Serviços de logística	**54**	**2,3**	**3**	**1,8**	**71**	**6,4**	**128**	**3,6**
Energia	**45**	**1,9**	**8**	**5,5**	**1**	**0,1**	**55**	**1,5**
Aço	**89**	**3,8**	**-**	**0,3**	**-**	**-**	**89**	**2,5**
Outros	**-**	**-**	**11**	**6,8**	**59**	**5,3**	**69**	**1,9**
Total	**2.340**	**100,0**	**155**	**100,0**	**1.102**	**100,0**	**3.597**	**100,0**

Principais projetos aprovados em construção

O conjunto dos principais projetos em construção e aprovados pelo Conselho de Administração é detalhado nesta seção. As datas de *start*-up estimadas podem ser revisadas em decorrência de mudanças causadas por diferentes fatores, dentre eles, atrasos com licenciamento ambiental.

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
MINÉRIO DE FERRO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Carajás Adicional 40 Mtpa Construção de usina de	2S13	351	2.824	548	3.475	Comissionamento com minério da usina está em andamento.

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
processamento a seco, localizada em Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 40 Mtpa.						Licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
CLN 150 Mtpa Aumento da capacidade na ferrovia e no porto do Sistema Norte, incluindo a construção do quarto píer do terminal marítimo de Ponta da Madeira, localizado no Maranhão com 60 Mtpa de capacidade. Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 130 Mtpa.	1S13 a 2S13	365	3.625	498	3.931	A parte ferroviária do projeto concluída, abrangendo 63 km de duplicação de trilhos e instalações portuárias *offshore* e *onshore*. Licença de operação emitida para o porto, onshore e offshore. 98% de avanço físico.
Carajás Serra Sul S11D Desenvolvimento da mina e usina de processamento, localizadas na serra sul de Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 90 Mtpa.	2S16	368	2.182	658	8.089	Linhas de transmissão e subestação de alta tensão estão em fase final construção. Montagem eletromecânica dos módulos *off-site* iniciada. Licença de instalação emitida. 45% de avanço físico.
CLN S11D Aumento da capacidade logística do Sistema Norte para apoiar S11D, incluindo a duplicação de aproximadamente 570 km da estrada de ferro, a construção de um ramal ferroviário com 101 km, aquisição de vagões e locomotivas e expansões *onshore* e *offshore* no terminal marítimo de Ponta da Madeira Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 230 Mtpa.	1S15 a 2S18	220	680	633	11.582	Engenharia civil do ramal ferroviário e porto concluída. Terraplanagem da duplicação da ferrovia iniciada. Licença de instalação emitida. 8% de avanço físico.
Conceição Itabiritos Construção da planta de concentração, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal adicional estimada de 12 Mtpa. 100% *pellet feed*, com 67,7% teor de ferro (Fe) e 0,8% sílica.	2S13	146	927	208	1.174	Montagem eletromecânica em fase final. Comissionamento da planta. Licença de operação para a usina esperada 2S13. 97% de avanço físico.
Vargem Grande Itabiritos Construção da nova planta de beneficiamento de minério de ferro, localizada no Sistema Sul,	2S14	152	1.068	518	1.910	Instalação de estruturas metálicas do prédio de peneiramento em andamento. Licença de operação esperada para

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
Minas Gerais. Capacidade adicional estimada de 10 Mtpa. 100% *pellet feed*, com 67,8% Fe e 1,2% sílica.						1S14. 79% de avanço físico.
Conceição Itabiritos II Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor da mina Conceição, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 19 Mtpa, sem adição de capacidade. 31,6% *sinter feed*, com 66,5% de teor de Fe e 3,8% sílica, e 68,4% *pellet feed*, com 68,8% de teor de Fe e 0,9% sílica.	2S14	89	513	197	1.189	Engenharia civil e montagem de estrutura metálica em curso. A montagem da subestação de britagem foi concluída. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Serra Leste Construção de nova planta de processamento, localizada em Carajás. Capacidade nominal estimada de 6 Mtpa.	2S14	73	365	166	478	Construção em curso das linhas de transmissão e pera ferroviária. Montagens da subestação principal e da estação de tratamento de minério de ferro estão em andamento. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Cauê Itabiritos Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor de Minas do Meio, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 24 Mtpa, com adição líquida de capacidade de 4 Mtpa em 2017. 29% *sinter feed*, com 65,3% de teor de Fe e 4,4% sílica, e 71% *pellet feed*, com 67,8% de teor de Fe e 2.8% sílica.	2S15	81	200	206	1.504	Obras de engenharia civil em andamento. Principal equipamento eletromecânico adquirido. Licença prévia e de instalação para a nova britagem primária esperadas para 1S14. 28% de avanço físico.
Teluk Rubiah Construção de terminal marítimo para receber navios de 400.000 dwt e um pátio de estocagem. Localizado em Teluk Rubiah, Malásia. Pátio de estocagem com capacidade de giro de até 30 Mtpa de produtos de minério de ferro.	2S14	236	750	443	1.371	Montagem das máquinas do pátio em andamento. Terraplanagem e obras de engenharia civil do terminal de descarregamento estão em estágio final de conclusão. Berço de importação a ser concluído até dezembro de 2013. Conclusão do berço de exportação foi adiada para 2S14 devido à decisão de modificar o cais para acomodar navios maiores para reduzir os custos de frete. 79% de avanço físico.

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
USINAS DE PELOTIZAÇÃO						
Tubarão VIII Oitava usina de pelotização do complexo de Tubarão, Espírito Santo. Capacidade nominal estimada de 7,5 Mtpa.	2S13	87	976	158	1.088	Comissionamento dos equipamentos em andamento. Emissão de licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
Samarco IV[2] Construção da quarta usina de pelotização, expansão da mina, mineroduto e infraestrutura do terminal marítimo. A Vale possui uma participação de 50% na Samarco. Capacidade nominal estimada de 8,3 Mtpa, aumentando a capacidade da Samarco para 30,5 Mtpa.	1S14	-	-	-	1.693	Montagem eletromecânica de equipamentos em andamento. Mineroduto e montagem eletromecânica da subestação concluídos. Atividades de comissionamento iniciadas. 90% de avanço físico da usina de pelotização. Orçamento integralmente financiado pela Samarco.
CARVÃO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Moatize II Nova mina e duplicação da CHPP de Moatize, assim como da infraestrutura relacionada. Localizada em Tete, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 11 Mtpa (em sua maioria composta de carvão metalúrgico).	2S15	144	600	344	2.068	Terraplanagem e obras de engenharia civil nos pátios de estocagem em curso. Equipamento de manuseio e processamento foi entregue. 39% de avanço físico.
Nacala corridor Infraestrutura de porto e ferrovia conectando o complexo de Moatize ao terminal marítimo de Nacala-à-Velha, localizado em Nacala, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 18 Mtpa.	2S14	292	701	1.079	4.444	Terraplanagem, drenagem e obras civis para a seção da ferrovia, no Malaui, em andamento. Cravação de estacas para o píer e terraplanagem do pátio de estocagem em progresso. 22% e 23% de avanço físico na ferrovia e no porto, respectivamente.
COBRE – MINERAÇÃO						
Salobo II Expansão de Salobo, elevação de barragem e aumento da capacidade da mina, localizada em Marabá, Pará. Capacidade nominal adicional estimada de 100.000 tpa de cobre em concentrado.	1S14	114	874	401	1.707	Obras civis e montagem eletromecânica das áreas de britagem, moagem e flotação em andamento. Principais equipamentos eletromecânicos adquiridos. Licença de operação da planta esperada para 1S14. 80% de avanço físico.
NÍQUEL – MINERAÇÃO E REFINO						

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
Long Harbour Operação hidrometalúrgica. Localizada em Long Harbour, Newfoundland and Labrador, Canadá. Capacidade nominal de refino estimada de 50.000 tpa de níquel refinado, e cobre e cobalto associados, sem capacidade adicional.	2S13	754	3.910	1.094	4.250	Fase final de montagem eletromecânica e comissionamento das unidades de processo. 94% de avanço físico.
Totten Mina de níquel (sendo reaberta) em Sudbury, Ontário, Canadá. Capacidade nominal estimada de 8.200 tpa.	2S13	86	626	171	759	A primeira área de produção de minério está pronta para a extração. Túnel subterrâneo quase concluído. 90% de avanço físico.
ENERGIA						
Biodiesel Projeto para produzir biodiesel a partir de óleo de palma. Plantação de 80.000 ha. Localizado no Pará, Brasil. Capacidade nominal estimada de 360.000 tpa de biodiesel.	2S15	66	493	75	633	Segunda usina de óleo de palma em desenvolvimento. Construção da usina de biodiesel está em progresso. Licença de instalação para a usina de biodiesel é esperada para 1S14.
SIDERURGIA						
CSP[2] Desenvolvimento de uma planta de placas de aço em parceria com Dongkuk e Posco, localizada no Ceará. A Vale possui 50% da *joint venture*. Capacidade nominal estimada de 3,0 Mtpa.	2S15	235	811	439	2.648	Cravação de estacas para a fundação da planta em andamento. 29% de avanço físico.

[1] Com base em junho de 2013.
[2] Investimento esperado e realizado são relativos à participação da Vale nos projetos.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total foi de US$ 29,863 bilhões em 30 de junho de 2013, uma redução de US$ 328 milhões em relação aos US$ 30,191 bilhões em 31 de março de 2013.

Nossa posição de caixa[12] em 30 de junho de 2013 foi de US$ 6,255 bilhões e a dívida líquida alcançou US$ 23,608 bilhões. A posição de caixa foi reforçada por melhorias no capital de giro que já apresentaram resultados significativos neste trimestre, especialmente as medidas para aumentar a eficiência, através da revisão de processos e contrapartes para reduzir o número de dias de contas a receber. O número de dias de recebíveis foi reduzido para 40,1 no 2T13 contra 50,6 no 1T13. Isto contribuiu para liberar US$ 1,3 bilhão em comparação com março de 2013. Os estoques também foram reduzidos em US$ 378 milhões no 2T13, numa comparação com o 1T13.

[12] Inclui caixa e equivalentes de caixa, assim como investimentos de curto prazo de US$ 368 milhões em 30 de junho de 2013.

Em julho de 2013, contratamos uma linha de crédito rotativo de US$ 2,0 bilhões, com prazo de cinco anos, junto a um sindicato composto por 16 bancos comerciais globais. Com esta nova linha, o total em linhas de crédito rotativo é de US$ 5 bilhões, visto que temos uma linha de US$ 3 bilhões existente, que vencerá em 2016. Este instrumento forma um significativo colchão de liquidez no curto prazo e possibilita maior eficiência da gestão do caixa, sendo consistente com o nosso foco estratégico na minimização do custo do capital.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado[(d)], excluindo efeitos não recorrentes, permaneceu estável em 1,6x, enquanto a relação dívida total/*enterprise value*[(e)] foi de 32,4% em 30 de junho de 2013.

O prazo médio da dívida de 9,9 anos em 30 de junho de 2013 foi em linha com o nosso objetivo de manter um longo prazo médio da dívida para minimizar os riscos financeiros. O custo médio da dívida caiu para 4,54% ao ano, uma redução de 5 pontos-base contra o custo em 31 de março de 2013.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado excluindo efeitos não recorrentes/LTM pagamento de juros[(f)], foi de 13,2x contra 13,7x em 31 de março de 2013.

Considerando as posições de hedge, nossa dívida total em 30 de junho de 2013 era composta de 26% de dívida a taxas de juros flutuantes e 74% a taxas fixas, enquanto 98% era denominada em dólares americanos e o restante, em outras moedas.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida bruta	29.863	30.191	25.518
Dívida líquida	23.608	23.582	21.436
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado[1] (x)	1,6	1,6	0,9
LTM EBITDA ajustado[1]/ LTM pagamento de juros (x)	13,2	13,7	24,8
Dívida bruta / EV (%)	32,4	26,2	20,1

O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

Bulk materials

Minerais ferrosos

A Vale produziu 73,2 Mt de minério de ferro no 2T13. Excluindo a produção atribuível à Samarco, a produção de minério de ferro atingiu 70,6 Mt, ou seja, 8,8% acima do 1T13. Considerando o primeiro semestre, a produção ficou 2,7 Mt abaixo do orçado para o período, 138,1 Mt. O orçamento considerou a distribuição da intensidade das chuvas ao longo do ano e a evolução dos planos de lavra em Carajás, enquanto não temos as licenças necessárias para explorar a mina N4WS e outras cavas. Porém, o desempenho operacional foi afetado pela época de chuvas, que se prolongou até maio no norte do Brasil, e pela falta de flexibilidade das cavas mais profundas em períodos chuvosos.

Com a estiagem, continuamos com a meta de produzir o volume orçado para 2013. A produção de minério de ferro em julho foi de 27,9 Mt contra 27,6 Mt em julho de 2012, como resultado do forte desempenho em Carajás, cuja produção cresceu para 10,4 Mt de 9,5 Mt no mesmo mês do ano passado.

As vendas de minério de ferro e pelotas no 1S13 de 137,1 Mt igualaram ao orçado. Os embarques previstos para o 2S13 permanecem em 167,8 Mt.

No 2T13, as vendas de minério de ferro e pelotas alcançaram de 72,123 Mt, ficando 10,8% acima de 65,104 Mt no 1T13. As vendas de minério de ferro foram de 61,921 Mt, 11,2% acima do trimestre passado, enquanto as de pelotas somaram 10,203 Mt, crescendo 8,3% em base trimestral. Os embarques de minério de ferro e pelotas em base CFR atingiram 27,5 Mt no 2T13, representando 38,2% do total de embarques, contra 28,1 Mt no 1T13.

A receita de minério de ferro e pelotas totalizou R$ 15,861 bilhões – R$ 12,771 bilhões de minério de ferro e R$ 3,090 bilhões de pelotas – contra R$ 12,396 bilhões no 1T13. O efeito do maior volume de vendas, R$ 1,722 bilhão, compensou quase totalmente a influência da queda do preço.

As nossas vendas de minério de ferro no 2T13 foram precificadas através de três sistemas básicos: (a) 34% de acordo com o preço *spot* após a data da entrega, através de preços provisórios e ajustes na fatura após a entrega; (b) 47% no trimestre corrente, preços *spot* mensais e diários; (c) 19% atrelado à média de três meses com um mês de defasagem (VRP).

A queda do preço médio realizado foi mitigada principalmente pelos maiores preços VRP, refletindo contratos referenciados no 2T13 usando a média de três meses do IODEX 62% Fe entre dezembro e fevereiro de US$ 145,30, contra US$ 113,00 no 1T13 (a média de setembro a novembro de 2012). Outros fatores, tais como menor umidade, precificação provisória, efeitos de *carry over*, qualidade e maiores vendas em base FOB, tiveram impactos menores e essencialmente se anularam.[13]

De forma similar ao minério de ferro, a variação do preço de pelotas foi suavizada principalmente pelo efeito da precificação VRP.

Os custos operacionais do minério de ferro continuaram baixos e sob controle. O custo operacional do minério de ferro (mina, planta, ferrovia, porto) após *royalties* foi estimado em R$ 50 por tonelada métrica[14], em linha com o 1T13. Excluindo produtos adquiridos de terceiros, o custo operacional por tonelada métrica foi próximo de R$ 46.

Em termos absolutos, os custos do minério de ferro, líquidos de depreciação, foram de R$ 4,394 bilhões. Após ajustar para os efeitos de maior volume (R$ 299 milhões) e do câmbio (-R$ 4 milhões), o CPV aumentou R$ 184 milhões contra o 1T13. Despesas pré-operacionais para minério de ferro foram de R$ 156 milhões, refletindo novos projetos que entrarão em operação em breve, como: S11D, Conceição Itabiritos, Adicional 40 Mtpa e CLN 150.

A participação da China nas vendas de minério de ferro e pelotas foi de 43,8% contra 48,2% no 1T13. A participação do Japão aumentou para 12,6%, após o efeito isolado do *carry over* de algumas vendas do 1T13 que havia reduzido a sua participação para 7,2% no primeiro trimestre. A parcela das vendas ao Brasil caiu um pouco, para 11,2% de 13,2% no 1T13, enquanto a Europa aumentou para 19,1% de 18,8% no trimestre anterior.

As expectativas no início do ano de uma forte recuperação da economia chinesa geraram uma mudança no ciclo do aço na China. Uma vez que essas expectativas foram frustradas pelo desempenho real da economia da China, os estoques de aço acumulados no primeiro trimestre alcançaram níveis acima do padrão sazonal, levando a um consumo maior de estoques no segundo trimestre e a uma pressão de queda nos preços de minério de ferro. Como os estoques de minério de ferro nos portos e nas siderúrgicas já estavam baixos, se comparados ao passado, os preços não caíram abaixo de US$ 110 por tonelada métrica, demonstrando portanto, um comportamento diferente em relação ao ciclo de baixa no ano passado, quando chegaram ao piso de US$ 88.

Seguindo a diante, a combinação de estoques muito baixos de minério de ferro, a necessidade das siderúrgicas de recompor estoques antes do inverno, sinais de recuperação no número de construções iniciadas de imóveis, e o recente lançamento pelo governo chinês de um programa de renovação de bairros pobres,[15] tudo isso deve compensar o efeito de nova oferta da Austrália no 2S13, contribuindo para manter os preços em torno do nível atual, que é altamente lucrativo para um produtor de baixo custo como a Vale.

A demanda por pelotas de alto-forno aumentou na Europa, enquanto a demanda por pelotas de redução direta continua estável no Oriente Médio, Norte da África e América do Norte.

No 2T13, a produção de manganês demonstrou bom desempenho operacional, com 617.000 t contra 501.000 t no 1T13 e 584.000 t no 2T12. O volume de venda foi de 310.000 t em relação a 417.000 t no 1T13, devido à formação de estoques perto de clientes durante o trimestre. A receita do minério de manganês foi de R$ 108 milhões no 2T13, inferior a R$ 127 milhões no primeiro trimestre, devido em maior parte a volumes menores de R$33 milhões. Preços de venda mais altos adicionaram à receita.

---

[13] Dada a utilização de diversas fórmulas de precificação, a relação do nosso preço médio realizado com os índices de preço de minério de ferro não é linear e tende a variar ao longo do tempo. Portanto, comparações às médias dos índices de preço no curto prazo tem um alto potencial de induzir investidores a interpretações errôneas.

[14] Como consta na nota explicativa reportada por segmento nas demonstrações financeiras: US$ 4,394 bilhões em custos, líquidos de depreciação e amortização, menos US$ 1,290 bilhão de frete de minério de ferro, sobre vendas de minério de ferro de 61,9 Mt.

[15] Estimado em representar aproximadamente 25% das construções iniciadas de imóveis no 1S13 em termos de metragem.

No 2T13, a produção de ferroligas foi de 41,700 t, ficando 26,3% maior do que no 1T13, devido à recuperação após uma parada para manutenção. Embarques de ferroligas totalizaram 43.000 t, comparado a 48.000 t no 1T13. A receita de ferroligas foi de R$ 116 milhões, 12,8% abaixo dos R$ 133 milhões no trimestre passado.

As vendas de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferroligas – geraram uma receita total de R$ 16,085 bilhões, em linha com R$ 15,561 bilhões no 1T13.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi de 51,8% contra 56,8% no 1T13, devido principalmente aos menores preços de minério de ferro e pelotas, porém compensados parcialmente pela redução de custos e despesas.

O EBITDA para minerais ferrosos foi de R$ 9,733 bilhões, em linha com R$ 9,388 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos e maiores custos e despesas (R$ 850 milhões) foi quase totalmente compensado pelos efeitos positivos de maiores volumes de venda (R$ 1,675 bilhão), maiores dividendos recebidos de empresas coligadas (R$ 438 milhões).

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS

VOLUME VENDIDO

mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	61.921	55.679	62.978
Pelotas	10.203	9.425	12.277
Total	72.123	65.104	75.255
Manganês	310	417	510
Ferroligas	43	48	99

VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO

milhões de toneladas	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Ásia	**46,0**	**63,7**	**41,1**	**63,2**	**47,2**	**62,7**
China	31,6	43,8	31,4	48,2	32,9	43,7
Japão	9,1	12,6	4,7	7,2	7,2	9,5
Coreia do Sul	3,7	5,1	3,3	5,0	4,8	6,3
Ásia emergente (ex China)	1,6	2,2	1,7	2,6	2,3	3,1
Europa	**13,8**	**19,1**	**12,2**	**18,8**	**14,7**	**19,6**
Alemanha	5,6	7,7	4,3	6,5	5,8	7,8
Reino Unido	1,2	1,7	0,3	0,5	0,5	0,7
França	1,6	2,3	2,5	3,8	1,2	1,6
Itália	2,4	3,3	2,0	3,1	3,5	4,6
Turquia	0,5	0,7	0,5	0,8	1,0	1,4
Espanha	0,6	0,9	0,6	0,9	0,8	1,1
Holanda	0,7	0,9	0,6	0,9	0,4	0,6
Outros	1,2	1,6	1,4	2,2	1,4	1,9
Brasil	**8,1**	**11,2**	**8,6**	**13,2**	**9,2**	**12,2**
EUA	**-**	**-**	**-**	**-**	**0,5**	**0,6**
Oriente Médio	**2,0**	**2,7**	**1,4**	**2,2**	**1,6**	**2,1**
Resto do Mundo	**2,3**	**3,2**	**1,8**	**2,7**	**2,1**	**2,8**
Total	**72,1**	**100,0**	**65,1**	**100,0**	**75,3**	**100,0**

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	12.771	12.396	14.000
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	18
Pelotas	3.090	2.905	3.842
Manganês	108	127	123
Ferroligas	116	133	253
Outros	58	50	-
Total	**16.143**	**15.611**	**18.236**

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT[1] (%)	51,8	56,8	58,4
EBITDA ajustado[1]	9.733	9.388	11.082

[1] Excluindo itens não recorrentes

Carvão

A produção de carvão no 2T13 atingiu um novo recorde histórico, 2,4 Mt, contra 1,8 Mt no 1T13, devido principalmente ao *ramp-up* de Moatize e ao desempenho de Carborough Downs. O *ramp-up* de Moatize I, em Moçambique, está progredindo bem, com produção de 1,3 Mt no 2T13. Porém, o potencial de criação de valor de Moatize continuará restrito pelas capacidades ferroviária e portuária da atual infraestrutura logística (a ferrovia Linha do Sena e o porto de Beira) até que o Corredor de Nacala entre em operação, o que é esperado para o 2S14. Na Austrália, Carborough Downs, nossa mina subterrânea que produz 100% de carvão metalúrgico, alcançou o volume recorde de 670.000 t, continuando a demonstrar alto desempenho após a movimentação do *longwall* no início de janeiro e mais do que compensando problemas em Integra.

Os embarques de carvão totalizaram 1,856 Mt no 2T13, aumentando 23,2% em relação a 1,507 Mt no trimestre anterior. As vendas de carvão metalúrgico atingiram outro nível recorde, 1,720 Mt, em razão dos fatores mencionados acima. As vendas de carvão térmico alcançaram 136.000 t de 60.000 t no 1T13.

Vendas de produtos de carvão geraram receita de R$ 526 milhões, 24,7% maior do que os R$ 422 milhões no 1T13, devido principalmente a maiores volumes de venda de carvão metalúrgico e térmico.

A receita do carvão metalúrgico foi 20,9% acima do trimestre passado, atingindo R$ 497 milhões no 2T13 contra R$ 411 milhões no 1T13. O aumento deveu-se em boa parte ao maior volume vendido, que foi parcialmente compensado pelo preço médio realizado no 2T13, um pouco menor do que no 1T13. O carvão térmico gerou uma receita de R$ 29 milhões, aumentando 164,9% em relação ao trimestre passado, R$ 11 milhões, devido aos maiores volumes de venda.

Os preços de carvão térmico e metalúrgico caíram significativamente quando comparados aos níveis do ano passado, o que pode ser explicado pelo excesso de oferta.

No caso do carvão metalúrgico, foco de nossas operações, os preços estão oscilando a níveis aproximadamente 35% abaixo do que no ano passado. A sobreoferta é causada primariamente por capacidade existente que retornou ao mercado transoceânico e não por nova oferta: a normalização das exportações australianas após as enchentes em Queensland, em 2011, e a recuperação das exportações dos Estados Unidos, subproduto da revolução do *shale gas*. As exportações de alto custo dos Estados Unidos cresceram para se beneficiar dos preços altos resultantes das enchentes em Queensland, mas agora são a principal causa do excesso de oferta.

A demanda chinesa está crescendo firmemente, porém o resto do mundo está estagnado. Assim, a dependência a um mercado, apesar da sua magnitude, está causando pressão de queda nos preços. Consequentemente, no curto prazo, a recuperação dos preços requer o fechamento de operações de alto custo.

No 2T13, os custos do carvão foram de R$ 531 milhões, líquidos de depreciação, apresentando uma economia de R$ 115 milhões quando comparados ao 1T13, após ajustar para os efeitos de maiores volumes (R$ 116 milhões) e variação cambial (US$ 7 milhões). As despesas com carvão foram de R$ 139 milhões no 2T13, caindo de R$ 350 milhões no trimestre anterior.

O EBITDA do segmento de carvão foi negativo R$ 144 milhões no 2T13 contra negativo R$ 449 milhões no trimestre passado.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	136	60	1,107
Carvão metalúrgico	1.720	1.447	1.152

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	29	11	156
Carvão metalúrgico	497	411	387

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT[1] (%)	(46,4)	(126,5)	(59,7)
EBITDA ajustado[1]	(136)	(429)	(204)

[1] Excluindo itens não recorrentes

Metais básicos

Níquel teve a sua melhor produção para um segundo trimestre desde 2T08. A produção total de níquel no 2T13 foi de 65.000 t, em linha com 1T13 e 7,0% acima do 2T12. O *ramp-up* de VNC e o desempenho de Sorowako mais que compensaram o efeito das leves quedas de produção em Voisey's Bay e Thompson.

Em termos de produtos vendáveis, a produção de VNC alcançou o nível recorde de 6.600 t de níquel no 2T13, incluindo a produção de nossas refinarias asiáticas, predominantemente em Dalian, na China. Entretanto, o desempenho de VNC foi inferior ao 1T13 – 3.400 t de níquel contido em *nickel hydroxide cake* (NHC) e óxido de níquel (NiO) no 2T13 contra 5.100 t – devido à antecipação da manutenção programada da planta de ácido, inicialmente planejada para agosto de 2013. Em junho, o *ramp-up* de VNC foi retomado como planejado, operando com duas das três autoclaves simultaneamente e com segurança.

O volume de vendas de níquel aumentou de 63.000 t no 1T13 para 65.000 t, enquanto o preço médio de vendas caiu 12,1% em relação ao trimestre anterior. A receita foi de R$ 2,036 bilhões, 5,8% inferior à de R$ 2,162 bilhões no 1T13. Apesar de haver uma melhora nos volumes de venda (R$ 69 milhões), o impacto negativo dos preços de venda mais baixos ocasionou numa receita menor.

Os preços de níquel vêm apresentando uma tendência de baixa desde 2T11 principalmente como consequência de sobreoferta, o que levou a um acúmulo de mais de 100.000 toneladas métricas de estoques nos armazéns da LME nos últimos 18 meses. Os estoques reportados são estimados em representar cerca de nove semanas de consumo.

Nos preços atuais, o que igualmente a outras *commodities* também foram afetados negativamente pelas expectativas a respeito da política monetária dos Estados Unidos, uma parte significativa da capacidade da indústria global é negativa em caixa, uma situação que requer o encerramento de muitas operações. Não houve cortes de produção significativos entre os produtores de alto custo fora da China. Enquanto os produtores de níquel *pig iron* (NPI) de alto custo da China vêm cortando produção, isto vem sendo parcialmente compensado pela entrada de novos produtores *rotary kiln electric furnace* (RKEF) de baixo custo.

A substituição pela produção RKEF está levando a uma mudança estrutural para baixo da curva de custo do NPI, portanto reduzindo os preços de suporte do níquel.

A demanda global de níquel aumentou rapidamente no primeiro semestre deste ano, a um ritmo perto de 6%, principalmente devido ao crescimento da produção chinesa de aço inoxidável, dado que, com exceção do Sudeste da Ásia, outras regiões do mundo estão mostrando uma contração no uso do níquel.

Em adição às reduções de produção das minas de alto custo, uma retomada na demanda das economias desenvolvidas é outro fator potencial para a recuperação dos preços do níquel. No momento, somente no Japão estamos vendo os primeiros sinais de uma melhora na demanda. Esperamos que o crescimento das economias dos países desenvolvidos ganhe maior tração no último trimestre deste ano, gerando um impacto positivo na demanda global de níquel.

A produção de cobre atingiu o recorde de 91.300 t no 2T13. Isto foi possível, principalmente, em razão do *ramp-up* de Salobo I que produziu 15.300 t de cobre em concentrado, aproximadamente 60% de sua capacidade nominal, e 25.000 onças troy (oz) de ouro como subproduto no segundo trimestre.

O volume de vendas aumentou para 77.000 t de 72.000 t no 1T13, sendo o maior nível para um segundo trimestre na história da Vale. A receita de cobre foi R$ 1,013 bilhão, apresentando uma queda de 1,2% contra 1T13, uma vez

que o impacto negativo da queda do preço médio de vendas foi somente parcialmente mitigado pelo aumento do volume (R$ 18 milhões).

Os fundamentos de cobre permanecem relativamente bons, se comparados ao dos outros metais básicos. Entretanto, o aumento da produção nas minas, apesar das paradas em algumas operações importantes, e as expectativas negativas com a macroeconomia global levaram os preços de cobre a caírem abaixo dos US$ 7.000 por tonelada métrica. As preocupações com a demanda global junto com o *ramp-up* de novas minas mudaram a atenção do mercado para o excesso de oferta do mercado de cobre no médio prazo.

A produção de platina foi de 33.000 oz e a de paladium, 81.000 oz, 4,2% e 9,2% abaixo que no 1T13, respectivamente. As vendas de PGMs (*platinum group metals*) reduziram para 115.000 oz de 125.000 oz no trimestre anterior. As receitas totalizaram R$ 209 milhões versus R$ 250 milhões no 1T13, como consequência dos preços e volumes menores.

A produção de ouro alcançou um novo recorde de 63.000 oz no 2T13, 9,0% acima que no 1T13, principalmente devido ao aumento da produção de ouro como sub-produto das operações de cobre de Salobo. O volume de vendas melhorou significativamente, alcançando 70.000 oz contra 47.000 oz no 1T13. A receita das vendas de ouro recuperou para R$ 195 milhões de R$ 153 milhões no 1T13, devido à contribuição positiva do maior volume de vendas (R$ 72 milhões), parcialmente mitigado pelos preços realizados mais baixos.

No 2T13, a receita de metais básicos e de seus subprodutos foi de R$ 3,516 bilhões, 3,6% abaixo do trimestre anterior. A redução se deveu aos preços inferiores, uma vez que os volumes embarcados foram maiores no trimestre.

Os custos dos metais básicos, excluindo depreciação e amortização, foram de R$ 2,317 bilhões no trimestre. Após ajustar para os efeitos de maiores volumes vendidos (R$ 251 milhões) e de variação cambial (-R$ 6 milhões), os custos caíram R$ 53 milhões contra 1T13.

No 2T13, os metais básicos apresentaram despesas que incluíram uma receita da Vale Canada de R$ 368 milhões de pagamento de seguro pela companhia de resseguro da Vale relacionado ao incidente no ano passado na planta de ácido em VNC. Enquanto para o negócio de metais básicos isto é contabilizado como uma receita, para a companhia de resseguro da Vale é uma despesa, portanto não afeta o desempenho financeiro consolidado da Vale. As despesas - excluindo o efeito prêmio de seguro - totalizaram R$ 185 milhões no 2T13.

A margem EBIT para metais básicos foi de -1,8% no 2T13. Após excluir as despesas pré-operacionais de Long Harbour (R$ 89 milhões), de VNC (R$ 347 milhões) e as despesas com parada de Onça Puma (R$ 72 milhões), a margem EBIT alcançou 12,7%.

O EBITDA caiu para R$ 850 milhões no 2T13, contra R$ 1,376 bilhão no 1T13. Após excluir as despesas pré-operacionais e de parada, mencionadas à cima, o EBITDA atingiu R$ 923 milhões. O principal motivo para esta redução foi o impacto da queda dos preços de venda. Salobo apresentou o primeiro mês de EBITDA positivo em junho e deve passar a contribuir significativamente para os resultados, dada à diluição dos custos fixos sobre os volumes maiores.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BÁSICOS
VOLUME VENDIDO

mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Cobre	77	72	61
Níquel	65	63	63
Cobalto	773	805	570
Ouro (onça troy)	70	47	32
Prata (onça troy)	639	408	528
PGMs (onça troy)	115	125	114

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Níquel	2.036	2.162	2.197
Cobre	1.013	1.025	893
PGMs	209	250	225
Ouro	195	153	114
Prata	22	21	31
Cobalto	41	36	31
Total	**3.516**	**3.647**	**3.491**
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT[1] (%)	(1,8)	12,2	(17,6)
EBITDA ajustado[1]	963	1.494	502

[1] Excluindo itens não recorrentes

Fertilizantes

Nossas vendas são basicamente destinadas ao mercado brasileiro, onde a demanda por fertilizantes é mais concentrada no segundo semestre do ano, o que faz com que a nossa produção seja mais fraca no primeiro semestre do ano.

A produção de potássio foi de 113.000 t no 2T13, inferior ao 5,4% na comparação trimestral e 11,7% abaixo do 2T12, devido à parada não programada para manutenção. A produção de rocha fosfática – que é utilizada como insumo para a produção de fosfatados – foi de 1,896 Mt, em linha com os 1,991 Mt do trimestre anterior apesar de uma parada não programada para manutenção em Bayóvar.

A receita com as vendas de potássio caiu para R$ 107 milhões de R$ 113 milhões no 1T13, o volume de vendas apresentou uma ligeira queda para 117.000 t no 2T13 de 120.000 t no 1T13. O preço médio realizado no 2T13 foi 5,8% menor que no 1T13. A redução do preço foi o resultado da demanda mais fraca da China e da Índia que afetou os preços globais.

No 2T13, os embarques de rocha fosfática subiram 20,5%, para 711.000 t de 590.000 t no 1T13. Os embarques de MAP foram de 240.000 t, TSP 199.000 t, SSP 618.000 t e DCP 127.000 t.

As vendas de rocha fosfática atingiram R$ 1,197 bilhão no 2T13, 20,9% acima trimestre contra trimestre, devido ao aumento do volume de vendas de quase todos os produtos fosfatados (R$ 266 milhões), parcialmente compensados por menores preços resultado da fraca demanda global.

A receita de nitrogenados foi de R$ 302 milhões no 2T13, ficando 23,0% abaixo do trimestre passado. A queda na receita foi resultado de menores volumes de vendas em razão a venda da refinaria de Araucária concluída em 1º de junho de 2013. Como consequência, não vamos mais produzir ureia, enquanto que amônia será produzida exclusivamente em Cubatão. As vendas de outros produtos totalizaram R$ 52 milhões no 2T13.

A receita com as vendas de fertilizantes aumentou para R$ 1,658 bilhão no 2T13, 8,0% acima dos R$ 1,535 bilhão no trimestre anterior.

No 2T13, os custos de fertilizantes foram de R$ 1,222 bilhão, líquido de depreciação, em linha com o 1T13 após excluir os efeitos de maiores volumes (R$ 48 milhões) e câmbio (R$ 4 milhões). As despesas com fertilizantes reduziram trimestralmente, de R$ 99 milhões no 2T13 contra R$ 138 milhões no trimestre anterior. Despesas pré-operacionais e de parada foram R$ 173 milhões, devido ao efeito da parada do projeto Rio Colorado, R$ 145 milhões.

A margem EBIT para fertilizantes foi -9,2% no 2T13, menor que os -5,1% no trimestre anterior, impactado negativamente pelo declínio de preço e despesas associadas à parada do projeto Rio Colorado.

O EBITDA para fertilizantes foi de R$ 71 milhões no 2T13, comparado com os R$ 165 milhões no 1T13. Excluindo o efeito da parada do projeto Rio Colorado, o EBITDA gerado pelas operações existentes de fertilizantes foi de R$ 216 milhões no 2T13, mostrando assim uma melhora contra os R$ 51 milhões do 1T13 mesmo com preços mais baixos.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Potássio	117	120	164
Fosfatados			
MAP	240	298	268
TSP	199	94	239
SSP	618	430	693
DCP	127	100	123
Rocha fosfática	711	590	746
Nitrogenados	229	305	322
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Potássio	107	113	159
Fosfatados	1.197	990	1.239
Nitrogenados	302	392	379
Outros	52	40	37
Total	**1.658**	**1.535**	**1.814**
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT[1] (%)	(9,2)	(5,1)	4,9
EBITDA ajustado[1]	82	181	354

[1] Excluindo itens não recorrentes

Serviços de logística

A receita de serviços de logística para carga geral, que estão sob as concessões e contratos da VLI[16], totalizaram R$ 887 milhões, um aumento de 32,8% em relação aos R$ 668 milhões no 1T13, devido aos maiores preços e volumes transportados.

A receita proveniente do transporte ferroviário de carga geral foi de R$ 721 milhões, melhor que os R$ 556 milhões no 1T13, devido aos maiores volumes de grãos transportados com o início da safra.

As ferrovias sob concessão e contratos da VLI com a Vale – Carajás (EFC), Vitória Minas (EFVM), Norte-Sul (FNS) e Centro-Atlântica (FCA) – transportaram 7,793 bilhões tku[17] de carga geral para clientes no 2T13, 18,1% acima dos 6,599 bilhões tku no 1T13.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 2T13 foram produtos agrícolas (55,9%), insumos e produtos siderúrgicos (25,7%), materiais de construção e produtos florestais (11,6%), combustíveis (6,3%) e outros (0,4%).

O volume de produtos agrícolas transportados aumentou no 2T13 impulsionado pelo crescimento da quantidade grãos transportados. Produtos da indústria do aço continuaram a enfrentar desafios, devido à fraca demanda do mercado.

Os serviços portuários geraram uma receita de R$ 166 milhões, 48,2% acima dos R$ 112 milhões no 1T13. Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 6,532 Mt de carga geral, 57,5% maior que os 4,149 Mt no 1T13. A razão

[16] Subsidiária integral da Vale, que consolida o segmento de carga geral.
[17] tku=tonelada por quilômetro útil.

pelo aumento em relação ao último trimestre foi o início do período de safra no 2T13, que foi mais forte para a soja e milho.

No 2T13, os custos com serviços de logística – excluindo depreciação e amortização – foram de R$ 553 milhões contra R$ 504 milhões no 1T13. Após o ajuste para efeitos de maiores volumes (R$ 43 milhões) e preços, os custos caíram em R$ 74 milhões, principalmente devido a efeitos de menores custos com pessoal de R$ 54 milhões.

A margem EBIT aumentou para 4,7% no 2T13, comparado ao -18,6% no trimestre anterior.

Os serviços de logística tiveram uma geração de caixa positiva, medida pelo EBITDA, de R$ 118 milhões contra R$ 28 milhões negativos no 1T13. As principais razões para a melhora foram à redução do CPV (R$ 62 milhões) e maiores volumes de vendas (R$ 165 milhões).

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA SERVIÇOS DE LOGÍSTICA			
	2T13	1T13	2T12
Ferrovias (milhões de tku)	7.793	6.599	5.787
Portos (mil toneladas)	6.532	4.148	6.421
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Ferrovias	721	556	573
Portos	166	112	226
Total	**887**	**668**	**799**
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	2T13	1T13	2T12
Margem EBIT (%)	4,7	(18,6)	(13,4)
EBITDA ajustado (R$ milhões)	123	(19)	18

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, www.vale.com/ Investidores/Resultados Trimestrais e Relatórios/Demonstrações Contábeis - Vale

TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 08 de agosto, quinta-feira, serão realizadas duas conferências telefônicas e webcasts. A primeira, em português, ocorrerá às 10:00 horas, horário do Rio de Janeiro. A segunda, em inglês, às 12:00 horas do Rio de Janeiro, às 11:00 horas em Nova Iorque, às 16:00 horas em Londres e 23:00 horas em Hong Kong.

Acesso às conferências telefônicas/webcasts:

Conferência em português:
Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341
Participantes que ligam dos EUA: (1 855) 281-6021
Participantes que ligam de outros países: (1 786) 924-6977
Código de acesso: VALE

Conferência em inglês:
Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341
Participantes que ligam dos EUA: (1 866) 262-4553
Participantes que ligam de outros países: (1 412) 317-6029
Código de acesso: VALE
A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 08 de agosto de 2013.

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO

R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Receita operacional	**23.373**	**22.332**	**25.087**
Impostos	(502)	(531)	(504)
Receita operacional líquida	**22.871**	**21.801**	**24.583**
Custo dos produtos vendidos	(12.865)	(11.438)	(12.846)
Lucro bruto	**10.006**	**10.363**	**11.738**
Margem bruta (%)	43,7%	47,5%	47,7%
Receitas (Despesas) operacionais	**(2.497)**	**(2.085)**	**(3.906)**
Vendas	(54)	(78)	(255)
Administrativas	(617)	(668)	(952)
Pesquisa e desenvolvimento	(323)	(354)	(708)
Outras despesas operacionais, líquidas	(1.502)	(985)	(1.223)
Ganho na venda de ativos	-	-	(768)
Lucro operacional	**7.509**	**8.278**	**7.831**
Resultado de participações societárias	104	341	310
Resultado financeiro líquido	(7.003)	(666)	(5.137)
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	**610**	**7.953**	**3.004**
IR e contribuição Social	153	(1.866)	2.183
Participações minoritárias	68	114	133
Lucro líquido	**832**	**6.201**	**5.321**
Lucro por ação (R$)	**0,16**	**1,20**	**1,04**

BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO

R$ milhões	30/06/2013	31/03/2013	30/06/2012
Ativo			
Circulante	46.937	46.179	41.206
Realizável a longo prazo	21.126	16.043	10.960
Permanente	214.058	206.563	201.336
Total	**282.121**	**268.785**	**253.501**
Passivo			
Circulante	24.768	22.993	18.404
Exigível a longo prazo	97.472	89.274	74.482
Outros	3.219	3.096	3.115
Patrimônio líquido	**156.663**	**153.422**	**157.501**
Capital social	75.000	75.000	75.000
Reservas	81.180	84.800	79.027
Ajustes de avaliação patrimonial	483	(6.378)	3.474
Total	**282.121**	**268.785**	**253.501**

FLUXO DE CAIXA

R$ milhões	2T13	1T13	2T12
Fluxos de caixa provenientes das operações:			
Lucro líquido do período	764	6.087	5.187
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Resultado de participações societárias	(104)	(342)	(310)
Resultado na venda de ativos	-	(484)	768
Depreciação, exaustão e amortização	2.229	2.094	2.040
Imposto de renda e contribuição social diferidos	(713)	(330)	(2.183)
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	1.389	(155)	862
Baixa na alienação de bens do imobilizado	123	155	360
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	2.193	(25)	1.258
Debêntures	170	336	(542)
Outros	180	(136)	(352)
Redução (aumento) em ativos:			
Contas a receber	2.100	752	342
Estoques	775	(675)	309
Tributos a Recuperar	(249)	25	(760)
Outros	(138)	379	(106)
Aumento (redução) em passivos:			
Fornecedores e empreiteiros	492	(730)	556
Salários e encargos sociais	419	(1.315)	575
Tributos e Contribuições	188	(56)	(203)
Operação de ouro	-	2,899	-
Outros	107	(515)	908
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	**9.924**	**7.963**	**8.710**
Investimentos a curto prazo	322	(639)	-
Empréstimos e adiantamentos	(183)	49	19
Garantias e depósitos	(37)	(49)	(155)
Adições em investimentos	(219)	(367)	(84)
Adições ao imobilizado	(5.834)	(7.457)	(6.541)
Dividendos/juros sobre capital próprio recebidos	553	-	226
Recursos provenientes da alienação de bens do imobilizado/investimentos	-	190	745
Recursos provenientes da transação de ouro	-	1,161	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	**(5.399)**	**(7.112)**	**(5.791)**
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	(101)	(28)	44
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	1.087	258	3.430
Instituições financeiras	(211)	(786)	(996)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas	(4.453)	-	(5.481)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas não controladores	(23)	-	(70)
Transações com acionistas não controladores	-	-	(848)
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	**(3.701)**	**(556)**	**(3.919)**
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	825	295	(1.000)
Caixa e equivalentes no início do período	12.197	11.918	9.011
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	105	(15)	107
Caixa e equivalentes no final do período	**13.126**	**12.197**	**8.118**
Juros de curto prazo	(1)	-	-
Juros de longo prazo	(736)	(873)	(695)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(778)	(1.640)	(550)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	82	237	149

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções "Estimativas e projeções" e "Fatores de risco" no Relatório Anual - Form 20F da Vale.

CUMPRINDO O PROMETIDO: CONTINUANDO A REDUZIR CUSTOS

DESEMPENHO DA VALE NO 2T13

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
HKEx: 6210, 6230
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
LATIBEX: XVALO, XVALP

Rio de Janeiro, 07 de agosto de 2013 – A Vale S.A. (Vale) teve um sólido desempenho financeiro no segundo trimestre de 2013 (2T13) em um ambiente de crescimento econômico global abaixo da tendência histórica e de preços de minérios e metais em declínio. A receita operacional foi de US$ 11,3 bilhões, o lucro operacional, medido pelo EBIT ajustado, atingiu US$ 3,6 bilhões, o EBITDA ajustado, de US$ 5,0 bilhões, e o lucro básico, US$ 3,3 bilhões, US$ 0,64 por ação.

A produção de cobre, ouro e carvão alcançou o recorde histórico de 91.300 t[1], 63.000 oz e 2,4 Mt, respectivamente, enquanto a produção de níquel se manteve estável em 65.000 t, o seu melhor segundo trimestre desde 2T08. Salobo seguiu com sucesso o processo de *ramp-up* e começou a gerar caixa em junho.

Estamos executando o nosso plano de negócios, o qual oferece os benefícios de uma vasta base de recursos naturais de classe mundial e múltiplas oportunidades de criação de valor para o acionista, sustentado pelo maior foco na disciplina de alocação de capital e gestão de custos, robustez financeira e uma infraestrutura logística eficiente. Nesse contexto, estamos concluindo projetos importantes de metais básicos, como Salobo II, cobre, executando alguns projetos de *bulk materials* de classe mundial, como Carajás S11D, de minério de ferro, e Moatize II, de carvão, expandindo o nosso sistema logístico - Teluk Rubiah, CLN S11D e o Corredor de Nacala – para apoiar eficientemente nossas operações globais. Simultaneamente, estamos realizando o desinvestimento de ativos *non-core*, reduzindo despesas de pesquisa e desenvolvimento (P&D), custos operacionais e gastos corporativos, e mantendo um forte balanço.

Continuamos a entregar o prometido. As diversas iniciativas em curso estão gerando melhorias em série: os custos e despesas totais[2] caíram US$ 736 milhões no 2T13 em relação ao 2T12, uma redução acumulada de US$ 1,6 bilhão no primeiro semestre de 2013 (1S13) em comparação com o 1S12 – devido principalmente à queda nos custos US$ 845 milhões (8%), despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A), US$ 435 milhões (42%) e P&D, US$ 324 milhões (49%)[3].

Apoiado pelo corte de custos, o EBITDA ajustado permaneceu estável em US$ 10,2 bilhões no primeiro semestre do ano, reduzindo apenas US$ 304 milhões ano a ano, apesar da queda de US$ 2,1 bilhões na receita causada principalmente por preços mais baixos.

Estamos comprometidos em manter nossos esforços para obter uma estrutura de custos consistente com a contínua criação de valor através dos ciclos. Além dos nossos esforços, o desempenho de custo no 2T13 foi obtido com uma taxa de câmbio média BRL/USD de 2,07 no 2T13, destacando assim, potenciais

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de
Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano
Andrea Gutman
Christian Perlingiere
Marcelo Bonança
Marcelo Lobato
Marcio Penna
Samantha Pons
Tel: (5521) 3814-4540

[1] t: toneladas métricas, oz: onças troy, Mt: milhões de toneladas métricas.
[2] Líquidos de depreciação e perdas na venda de ativos.
[3] O valor de pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste *press release*, apresentamos o valor para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro.

oportunidades para novas economias, uma vez que a taxa de câmbio BRL/USD foi de 2,23 ao final do 2T13.

As vendas de minério de ferro ficaram um pouco acima do planejado, 61,9 Mt no 2T13 e 117,6 Mt no 1S13, e em linha com o 1S12. O preço médio dos nossos embarques passou para US$ 99,20 de US$ 111,70 no 1T13, pois conseguimos mitigar o efeito da queda do IODEX 62% Fe para US$ 125,95 no 2T13 de US$ 148,40, dados os diferentes mecanismos de precificação no nosso portfólio de vendas. A receita se manteve em US$ 6,1 bilhões e o EBITDA ajustado de minerais ferrosos ficou estável em US$ 4,7 bilhões, no mesmo nível do 1T13.

Nossa dívida total chegou a US$ 29,9 bilhões e era de US$ 30,2 bilhões no final do 1T13, apesar de termos pago US$ 2,25 bilhões em dividendos e investido US$ 3,6 bilhões no 2T13, o que contribuiu para manter nossa alavancagem financeira em 1,6 vezes o EBITDA ajustado dos últimos doze meses – um nível baixo para o atual estágio do ciclo.

A posição de caixa foi fortalecida por importantes avanços na gestão do capital de giro, resultado de uma série de iniciativas para aumentar a eficiência e otimizar a gestão do capital. O número de dias de contas a receber diminuiu para 40,1 no 2T13 contra 50,6 no 1T13. Isso contribuiu para liberar US$ 1,3 bilhão de caixa comparando-se com março de 2013. Nossos estoques também caíram US$ 378 milhões no 2T13, em relação ao 1T13.

Atingimos um marco importante em julho com a emissão, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), da licença ambiental de instalação (LI) para Carajás S11D, projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria global. Com a combinação de alta qualidade e baixo custo operacional, S11D tem alto potencial de criação de valor para os acionistas, mesmo diante de um cenário de preços baixos de minério de ferro.

Também concluímos diversas obras para aumentar a capacidade ferroviária da Estrada de Ferro Carajás (EFC), uma peça fundamental para a plena operação do projeto Adicional 40 Mtpa.

A licença para a implementação do S11D, o melhor desempenho operacional dos metais básicos, tendo em vista o sucesso do *ramp-up* de Salobo, e o forte desempenho financeiro apoiado por custos e despesas mais baixos claramente posicionam a Vale entre os vencedores da indústria de recursos naturais nos próximos anos.

Os principais destaques do desempenho da Vale no 2T13 foram:

- Receita operacional de US$ 11,3 bilhões, em linha com o 1T13. O maior volume vendido foi parcialmente compensado por preços menores.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT ajustado[(a)] (lucros antes de juros e impostos), de US$ 3,6 bilhões, contra US$ 4,2 bilhões no 1T13.
- Margem operacional de 32,7%, medida pela margem EBIT ajustado.
- Lucro básico[(g)] de US$ 3,3 bilhões, equivalente a US$ 0,64 por ação diluído, contra US$ 3,1 bilhões no 1T13, líquido de efeitos não-caixa e/ou não recorrentes.
- Geração de caixa, medida pelo EBITDA ajustado[(b)] (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de US$ 5,0 bilhões no 2T13, contra US$ 5,2 bilhões no trimestre anterior.
- Capex – excluindo aquisições – no 2T13 foi de US$ 3,6 bilhões, 9,8% e 16,1% menor do que no 1T13 e no 2T12, respectivamente. Despesas

com P&D foram reduzidas em US$ 113 milhões na comparação trimestral e em US$ 241 milhões em base anual.

- Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US$ 262 milhões, US$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US$ 48 milhões para projetos sociais.
- A primeira parcela no valor de US$ 2,25 bilhões da remuneração mínima aos acionistas em 2013, de US$ 4,0 bilhões, foi paga aos acionistas em 30 de abril de 2013.
- Preservação de um balanço extremamente saudável, com baixa alavancagem, medida pela dívida bruta/EBITDA ajustado dos últimos doze meses excluindo itens não recorrentes, igual a 1,6x, longo prazo médio da dívida, 9,9 anos, e baixo custo médio, 4,5% ao ano, em 30 de junho de 2013.

Tabela 1 - INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

US$ milhões	2T13 (A)	1T13 (B)	2T12 (C)	% (A/B)	% (A/C)
Receita operacional	11.277	11.201	12.726	0,7	(11,4)
EBIT ajustado[1]	3.602	4.156	4.339	(13,3)	(17,0)
Margem EBIT ajustado[1] (%)	32,7	38,0	34,8		
EBITDA ajustado[1]	4.957	5.202	5.497	(4,7)	(9,8)
Lucro líquido básico[1]	3.287	3.089	4.081	6,4	(19,5)
Lucro líquido básico por ação diluído[1] (US$/ação)	0,64	0,60	0,80	6,4	(20,3)
Dívida bruta/LTM EBITDA ajustado[1] (x)	1,6	1,6	0,9	1,7	70,7
ROIC (%)	21,9	22,0	31,9		
Investimentos e P&D (exclui aquisições)	3.597	3.987	4.287	(9,8)	(16,1)

[1] Excluindo efeitos não recorrentes e/ou não-caixa

US$ milhões	1S13 (A)	1S12 (B)	% (B/A)
Receita operacional	22.478	24.563	(8,5)
EBIT ajustado[1]	7.758	8.232	(5,8)
Margem EBIT ajustado[1] (%)	35,3	34,3	
EBITDA ajustado[1]	10.159	10.463	(2,9)
Lucro líquido básico[1]	6.376	7.392	(13,7)
Lucro líquido básico por ação diluído[1] (US$/ação)	1,24	1,44	(14,2)
Investimentos e P&D (exclui aquisições)	7.584	7.964	(4,8)

[1] Excluindo efeitos não recorrentes e/ou não-caixa

As informações operacionais e financeiras contidas neste press release, exceto quando de outra forma indicado, são apresentadas com base em números consolidados de acordo com o IFRS. Tais informações, com exceção daquelas referentes a investimentos e ao comportamento dos mercados, são baseadas em demonstrações contábeis trimestrais revisadas pelos auditores independentes. As principais subsidiárias da Vale consolidadas são: Compañia Minera Miski Mayo S.A.C., Ferrovia Centro-Atlântica S.A.(FCA), Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A., PT Vale Indonesia Tbk (anteriormente International Nickel Indonesia Tbk), Sociedad Contractual Minera Tres Valles, Vale Australia Pty Ltd., Vale International Holdings GMBH, Vale Canada Limited (anteriormente Vale Inco Limited), Vale Fertilizantes S.A., Vale International S.A., Vale Manganês S.A., Vale Mina do Azul S.A., Vale Moçambique S.A., Vale Nouvelle-Calédonie SAS, Vale Oman Pelletizing Company LLC e Vale Shipping Holding PTE Ltd.

ÍNDICE

CUMPRINDO O PROMETIDO: CONTINUANDO A REDUZIR CUSTOS **1**

Tabela 1 - INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS 3

RECEITA OPERACIONAL **5**

Tabela 2 - RECEITA OPERACIONAL POR ÁREA DE NEGÓCIO 5

Tabela 3 - RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO 6

CUSTOS E DESPESAS **6**

Tabela 4 - CPV E DESPESAS 8

LUCRO LÍQUIDO **8**

BOX - EFEITOS DA VOLATILIDADE DO CÂMBIO NO DESEMPENHO FINANCEIRO DA VALE **10**

LUCRO OPERACIONAL E GERAÇÃO DE CAIXA **11**

Tabela 5 - EBITDA AJUSTADO 12

Tabela 6 - EBITDA AJUSTADO POR SEGMENTO 12

INVESTIMENTOS **12**

Tabela 7 - INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA 14

Tabela 8 - INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO 14

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO **19**

Tabela 9 - INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO 19

O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS **20**

Tabela 10 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS 22

Tabela 11 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO 23

Tabela 12 - BULK MATERIALS: INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS 24

Tabela 13 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BÁSICOS 26

Tabela 14 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES 27

Tabela 15 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA 29

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS **29**

TELECONFERÊNCIA / WEBCAST **29**

ANEXO 1 – INFORMAÇÕES CONTÁBEIS **30**

Tabela 16 - DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO 30

Tabela 17 - RESULTADO FINANCEIRO 30

Tabela 18 - RESULTADO DE PARTICIPAÇÕES SOCIETÁRIAS 30

Tabela 19 - BALANÇO PATRIMONIAL 31

Tabela 20 - FLUXO DE CAIXA 32

ANEXO 2 – VENDAS, PREÇOS, MARGENS E GERAÇÃO DE CAIXA **33**

Tabela 21 - VOLUME VENDIDO - MINÉRIOS E METAIS 33

Tabela 22 - PREÇOS MÉDIOS 33

Tabela 23 - MARGENS OPERACIONAIS POR SEGMENTO (MARGEM EBIT AJUSTADO) 34

ANEXO 3 – RECONCILIAÇÃO DE INFORMAÇÕES "NÃO-GAAP" E INFORMAÇÕES CORRESPONDENTES EM IFRS **35**

RECEITA OPERACIONAL

A receita operacional totalizou US$ 11,277 bilhões, 0,7% acima do 1T13. O aumento em relação ao trimestre anterior deveu-se aos embarques mais elevados no 2T13 em todos os segmentos de negócio (US$ 1,132 bilhão), composto por maiores volumes de *bulk materials* (US$ 886 milhões), metais básicos (US$ 101 milhões), fertilizantes (US$ 62 milhões) e carga geral (US$ 83 milhões). Os ganhos foram compensados por preços menores (US$ 1,056 bilhão), principalmente de *bulk materials* (US$ 897 milhões), metais básicos (US$ 244 milhões) e fertilizantes (US$ 26 milhões).

A participação de *bulk materials* – minério de ferro, pelotas, manganês, ferroligas, carvão metalúrgico e térmico – na receita operacional foi de 71,2%, em linha com 71,8% no 1T13. A participação de metais básicos na receita caiu para 15,1% contra 16,4% no 1T13. A de fertilizantes aumentou ligeiramente de 6,9% no 1T13 para 7,1%. Serviços de transporte de carga geral representaram 3,8% da receita total, e outros produtos 3,0%.

Os embarques para a Ásia representaram 50,1% da receita total, contra 51,3% no 1T13. A parcela das Américas continuou subindo de 26,1% no 1T13 para 27,4%. Os embarques para a Europa representaram 17,8%, ligeiramente abaixo de 18,5% no trimestre anterior. A receita dos embarques para o Oriente Médio foi de 3,3% da receita total, e o resto do mundo contribuiu com 1,4%.

Considerando as vendas por país, as destinadas à China somaram 31,5% da receita total, Brasil 20,3%, Japão 10,6%, Alemanha 7,2%, Coreia do Sul 3,9% e Estados Unidos 3,2%.

Tabela 2 - RECEITA OPERACIONAL POR ÁREA DE NEGÓCIO

US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	**8.031**	**71,2**	**8.042**	**71,8**	**9.510**	**74,7**
Minerais ferrosos	**7.777**	**69,0**	**7.831**	**69,9**	**9.234**	**72,6**
Minério de ferro	6.143	54,5	6.219	55,5	7.081	55,6
Pelotas	1.498	13,3	1.458	13,0	1.952	15,3
Manganês	52	0,5	64	0,6	63	0,5
Ferroligas	56	0,5	66	0,6	129	1,0
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	-	-	9	0,1
Outros	28	0,2	24	0,2	-	-
Carvão	**254**	**2,3**	**211**	**1,9**	**276**	**2,2**
Carvão Térmico	14	0,1	6	0,1	79	0,6
Carvão Metalúrgico	240	2,1	206	1,8	197	1,5
Metais básicos	**1.699**	**15,1**	**1.842**	**16,4**	**1.781**	**14,0**
Níquel	983	8,7	1.084	9,7	1.119	8,8
Cobre	472	4,2	514	4,6	458	3,6
PGMs	105	0,9	125	1,1	115	0,9
Ouro	96	0,8	77	0,7	58	0,5
Prata	11	0,1	11	0,1	15	0,1
Cobalto	19	0,2	18	0,2	16	0,1
Outros	14	0,1	14	0,1	-	-
Fertilizantes	**805**	**7,1**	**769**	**6,9**	**923**	**7,3**
Potássio	52	0,5	57	0,5	81	0,6
Fosfatados	580	5,1	496	4,4	630	4,9
Nitrogenados	148	1,3	196	1,8	193	1,5
Outros	25	0,2	20	0,2	19	0,1
Serviços de logística	**430**	**3,8**	**337**	**3,0**	**408**	**3,2**
Ferrovias	350	3,1	281	2,5	294	2,3
Portos	80	0,7	56	0,5	114	0,9
Outros	**312**	**2,8**	**211**	**1,9**	**104**	**0,8**
Total	**11.277**	**100,0**	**11.201**	**100,0**	**12.726**	**100,0**

Tabela 3 - RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO

US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
América do Norte	**603**	**5,3**	**631**	**5,6**	**686**	**5,4**
EUA	360	3,2	316	2,8	410	3,2
Canadá	237	2,1	310	2,8	265	2,1
México	5	-	5	-	11	0,1
América do Sul	**2.492**	**22,1**	**2.290**	**20,4**	**2.523**	**19,8**
Brasil	2.284	20,3	2.100	18,7	2.312	18,2
Outros	209	1,8	191	1,7	212	1,7
Ásia	**5.646**	**50,1**	**5.746**	**51,3**	**6.776**	**53,2**
China	3.552	31,5	4.442	39,7	4.346	34,2
Japão	1.196	10,6	498	4,4	1.273	10,0
Coreia do Sul	441	3,9	358	3,2	591	4,6
Taiwan	278	2,5	282	2,5	356	2,8
Outros	179	1,6	166	1,5	210	1,6
Europa	**2.011**	**17,8**	**2.067**	**18,5**	**2.328**	**18,3**
Alemanha	807	7,2	681	6,1	744	5,8
França	167	1,5	309	2,8	149	1,2
Holanda	77	0,7	102	0,9	73	0,6
Reino Unido	251	2,2	200	1,8	214	1,7
Itália	301	2,7	283	2,5	498	3,9
Turquia	50	0,4	62	0,6	124	1,0
Espanha	89	0,8	81	0,7	108	0,8
Outros	269	2,4	349	3,1	418	3,3
Oriente Médio	**368**	**3,3**	**343**	**3,1**	**289**	**2,3**
Resto do mundo	**157**	**1,4**	**123**	**1,1**	**124**	**1,0**
Total	**11.277**	**100,0**	**11.201**	**100,0**	**12.726**	**100,0**

CUSTOS E DESPESAS

Custos e despesas tiveram um desempenho de acordo com os nossos planos e iniciativas, com o objetivo de reduzir permanentemente nossa estrutura de custos para permitir a criação de valor para os acionistas através dos ciclos. Neste ano, a redução de custos e despesas tem sido uma fonte importante de melhora no nosso desempenho financeiro. No entanto, como temos enfatizado algumas vezes, este é um processo longo e que depende de persistência e paciência.

Comparando com o 2T12, os custos e despesas, líquidos de depreciação, mostraram uma redução material no 2T13, com economias de US$ 736 milhões, ao mesmo tempo em que os custos e despesas no 1S13 ficaram US$ 1,6 bilhão abaixo do 1S12. Este desempenho foi alcançado mesmo com os novos impostos estaduais de mineração (TFRM) que impactaram os custos no 2T13 (US$ 48 milhões), totalizando US$ 98 milhões no 1S13, contra nenhum impacto no primeiro semestre no ano passado.

Após o ajuste dos efeitos de maiores volumes (US$ 695 milhões), o custo com produtos vendidos (CPV) caiu US$ 192 milhões em relação ao 1T13, apresentando queda na maioria dos itens. A volatilidade cambial ajudou a diminuir o CPV em US$ 133 milhões[4].

Os custos com materiais – 16,3% do CPV – foram de US$ 1,014 bilhão, subindo 5,7% em relação ao 1T13. Ajustando para os efeitos de volume e variação cambial, houve uma redução líquida de US$ 28 milhões, como consequência de menores custos com materiais para as operações de fosfatados, totalizando US$ 31 milhões, devido à mudança no *mix* de produto.

O custo de aquisição de produtos de terceiros foi de US$ 412 milhões – 6,6% do CPV – contra US$ 284 milhões no 1T13 e US$ 377 milhões no 2T12. A compra de minério de ferro aumentou de 1,8 Mt, no 1T13, para 2,4 Mt, no 2T13.

[4] A Composição do CPV por moeda no 2T13 foi de: 54% em reais, 27% em dólares americanos, 14% em dólares canadenses, 3% dólares australianos e 2% em outras moedas.

Compramos 1.600 t de níquel refinado e intermediário contra 1.300 t no 1T13, e adquirimos 6.100 t de cobre contra 7.800 t no 1T13. O custo de outros produtos aumentou US$ 185 milhões no 2T13, incluindo principalmente metais preciosos a serem processados na refinaria de Acton para utilizar capacidade ociosa.

Custos com frete marítimo alcançaram US$ 679 milhões no 2T13, que – conforme mencionado anteriormente – foram integralmente contabilizados como CPV. Os custos com frete no 2T13 aumentaram US$ 76 milhões em relação ao 1T13 devido ao uso de rotas diferentes, como por exemplo, à maior proporção de embarques de Corumbá para a Ásia, e filas mais longas no terminal marítimo de Ponta da Madeira[5].

Outros custos operacionais atingiram US$ 597 milhões em linha com os US$ 590 milhões em 1T13. O TFRM foi US$ 48 milhões no 2T13, uma redução de US$ 2 milhões quando comparado ao 1T13. A CFEM, *royalty* de mineração brasileiro, foi de US$ 119 milhões, ficando US$ 14 milhões acima do 1T13.

No 2T13, as despesas com SG&A caíram 47,3% em relação ao 2T12, apresentando uma economia de US$ 291 milhões. Na comparação com o 1T13, SG&A diminuiu 13,4%, com uma redução de US$ 50 milhões. Despesas com P&D[6] também se retraíram totalizando US$ 158 milhões, contra US$ 359 milhões no 2T12 e US$ 176 milhões no 1T13.

No 2T13, revisamos o conceito de despesas pré-operacionais, de parada e capacidade ociosa para despesas pré-operacionais e de parada. As despesas pré-operacionais e de parada[7] aumentaram de US$ 375 milhões no 1T13 para US$ 462 milhões no 2T13.

Despesas pré-operacionais foram de US$ 323 milhões no 2T13, refletindo despesas com VNC (US$ 168 milhões), Long Harbour (US$ 43 milhões), S11D (US$ 28 milhões) e Conceição Itabiritos (US$ 15 milhões). Quando os projetos entrarem em *ramp-up*, e as receitas cobrirem os custos, as despesas pré-operacionais serão transferidas para o CPV. As despesas pré-operacionais também incluem custos com a gestão de projetos na fase de construção, o que explica o aumento significativo desse tipo de despesa com S11D, por exemplo.

Despesas com paradas alcançaram US$ 139 milhões no 2T13, devido à suspensão do projeto Rio Colorado (US$ 76 milhões), à parada das pelotizadoras (US$ 28 milhões) e Onça Puma (US$ 35 milhões).

Outras despesas operacionais aumentaram US$ 129 milhões comparadas ao 1T13, totalizando US$ 263 milhões no 2T13. Excluindo o efeito não recorrente da transação de *gold streaming*, outras despesas caíram US$ 115 milhões no 2T13. A comparação com o 2T12 também é positiva, com uma redução de US$ 17 milhões a partir dos US$ 280 milhões.

[5] Os custos com *demurrage* foram de US$ 81 milhões no 2T13, contra US$ 100 milhões no 1T13. Vale notar que o *demurrage* é contabilizado como custo de frete marítimo no caso de navios na modalidade de *time charter*. Enquanto o *demurrage* é contabilizado como "outros custos" para navios na modalidade de *voyage charter*.

[6] O valor das pesquisas e desenvolvimento é contábil. Na seção Investimentos deste *press release*, apresentamos o valor de US$ 155 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com desembolso financeiro no 2T13.

[7] Incluindo depreciação.

Tabela 4 - COMPOSIÇÃO DO CPV CPV						
US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Serviços contratados	**978**	**15.7**	**868**	**15.2**	**1,285**	**19.6**
Transportes	305	4.9	248	4.3	323	4.9
Manutenção	168	2.7	163	2.8	215	3.3
Serviços operacionais	98	1.6	134	2.3	281	4.3
Outros	407	6.5	323	5.7	466	7.1
Material	**1,014**	**16.3**	**959**	**16.8**	**1,091**	**16.7**
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	291	4.7	279	4.9	357	5.5
Insumos	462	7.4	448	7.8	524	8.0
Pneus e correias transportadoras	56	0.9	134	2.3	55	0.8
Outros	205	3.3	98	1.7	154	2.4
Energia	**639**	**10.3**	**621**	**10.9**	**741**	**11.3**
Óleo combustível e gases	490	7.9	461	8.1	527	8.0
Energia elétrica	149	2.4	160	2.8	213	3.3
Aquisição de produtos	**412**	**6.6**	**284**	**5.0**	**377**	**5.8**
Minério de ferro e pelotas	110	1.8	66	1.2	221	3.4
Produtos de níquel	117	1.9	118	2.1	85	1.3
Outros produtos	185	3.0	100	1.7	72	1.1
Pessoal	**836**	**13.4**	**786**	**13.7**	**909**	**13.9**
Frete	**679**	**10.9**	**603**	**10.5**	**576**	**8.8**
Depreciação e exaustão	**975**	**15.7**	**927**	**16.2**	**940**	**14.3**
Serviços compartilhados	**93**	**1.5**	**82**	**1.4**	**76**	**1.2**
Outros	**597**	**9.6**	**590**	**10.3**	**557**	**8.5**
Total	**6,223**	**100.0**	**5,720**	**100.0**	**6,552**	**100.0**

SG&A, P&D e outras despesas						
US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
SG&A	**324**	**26.8**	**374**	**35.3**	**615**	**39.0**
Administrativas	296	24.5	336	31.7	483	30.6
Pessoal	139	11.5	154	14.5	193	12.2
Serviços	66	5.5	72	6.8	118	7.5
Depreciação	41	3.4	55	5.2	52	3.3
Outros	50	4.1	55	5.2	120	7.6
Vendas	28	2.3	38	3.6	132	8.4
P&D	**158**	**13.1**	**176**	**16.6**	**359**	**22.8**
Despesas pré-operacionais, de parada	**462**	**38.3**	**375**	**35.4**	**324**	**20.5**
Outras despesas operacionais	**263**	**21.8**	**134**	**12.7**	**280**	**17.7**
Total[1]	**1,207**	**100.0**	**1,059**	**100.0**	**1,578**	**100.0**

[1] Não inclui ganhos/perdas nas vendas de ativos

LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido básico no 2T13 foi de US$ 3,287 bilhões, equivalente a US$ 0,64 por ação diluído, contra US$ 3,089 bilhões no 1T13. O lucro líquido básico é o lucro excluindo os efeitos contábeis não-caixa e/ou não recorrentes que no 2T13 incluíram: (i) marcação a mercado das debêntures participativas (-US$ 84 milhões), (ii) câmbio e perdas monetárias (- US$ 1,965 bilhão) e (iii) perdas com *swaps* de moedas (- US$ 814 milhões).

Com a inclusão das mudanças contábeis, que não afetam nosso resultado financeiro real, mas devem ser aplicadas de acordo com regras gerais de contabilidade do IFRS, nosso lucro líquido foi de US$ 424 milhões no 2T13[8].

O resultado financeiro líquido foi de - US$ 3,327 bilhões no 2T13, contra - US$ 345 milhões no trimestre anterior. A forte apreciação do dólar americano (USD) em relação ao real (BRL) – 10,5% comparando os preços finais do 2T13 e 1T13 – foi a principal razão do impacto negativo nas variações monetárias e cambiais de US$ 1,965 bilhão.[9]

As receitas financeiras totalizaram US$ 158 milhões, mais que o dobro do trimestre passado (US$ 71 milhões). As despesas financeiras caíram para US$ 537 milhões de US$ 604 milhões no trimestre anterior, devido principalmente à redução do efeito negativo não-caixa relacionado à marcação a mercado das debêntures participativas, US$ 84 milhões no 2T13 comparado US$ 172 milhões no 1T13.

A marcação a mercado dos derivativos apresentou uma perda não-caixa de US$ 983 milhões, comparado ao ganho de US$ 106 milhões no 1T13, com um efeito de caixa positivo de US$ 71 milhões.

Composição do efeito de derivativos:

- Os *swaps* de moedas e taxas de juros produziram um impacto negativo não-caixa de US$ 814 milhões, mas, também, um efeito positivo no fluxo de caixa de US$ 97 milhões.
- As posições com derivativos de níquel produziram um efeito positivo não-caixa de US$ 1 milhão e impacto positivo no fluxo de caixa de US$ 1 milhão.
- As transações de derivativos relacionados ao *bunker oil* tiveram um efeito negativo não-caixa de US$ 117 milhões e um impacto negativo no fluxo de caixa de US$ 24 milhões.
- Os *warrants* da Silver Wheaton Corp. (SLW), que fizeram parte do pagamento recebido da transação de venda de ouro, são marcados a mercado e produziram um impacto negativo não-caixa de US$ 47 milhões, sem efeito no fluxo de caixa.[10]

O resultado de equivalência patrimonial totalizou US$ 53 milhões no 2T13, abaixo dos US$ 172 milhões no 1T13. A redução de US$ 119 milhões foi principalmente devida à diminuição do resultado do segmento de *bulk materials* (US$ 84 milhões).

Individualmente, a maior parte da equivalência patrimonial veio da Samarco (US$ 71 milhões) e da MRS (US$ 23 milhões). Nossa participação na CSA gerou uma perda de equivalência patrimonial de US$ 46 milhões no 2T13.

[8] Se tivéssemos adotado as regras de contabilização de *hedge* (*hedge accounting)* em IFRS para os passivos denominados em dólares americanos, o lucro líquido em IFRS seria em linha com o lucro líquido básico, conforme apresentado na seção "Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale".

[9] Para uma descrição detalhada dos efeitos da variação cambial em nossos resultados, favor consultar a seção "Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale".

[10] Para mais informações, veja o *press release* "Vale venderá parte do ouro produzido como subproduto em algumas de suas minas de cobre e níquel" divulgado em 5 de fevereiro de 2013, disponível em nosso site, www.vale.com na seção Investidores, Press Releases.

EFEITOS DA VOLATILIDADE DO CÂMBIO NO DESEMPENHO FINANCEIRO DA VALE

Como consequência de diversos fatores, incluindo a volatilidade dos preços dos ativos financeiros influenciada pela expectativa a respeito da mudança na política monetária dos Estados Unidos, o BRL sofreu uma significativa depreciação no 2T13 contra o USD. A taxa do USD subiu 10,5%, passando de R$ 2,02 em 1 de abril de 2013, para R$ 2,23, em 1 de julho de 2013. Se considerarmos apenas a média trimestral, a desvalorização do BRL foi mais moderada, 3,5%: R$ 2,07 no 2T13 contra R$ 2,00 no 1T13.

Como previamente explicado, os principais efeitos vêm do fato de que embora reportemos nosso desempenho financeiro em USD, a moeda funcional para fins contábeis da nossa controladora, Vale S.A., é o BRL.

De acordo com esta regra contábil, a depreciação do BRL, assim como de outras moedas, em relação ao USD, produz um efeito contábil não-caixa no lucro antes do imposto de renda, decorrente do impacto sobre o passivo financeiro líquido – dívida denominada em USD menos contas a receber em USD. Esse impacto cambial totalizou US$ 1,961 bilhão no 2T13, registrado nas demonstrações financeiras dentro de "variações monetárias e cambiais", reduzindo o nosso lucro antes do imposto de renda.

Um segundo impacto não-caixa se deve aos derivativos usados para minimizar a volatilidade de nosso fluxo de caixa em USD. No 2T13, a marcação a mercado do valor justo dos *swaps* cambiais de BRL e outras moedas para USD causou perda pontual de US$ 814 milhões, o que reduziu nosso lucro antes do imposto de renda, porém sem nenhum efeito no fluxo de caixa ou mesmo no EBITDA ajustado. Nas datas de vencimento dos swaps cambiais, tudo o mais constante, teremos um desembolso financeiro menor (em USD equivalentes) para o pagamento de juros e principal de dívida que será compensado por um desembolso maior na liquidação financeira do swap cambial. Consequentemente, o efeito da depreciação da taxa de câmbio, através dos derivativos é neutro no fluxo de caixa.

O último efeito da depreciação do BRL afeta o lucro antes do imposto de renda, o fluxo de caixa operacional, o EBIT ajustado e o EBITDA ajustado. Este efeito resulta da assimetria entre a composição por moeda de nossa receita e custos dos produtos vendidos. Enquanto a quase totalidade da receita é denominada em USD, 54% do custo dos produtos vendidos foram denominados em BRL e 14% em dólares canadenses (CAD), com apenas uma parte em USD (27%). Caso as taxas de câmbio permaneçam no mesmo nível do final do 2T13, o efeito irá gerar impactos positivos no lucro antes do imposto de renda, fluxo de caixa operacional, EBIT ajustado e EBITDA ajustado nos trimestres seguintes.

Portanto, nós vemos oportunidades potenciais para mudanças, tendo em vista que a apreciação do USD teve um impacto efetivamente pequeno – uma influência líquida positiva no fluxo de caixa operacional, EBIT ajustado e EBITDA ajustado de US$ 155 milhões. Isso ocorre pelo fato de a depreciação da cotação média do BRL/USD (3,5%), relevante para variáveis de fluxo, ter sido inferior à utilizada para variáveis de estoque (10,5%), uma vez que a desvalorização do BRL ocorreu durante junho, o último mês do trimestre.

Além disso, há de se considerar que a depreciação do BRL também gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa através do impacto nos investimentos, cuja maioria é denominada em BRL.

Resumindo, o impacto da depreciação do BRL na receita/custos é um efeito caixa e, caso não seja revertido por uma apreciação, continuará a produzir resultados positivos no fluxo de caixa operacional, EBIT ajustado, EBITDA ajustado, lucro antes do imposto de renda e investimentos no futuro, enquanto o efeito sobre os derivativos tem impacto neutro e pontual no caixa e o efeito sobre o balanço é não-caixa e pontual. Portanto, a depreciação do BRL gera efeitos positivos no nosso fluxo de caixa, que é a fonte real de criação de valor, embora com efeito contábil oposto no lucro.

Avaliação do *hedge accounting* sobre o IFRS

De forma a minimizar a volatilidade do nosso lucro contábil e permitir que os nossos relatórios financeiros reflitam da melhor maneira o desempenho econômico de nossa Companhia, estamos avaliando para períodos futuros a implementação do programa de *hedge accounting* de acordo com as regras do IFRS (IAS 39), o que permite que nossa receita sirva como um item de hedge para fins de *hedge accounting*. A avaliação engloba a segmentação de

programas, testes de eficiência e documentação apropriada.

Neste sentido e baseado em nossos estudos preliminares, a adoção deste programa com relação ao nosso passivo financeiro líquido iria reduzir nossa perda com variação cambial em aproximadamente US$ 2,006 bilhões no 2T13 (e reduzir o ganho com variação cambial em US$ 272 milhões no 1T13). Além disso, se programas similares fossem adotados para os nossos swaps de moeda do BRL e outras moedas para o USD, usados para hedge de fluxo de caixa, ter-se-ia eliminado a perda de US$ 814 milhões registrada em Derivativos no 2T13 (e eliminado o ganho de US$ 110 milhões no 1T13).

Se os programas fossem adotados durante 2013, nosso resultado pro-forma seria conforme detalhado abaixo:

	2T13				1T13			
	Reportado	*Hedge Accounting*	*Swaps* de moeda	Pro-forma	Reportado	*Hedge Accounting*	*Swaps* de moeda	Pro-forma
US$ milhões								
Receita operacional líquida	11.032			11.032	10.935			10.935
Custo dos produtos vendidos	(6.223)			(6.223)	(5.720)			(5.720)
Despesas operacionais (líquidas)	(1.207)			(1.207)	(1.059)			(1.059)
Lucro operacional	**3.602**			**3.602**	**4.156**			**4.156**
Receitas financeiras (despesas), líquidas	(379)			(379)	(533)			(533)
Variações monetárias e cambiais, líquidas	(1.965)	2.006		41	82	(272)		(190)
Derivativos	(983)		814	(169)	106		(110)	(4)
Equivalência patrimonial e provisão para perdas	53			53	172			172
Lucro antes do imposto de renda	**328**			**3.148**	**3.983**			**3.601**
Imposto de renda	62			62	(931)			(931)
Participações minoritárias	34			34	57			57
Lucro líquido atribuível aos acionistas da Vale	**424**			**3.244**	**3.109**			**2.727**

LUCRO OPERACIONAL E GERAÇÃO DE CAIXA

O lucro operacional, medido pelo EBIT ajustado, foi de US$ 3,602 bilhões, reduzindo em 13,3% contra 1T13, enquanto a margem EBIT ajustado foi de 32,7%, abaixo de 38,0% no trimestre anterior.

A geração de caixa, medida pelo EBITDA ajustado, foi de US$ 4,957 bilhões, abaixo dos US$ 5,202 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos (US$ 1,036 bilhão) foi o principal fator para a queda na geração de caixa, uma vez que foi somente parcialmente mitigado pelos efeitos positivos dos maiores volumes (US$ 506 milhões) e dividendos recebidos de empresas coligadas (US$ 273 milhões), menores custos (US$ 58 milhões) e despesas com SG&A (US$ 36 milhões) e as variações na taxa de câmbio (US$ 114 milhões).

Antes de despesas com P&D, a participação de *bulk materials* na geração de caixa aumentou para 89,4% de 84,3% no trimestre anterior, enquanto a participação de metais básicos diminuiu de 14,2% para 8,7%. A participação de logística aumentou de -0,2% para 1,1%, enquanto a de fertilizantes foi reduzida de 1,7% para 0,7%.

Tabela 5 - EBITDA AJUSTADO			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Receita operacional líquida	11.032	10.935	12.469
CPV	(6.223)	(5.720)	(6.552)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(324)	(374)	(615)
Pesquisa e desenvolvimento	(158)	(176)	(359)
Outras despesas operacionais	(725)	(509)	(604)
EBIT ajustado[1]	**3.602**	**4.156**	**4.339**
Depreciaçao, amortização e exaustão	1.082	1.046	1.046
Dividendos recebidos	273	-	112
EBITDA ajustado[1]	**4.957**	**5.202**	**5.497**

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

Tabela 6 - EBITDA AJUSTADO POR SEGMENTO[1]			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Bulk materials	**4.630**	**4.485**	**5.490**
Minerais ferrosos	4.699	4.701	5.597
Carvão	(69)	(216)	(107)
Metais básicos	**451**	**757**	**210**
Fertilizantes	**38**	**90**	**183**
Logística	**59**	**(10)**	**14**
Outros	**(221)**	**(120)**	**(400)**
Total	**4.957**	**5.202**	**5.497**

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

INVESTIMENTOS E P&D

A Vale está fortemente comprometida com a disciplina na alocação de capital e na execução de projetos de classe mundial. Além de aprovar e financiar novos projetos apenas com engenharia e *design* avançados, as mudanças em andamento incluem maior foco na gestão da construção e de empreiteiras de forma a minimizar desvios dos planos.

Investimentos – excluindo aquisições – no 1S13 alcançaram US$ 7,584 bilhões, uma redução de US$ 380 milhões ao comparar com US$ 7,964 bilhões investidos no mesmo período de 2012. Investimentos em P&D apresentaram uma queda significativa, 38,9%, contra o primeiro semestre de 2012, devido à decisão em focar em um *pipeline* menor de projetos e mais seletivo, o qual gerará um portfólio de ativos com uma taxa de retorno maior, consistente com o maior foco na disciplina de alocação de capital.

A Vale investiu[11] US$ 3,597 bilhões no 2T13. US$ 2,340 bilhões foram dedicados à execução de projetos, US$ 155 milhões para P&D e US$ 1,102 bilhão para a manutenção das operações existentes. A alocação do capex por segmento no 2T13 foi: US$ 2,088 bilhões em *bulk materials*, US$ 830 milhões em metais básicos, US$ 337 milhões em fertilizantes, US$ 128 milhões em serviços de logística para carga geral, US$ 89 milhões em siderurgia, US$ 55 milhões em energia e US$ 69 milhões em atividades corporativas e outros segmentos de negócio.

O capex dedicado a projetos concentrou-se nas principais iniciativas, especialmente na expansão das operações integradas de minério de ferro em Carajás – incluindo os projetos Carajás Serra Sul S11D/CLN S11D, Adicional 40 Mtpa, CLN 150 e Serra Leste – com US$ 701 milhões, Moatize II/Nacala, US$ 268 milhões, Long Harbour, uma planta integrada de fundição e refino de níquel, US$ 266 milhões e Itabiritos, US$ 247 milhões.

[11] De acordo com os princípios de contabilidade IFRS, os gastos com P&D – incluídos neste relatório como parte de investimentos – são levados a resultado e consequentemente afetam o lucro e EBITDA ajustado. Este fato deve ser observado pelos analistas quando realizarem comparações, como por exemplo, entre EBITDA e investimentos, para evitar dupla contagem que possa distorcer os resultados das análises.

Há de se considerar que a depreciação do real também gera economias significativas nos investimentos, uma vez que mais da metade desses dispêndios são denominados em BRL. Por exemplo, os gastos em BRL representam cerca de 90% do orçamento do programa S11D, o nosso maior projeto. Tais benefícios ainda não estão refletidos no capex esperado para os projetos aprovados em construção.

Um passo fundamental para o crescimento futuro foi dado em julho, com a obtenção da LI para o projeto S11D. O S11D é o projeto de classe mundial de maior qualidade e menor custo da indústria de minério de ferro, com capacidade nominal de 90 milhões de toneladas métricas por ano de minério de ferro. Está situado sobre um depósito com reservas provadas e prováveis de 4,240 bilhões de toneladas métricas com um teor médio de ferro de 66,7% e baixa impureza enquanto que o *cash cost* operacional (mina, usina, ferrovia e porto após *royalties*) é US$ 15,00 por tonelada métrica (a uma taxa de câmbio de R$ 2,00/US$). O S11D tem o *start-up* esperado para 2S16 e atingirá capacidade total no ano calendário de 2018.

Com a emissão da LI, o Conselho de Administração da Vale aprovou o CLN S11D, o qual permite a expansão da infraestrutura logística existente no Sistema Norte para suportar os 90 Mtpa de aumento de capacidade que será produzida pelo S11D. O capex total de S11D é de US$ 19,671 bilhões, tendo como base taxa de câmbio de R$ 2,00/ US$, e compreende o desenvolvimento da mina e planta de processamento (US$ 8,089 bilhões) e logística (US$ 11,582 bilhões).

O CLN S11D aumentará nossa capacidade logística para 230 Mtpa e compreende a construção de um ramal ferroviário, duplicação de seções da ferrovia, terminal ferroviário e investimentos em instalações portuárias *onshore* e *offshore*. O capex de CLN S11D inclui investimentos em logística de US$ 10,363 bilhões, US$ 1,036 bilhão em equipamento rodante e US$ 183 milhões transferidos do CLN 150 para o CLN S11D.

Como exemplo de disciplina de capital, a engenharia detalhada de todo o programa do S11D (S11D e CLN S11D) está quase concluída e os pacotes de equipamentos e serviços estão 23% contratados e 45% a serem contratados com propostas firmes. Como resultado deste avanço, a probabilidade de aumentos do capex acima dos valores orçados foi minimizada e economias com serviços contratados sobre o orçado – as quais já foram alcançadas – tem uma chance maior de serem asseguradas até o final do projeto.

Três projetos importantes de minério de ferro serão concluídos no 2S13: (a) Adicional 40 Mtpa, o qual aumentará a capacidade de processamento de minério de ferro a seco em Carajás em 40 Mtpa; (b) CLN 150, que expande a capacidade da EFC em 14 Mt e a do terminal marítimo de Ponta da Madeira em 60 Mtpa; (c) Conceição Itabiritos, que adicionará 12 Mtpa de capacidade, e contribuirá para prolongar a vida útil da mina e melhorar a qualidade do minério extraído. No negócio de níquel, Long Harbour e Totten também entrarão em operação.

No 2T13, os desembolsos com a sustentação de operações existentes de US$ 1,102 bilhão foram concentrados em minério de ferro e metais básicos. Os investimentos de manutenção em minério de ferro incluíram: (i) substituição e aquisição de novos equipamentos (US$ 196 milhões); (ii) expansão das barragens de rejeitos (US$ 58 milhões); (iii) melhoria na infraestrutura (US$ 32 milhões); (iv) iniciativas para melhorar os padrões atuais de saúde e segurança e proteção ambiental (US$ 17 milhões). A manutenção de ferrovias e portos que servem às operações de mineração no Brasil alcançou o montante de US$ 146 milhões.

O capex de manutenção das operações de metais básicos foi majoritariamente dedicado ao conserto do forno #1 de Onça Puma (US$ 53 milhões), ao projeto *AER* (para redução de emissões atmosféricas) (US$39 milhões), desenvolvimento de jazidas minerais, aumento das taxas de recuperação e teor das minas de níquel (US$ 35 milhões), e a projetos relacionados ao aprimoramento dos processos produtivos nas minas de cobre (US$ 13 milhões).

No 2T13, os investimentos em P&D compreenderam US$ 50 milhões em exploração mineral, US$ 101 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade de projetos e US$ 4 milhões para desenvolver novos processos, inovações e adaptações tecnológicas. Investimentos em P&D apresentaram uma redução de 60,9% em relação ao 2T12, e uma queda de 42,2% ao comparar com 1T13, como consequência do nosso esforço contínuo de reduzir investimentos em P&D.

Investimentos em responsabilidade social corporativa alcançaram US$ 262 milhões nesse trimestre, US$ 214 milhões destinados à proteção e conservação ambiental e US$ 48 milhões para projetos sociais.

No 2T13, o Conselho de Administração da Vale aprovou um aumento do capex orçado para o projeto Vargem Grande Itabiritos de US$ 1,910 bilhão para US$ 1,645 bilhão. O projeto Vargem Grande Itabiritos tem enfrentado

pressões de custo desde o final de 2012, devido ao baixo desempenho das empresas contratadas, envolvidas em dificuldades financeiras, que por fim, levaram à suas substituições.

O aquecimento do mercado de construção civil no Brasil com o *boom* de 2010 forçou a contratação de prestadores de serviço menos reconhecidos, pois a maioria das construtoras de primeira linha já não tinha disponibilidade. Isto mudou e o mercado de serviços de engenharia nos permite agora contratar empresas mais eficientes e financeiramente sólidas, reduzindo os riscos de aumentos no capex.

Tabela 7 - INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA

US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Crescimento orgânico	**2.494**	**69,3**	**2.993**	**75,1**	**3.260**	**76,0**
Projetos	2.340	65,0	2.725	68,4	2.864	66,8
P&D	155	4,3	268	6,7	396	9,2
Sustentação das operações existentes	**1.102**	**30,7**	**994**	**24,9**	**1.027**	**24,0**
Total	**3.597**	**100,0**	**3.987**	**100,0**	**4.287**	**100,0**

Tabela 8 - INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO

US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Bulk materials	**2.088**	**58,0**	**2.082**	**52,2**	**2.390**	**55,8**
Minerais ferrosos	1.779	49,4	1.869	46,9	2.041	47,6
Carvão	309	8,6	213	5,3	349	8,1
Metais básicos	**830**	**23,1**	**982**	**24,6**	**1.038**	**24,2**
Fertilizantes	**337**	**9,4**	**382**	**9,6**	**516**	**12,0**
Serviços de logística	**128**	**3,6**	**216**	**5,4**	**130**	**3,0**
Energia	**55**	**1,5**	**107**	**2,7**	**71**	**1,6**
Aço	**89**	**2,5**	**150**	**3,8**	**37**	**0,9**
Outros	**69**	**1,9**	**68**	**1,7**	**105**	**2,4**
Total	**3.597**	**100,0**	**3.987**	**100,0**	**4.287**	**100,0**

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO - 2T13

	Projetos		P&D		Manutenção		Total	
	US$ milhões	%	US$ milhões	%	US$ milhões	%	US$ milhões	%
Bulk materials	**1.462**	**62,5**	**68**	**43,8**	**558**	**50,6**	**2.088**	**58,0**
Minerais ferrosos	1.195	51,1	59	37,9	525	47,6	1.779	49,4
Carvão	267	11,4	9	5,9	33	3,0	309	8,6
Metais básicos	**451**	**19,3**	**48**	**31,2**	**331**	**30,0**	**830**	**23,1**
Fertilizantes	**238**	**10,2**	**16**	**10,6**	**83**	**7,5**	**337**	**9,4**
Serviços de logística	**54**	**2,3**	**3**	**1,8**	**71**	**6,4**	**128**	**3,6**
Energia	**45**	**1,9**	**8**	**5,5**	**1**	**0,1**	**55**	**1,5**
Aço	**89**	**3,8**	**-**	**0,3**	**-**	**-**	**89**	**2,5**
Outros	**-**	**-**	**11**	**6,8**	**59**	**5,3**	**69**	**1,9**
Total	**2.340**	**100,0**	**155**	**100,0**	**1.102**	**100,0**	**3.597**	**100,0**

- **Principais projetos aprovados em construção**

  O conjunto dos principais projetos em construção e aprovados pelo Conselho de Administração é detalhado nesta seção. As datas de *start*-up estimadas podem ser revisadas em decorrência de mudanças causadas por diferentes fatores, dentre eles, atrasos com licenciamento ambiental.

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
MINÉRIO DE FERRO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Carajás Adicional 40 Mtpa Construção de usina de processamento a seco, localizada em Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 40 Mtpa.	2S13	351	2.824	548	3.475	Comissionamento com minério da usina está em andamento. Licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
CLN 150 Mtpa Aumento da capacidade na ferrovia e no porto do Sistema Norte, incluindo a construção do quarto píer do terminal marítimo de Ponta da Madeira, localizado no Maranhão com 60 Mtpa de capacidade. Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 130 Mtpa.	1S13 a 2S13	365	3.625	498	3.931	A parte ferroviária do projeto concluída, abrangendo 63 km de duplicação de trilhos e instalações portuárias *offshore* e *onshore*. Licença de operação emitida para o porto, onshore e offshore. 98% de avanço físico.
Carajás Serra Sul S11D Desenvolvimento da mina e usina de processamento, localizadas na serra sul de Carajás, Pará. Capacidade nominal estimada de 90 Mtpa.	2S16	368	2.182	658	8.089	Linhas de transmissão e subestação de alta tensão estão em fase final construção. Montagem eletromecânica dos módulos *off-site* iniciada. Licença de instalação emitida. 45% de avanço físico.
CLN S11D Aumento da capacidade logística do Sistema Norte para apoiar S11D, incluindo a duplicação de aproximadamente 570 km da estrada de ferro, a construção de um ramal ferroviário com 101 km, aquisição de vagões e locomotivas e expansões *onshore* e *offshore* no terminal marítimo de Ponta da Madeira Aumento da capacidade logística nominal da EFC para aproximadamente 230 Mtpa.	1S15 a 2S18	220	680	633	11.582	Engenharia civil do ramal ferroviário e porto concluída. Terraplanagem da duplicação da ferrovia iniciada. Licença de instalação emitida. 8% de avanço físico.
Conceição Itabiritos Construção da planta de concentração, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal adicional estimada de 12 Mtpa. 100% *pellet feed*, com 67,7% teor de ferro (Fe) e 0,8% sílica.	2S13	146	927	208	1.174	Montagem eletromecânica em fase final. Comissionamento da planta. Licença de operação para a usina esperada 2S13. 97% de avanço físico.

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
Vargem Grande Itabiritos Construção da nova planta de beneficiamento de minério de ferro, localizada no Sistema Sul, Minas Gerais. Capacidade adicional estimada de 10 Mtpa. 100% *pellet feed*, com 67,8% Fe e 1,2% sílica.	2S14	152	1.068	518	1.910	Instalação de estruturas metálicas do prédio de peneiramento em andamento. Licença de operação esperada para 1S14. 79% de avanço físico.
Conceição Itabiritos II Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor da mina Conceição, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 19 Mtpa, sem adição de capacidade. 31,6% *sinter feed*, com 66,5% de teor de Fe e 3,8% sílica, e 68,4% *pellet feed*, com 68,8% de teor de Fe e 0,9% sílica.	2S14	89	513	197	1.189	Engenharia civil e montagem de estrutura metálica em curso. A montagem da subestação de britagem foi concluída. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Serra Leste Construção de nova planta de processamento, localizada em Carajás. Capacidade nominal estimada de 6 Mtpa.	2S14	73	365	166	478	Construção em curso das linhas de transmissão e pera ferroviária. Montagens da subestação principal e da estação de tratamento de minério de ferro estão em andamento. Licença de instalação emitida. 67% de avanço físico.
Cauê Itabiritos Adaptação da planta para processamento de itabiritos de baixo teor de Minas do Meio, localizada no Sistema Sudeste, Minas Gerais. Capacidade nominal estimada de 24 Mtpa, com adição líquida de capacidade de 4 Mtpa em 2017. 29% *sinter feed*, com 65,3% de teor de Fe e 4,4% sílica, e 71% *pellet feed*, com 67,8% de teor de Fe e 2.8% sílica.	2S15	81	200	206	1.504	Obras de engenharia civil em andamento. Principal equipamento eletromecânico adquirido. Licença prévia e de instalação para a nova britagem primária esperadas para 1S14. 28% de avanço físico.
Teluk Rubiah Construção de terminal marítimo para receber navios de 400.000 dwt e um pátio de estocagem. Localizado em Teluk Rubiah, Malásia. Pátio de estocagem com capacidade de giro de até 30 Mtpa	2S14	236	750	443	1.371	Montagem das máquinas do pátio em andamento. Terraplanagem e obras de engenharia civil do terminal de descarregamento estão em estágio final de conclusão. Berço de importação a ser concluído até dezembro de 2013. Conclusão do berço de exportação foi adiada para 2S14 devido à decisão de modificar o

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
de produtos de minério de ferro.						cais para acomodar navios maiores para reduzir os custos de frete. 79% de avanço físico.
USINAS DE PELOTIZAÇÃO						
Tubarão VIII Oitava usina de pelotização do complexo de Tubarão, Espírito Santo. Capacidade nominal estimada de 7,5 Mtpa.	2S13	87	976	158	1.088	Comissionamento dos equipamentos em andamento. Emissão de licença de operação esperada para 2S13. 95% de avanço físico.
Samarco IV[2] Construção da quarta usina de pelotização, expansão da mina, mineroduto e infraestrutura do terminal marítimo. A Vale possui uma participação de 50% na Samarco. Capacidade nominal estimada de 8,3 Mtpa, aumentando a capacidade da Samarco para 30,5 Mtpa.	1S14	-	-	-	1.693	Montagem eletromecânica de equipamentos em andamento. Mineroduto e montagem eletromecânica da subestação concluídos. Atividades de comissionamento iniciadas. 90% de avanço físico da usina de pelotização. Orçamento integralmente financiado pela Samarco.
CARVÃO – MINERAÇÃO E LOGÍSTICA						
Moatize II Nova mina e duplicação da CHPP de Moatize, assim como da infraestrutura relacionada. Localizada em Tete, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 11 Mtpa (em sua maioria composta de carvão metalúrgico).	2S15	144	600	344	2.068	Terraplanagem e obras de engenharia civil nos pátios de estocagem em curso. Equipamento de manuseio e processamento foi entregue. 39% de avanço físico.
Nacala corridor Infraestrutura de porto e ferrovia conectando o complexo de Moatize ao terminal marítimo de Nacala-à-Velha, localizado em Nacala, Moçambique. Capacidade nominal estimada de 18 Mtpa.	2S14	292	701	1.079	4.444	Terraplanagem, drenagem e obras civis para a seção da ferrovia, no Malaui, em andamento. Cravação de estacas para o píer e terraplanagem do pátio de estocagem em progresso. 22% e 23% de avanço físico na ferrovia e no porto, respectivamente.
COBRE – MINERAÇÃO						
Salobo II Expansão de Salobo, elevação de barragem e aumento da capacidade da mina, localizada em Marabá, Pará. Capacidade nominal adicional	1S14	114	874	401	1.707	Obras civis e montagem eletromecânica das áreas de britagem, moagem e flotação em andamento. Principais equipamentos eletromecânicos adquiridos. Licença de operação da planta

Projeto	Data de *start-up* estimada	Capex realizado US$ milhões 2013	Capex realizado US$ milhões Total	Investimento esperado US$ milhões 2013	Investimento esperado US$ milhões Total	*Status*[1]
estimada de 100.000 tpa de cobre em concentrado.						esperada para 1S14. 80% de avanço físico.
NÍQUEL – MINERAÇÃO E REFINO						
Long Harbour Operação hidrometalúrgica. Localizada em Long Harbour, Newfoundland and Labrador, Canadá. Capacidade nominal de refino estimada de 50.000 tpa de níquel refinado, e cobre e cobalto associados, sem capacidade adicional.	2S13	754	3.910	1.094	4.250	Fase final de montagem eletromecânica e comissionamento das unidades de processo. 94% de avanço físico.
Totten Mina de níquel (sendo reaberta) em Sudbury, Ontário, Canadá. Capacidade nominal estimada de 8.200 tpa.	2S13	86	626	171	759	A primeira área de produção de minério está pronta para a extração. Túnel subterrâneo quase concluído. 90% de avanço físico.
ENERGIA						
Biodiesel Projeto para produzir biodiesel a partir de óleo de palma. Plantação de 80.000 ha. Localizado no Pará, Brasil. Capacidade nominal estimada de 360.000 tpa de biodiesel.	2S15	66	493	75	633	Segunda usina de óleo de palma em desenvolvimento. Construção da usina de biodiesel está em progresso. Licença de instalação para a usina de biodiesel é esperada para 1S14.
SIDERURGIA						
CSP[2] Desenvolvimento de uma planta de placas de aço em parceria com Dongkuk e Posco, localizada no Ceará. A Vale possui 50% da *joint venture*. Capacidade nominal estimada de 3,0 Mtpa.	2S15	235	811	439	2.648	Cravação de estacas para a fundação da planta em andamento. 29% de avanço físico.

[1] Com base em junho de 2013.
[2] Investimento esperado e realizado são relativos à participação da Vale nos projetos

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total foi de US$ 29,863 bilhões em 30 de junho de 2013, uma redução de US$ 328 milhões em relação aos US$ 30,191 bilhões em 31 de março de 2013.

Nossa posição de caixa[12] em 30 de junho de 2013 foi de US$ 6,255 bilhões e a dívida líquida alcançou US$ 23,608 bilhões. A posição de caixa foi reforçada por melhorias no capital de giro que já apresentaram resultados significativos neste trimestre, especialmente as medidas para aumentar a eficiência, através da revisão de processos e contrapartes para reduzir o número de dias de contas a receber. O número de dias de recebíveis foi reduzido para 40,1 no 2T13 contra 50,6 no 1T13. Isto contribuiu para liberar US$ 1,3 bilhão em comparação com março de 2013. Os estoques também foram reduzidos em US$ 378 milhões no 2T13, numa comparação com o 1T13.

Em julho de 2013, contratamos uma linha de crédito rotativo de US$ 2,0 bilhões, com prazo de cinco anos, junto a um sindicato composto por 16 bancos comerciais globais. Com esta nova linha, o total em linhas de crédito rotativo é de US$ 5 bilhões, visto que temos uma linha de US$ 3 bilhões existente, que vencerá em 2016. Este instrumento forma um significativo colchão de liquidez no curto prazo e possibilita maior eficiência da gestão do caixa, sendo consistente com o nosso foco estratégico na minimização do custo do capital.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado[(d)], excluindo efeitos não recorrentes, permaneceu estável em 1,6x, enquanto a relação dívida total/*enterprise value*[(e)] foi de 32,4% em 30 de junho de 2013.

O prazo médio da dívida de 9,9 anos em 30 de junho de 2013 foi em linha com o nosso objetivo de manter um longo prazo médio da dívida para minimizar os riscos financeiros. O custo médio da dívida caiu para 4,54% ao ano, uma redução de 5 pontos-base contra o custo em 31 de março de 2013.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado excluindo efeitos não recorrentes/LTM pagamento de juros[(f)], foi de 13,2x contra 13,7x em 31 de março de 2013.

Considerando as posições de hedge, nossa dívida total em 30 de junho de 2013 era composta de 26% de dívida a taxas de juros flutuantes e 74% a taxas fixas, enquanto 98% era denominada em dólares americanos e o restante, em outras moedas.

Tabela 9 - INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida bruta	29.863	30.191	25.518
Dívida líquida	23.608	23.582	21.436
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado[1] (x)	1,6	1,6	0,9
LTM EBITDA ajustado[1]/ LTM pagamento de juros (x)	13,2	13,7	24,8
Dívida bruta / EV (%)	32,4	26,2	20,1

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

[12] Inclui caixa e equivalentes de caixa, assim como investimentos de curto prazo de US$ 368 milhões em 30 de junho de 2013.

O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

Bulk materials

Minerais ferrosos

A Vale produziu 73,2 Mt de minério de ferro no 2T13. Excluindo a produção atribuível à Samarco, a produção de minério de ferro atingiu 70,6 Mt, ou seja, 8,8% acima do 1T13. Considerando o primeiro semestre, a produção ficou 2,7 Mt abaixo do orçado para o período, 138,1 Mt. O orçamento considerou a distribuição da intensidade das chuvas ao longo do ano e a evolução dos planos de lavra em Carajás, enquanto não temos as licenças necessárias para explorar a mina N4WS e outras cavas. Porém, o desempenho operacional foi afetado pela época de chuvas, que se prolongou até maio no norte do Brasil, e pela falta de flexibilidade das cavas mais profundas em períodos chuvosos.

Com a estiagem, o desempenho operacional em Carajás está melhorando e continuamos com a meta de produzir o volume orçado para 2013. A produção de minério de ferro em julho foi de 27,9 Mt contra 27,6 Mt em julho de 2012, como resultado do forte desempenho em Carajás, cuja produção cresceu para 10,4 Mt de 9,5Mt no mesmo mês do ano passado.

As vendas de minério de ferro e pelotas no 1S13 de 137,1 Mt igualaram ao orçado. Os embarques previstos para o 2S13 permanecem em 167,8 Mt.

No 2T13, as vendas de minério de ferro e pelotas alcançaram 72,123 Mt, ficando10,8% acima de 65,104 Mt no 1T13. As vendas de minério de ferro foram de 61,921 Mt, 11,2% acima do trimestre passado, enquanto as de pelotas somaram 10,203 Mt, crescendo 8,3% em base trimestral. Os embarques de minério de ferro e pelotas em base CFR atingiram 27,5 Mt no 2T13, representando 38,2% do total de embarques, contra 28,1 Mt no 1T13.

A receita de minério de ferro e pelotas totalizou US$ 7,641 bilhões – US$ 6,143 bilhões de minério de ferro e US$ 1,498 bilhão de pelotas – contra US$ 7,677 bilhões no 1T13. O efeito do maior volume de vendas, US$ 864 milhões, compensou quase totalmente a influência da queda do preço, US$ 900 milhões.

As nossas vendas de minério de ferro no 2T13 foram precificadas através de três sistemas básicos: (a) 34% de acordo com o preço *spot* após a data da entrega, através de preços provisórios e ajustes na fatura após a entrega; (b) 47% no trimestre corrente, preços *spot* mensais e diários; (c) 19% atrelado à média de três meses com um mês de defasagem (VRP).

O preço médio realizado foi de US$ 99,21 contra US$ 111,69 no 1T13, como resultado da queda de US$ 22,45 por tonelada métrica da média do IODEX 62% do Platts. A queda do preço foi mitigada principalmente pelos maiores preços VRP, refletindo contratos referenciados no 2T13 usando a média de três meses do IODEX 62% Fe entre dezembro e fevereiro de US$ 145,30, contra US$ 113,00 no 1T13 (a média de setembro a novembro de 2012). Outros fatores, tais como menor umidade, precificação provisória, efeitos de *carry over*, qualidade e maiores vendas em base FOB, tiveram impactos menores e essencialmente se anularam[13].

O preço médio de venda de pelotas foi de US$ 146,83 por tonelada métrica, US$ 7,84 abaixo dos US$ 154,67 por tonelada métrica no trimestre anterior. De forma similar ao minério de ferro, a variação do preço de pelotas foi suavizada principalmente pelo efeito da precificação VRP.

Os custos operacionais do minério de ferro continuaram baixos e sob controle. O custo operacional do minério de ferro (mina, planta, ferrovia, porto) após *royalties* foi estimado em US$ 24 por tonelada métrica[14], em linha com o 1T13. Excluindo produtos adquiridos de terceiros, o custo operacional por tonelada métrica foi próximo de US$ 23.

[13] Dada a utilização de diversas fórmulas de precificação, a relação do nosso preço médio realizado com os índices de preço de minério de ferro não é linear e tende a variar ao longo do tempo. Portanto, comparações às médias dos índices de preço no curto prazo tem um alto potencial de induzir investidores a interpretações errôneas.

[14] Como consta na nota explicativa reportada por segmento nas demonstrações financeiras: US$ 2,113 bilhões em custos, líquidos de depreciação e amortização, menos US$ 618 milhões de frete de minério de ferro, sobre vendas de minério de ferro de 61,9 Mt.

Em termos absolutos, os custos do minério de ferro, líquidos de depreciação, somaram US$ 2,113 bilhões. Após ajustar para os efeitos de maior volume (US$ 137 milhões) e do câmbio (-US$ 44 milhões), o CPV aumentou US$ 58 milhões contra o 1T13. Despesas pré-operacionais para minério de ferro foram de US$ 83 milhões, refletindo novos projetos que entrarão em operação em breve, como: S11D, Conceição Itabiritos, Adicional 40 Mtpa e CLN 150.

A participação da China nas vendas de minério de ferro e pelotas foi de 43,8% contra 48,2% no 1T13. A participação do Japão aumentou para 12,6%, após o efeito isolado do *carry over* de algumas vendas do 1T13 que haviam reduzido a sua participação para 7,2% no primeiro trimestre. A parcela das vendas ao Brasil caiu um pouco, para 11,2% de 13,2% no 1T13, enquanto a Europa aumentou para 19,1% de 18,8% no trimestre anterior.

As expectativas no início do ano de uma forte recuperação da economia chinesa geraram uma mudança no ciclo do aço na China. Uma vez que essas expectativas foram frustradas pelo desempenho real da economia da China, os estoques de aço acumulados no primeiro trimestre alcançaram níveis acima do padrão sazonal, levando a um consumo maior de estoques no segundo trimestre e a uma pressão de queda nos preços de minério de ferro. Como os estoques de minério de ferro nos portos e nas siderúrgicas já estavam baixos, se comparados ao trimestre passado, os preços não caíram abaixo de US$ 110 por tonelada métrica, demonstrando, portanto, um comportamento diferente em relação ao ciclo de baixa no ano passado, quando chegaram ao piso de US$ 88.

Seguindo a diante, a combinação de estoques muito baixos de minério de ferro, a necessidade das siderúrgicas de recompor estoques antes do inverno, sinais de recuperação no número de construções iniciadas de imóveis, e o recente lançamento pelo governo chinês de um programa de renovação de bairros pobres[15], tudo isso deve compensar o efeito de nova oferta da Austrália no 2S13, contribuindo para manter os preços em torno do nível atual, que é altamente lucrativo para um produtor de baixo custo como a Vale.

A demanda por pelotas de alto-forno aumentou na Europa, enquanto a demanda por pelotas de redução direta continua estável no Oriente Médio, Norte da África e América do Norte.

No 2T13, a produção de manganês demonstrou bom desempenho operacional, com 617.000 t contra 501.000 t no 1T13 e 584.000 t no 2T12. O volume de venda foi de 310.000 t em relação a 417.000 t no 1T13, devido à formação de estoques perto de clientes durante o trimestre. A receita do minério de manganês foi de US$ 52 milhões no 2T13, inferior a US$ 64 milhões no primeiro trimestre, devido em maior parte a volumes menores de US$ 16 milhões. Preços de venda mais altos adicionaram US$ 4 milhões à receita.

No 2T13, a produção de ferroligas foi de 41,700 t, ficando 26,3% maior do que no 1T13, devido à recuperação após uma parada para manutenção. Embarques de ferroligas totalizaram 43.000 t, comparados a 48.000 t no 1T13. A receita de ferroligas foi de US$ 56 milhões, 15,2% abaixo dos US$ 66 milhões no trimestre passado.

As vendas de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferroligas – geraram uma receita total de US$ 7,749 bilhões, em linha com US$ 7,807 bilhões no 1T13.

A margem EBIT ajustado para o segmento de minerais ferrosos foi de 52,8% contra 56,4% no 1T13, devido principalmente aos menores preços de minério de ferro e pelotas, porém compensados parcialmente pelo aumento do volume de vendas.

O EBITDA ajustado para minerais ferrosos foi de US$ 4,699 bilhões, em linha com US$ 4,701 bilhões no 1T13. O impacto negativo dos preços mais baixos (US$ 853 milhões) e maiores custos e despesas (US$ 10 milhões) foi quase totalmente compensado pelos efeitos positivos de maiores volumes de venda (US$ 581 milhões), maiores dividendos recebidos de empresas coligadas (US$ 217 milhões) e o impacto positivo da variação cambial (US$ 63 milhões).

[15] Estimado em representar aproximadamente 25% das construções iniciadas de imóveis no 1S13 em termos de metragem.

Tabela 10 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS
VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO

mil toneladas métricas	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Américas	**9.611**	**13,3**	**9.797**	**15,0**	**11.060**	**14,7**
Brasil	8.098	11,2	8.575	13,2	9.151	12,2
Siderúrgicas e produtores de gusa	8.098	11,2	8.575	13,2	7.953	10,6
JVs de pelotização	-	-	-	-	1.198	1,6
EUA	-	-	-	-	486	0,6
Outros	1.513	2,1	1.222	1,9	1.423	1,9
Ásia	**45.966**	**63,7**	**41.130**	**63,2**	**47.181**	**62,7**
China	31.567	43,8	31.405	48,2	32.896	43,7
Japão	9.082	12,6	4.719	7,2	7.180	9,5
Coreia do Sul	3.699	5,1	3.287	5,0	4.772	6,3
Outros	1.618	2,2	1.718	2,6	2.333	3,1
Europa	**13.773**	**19,1**	**12.220**	**18,8**	**14.742**	**19,6**
Alemanha	5.577	7,7	4.260	6,5	5.839	7,8
Reino Unido	1.246	1,7	345	0,5	530	0,7
França	1.632	2,3	2.494	3,8	1.199	1,6
Itália	2.370	3,3	1.989	3,1	3.451	4,6
Turquia	486	0,7	508	0,8	1.025	1,4
Espanha	648	0,9	616	0,9	847	1,1
Holanda	663	0,9	597	0,9	447	0,6
Outros	1.151	1,6	1.413	2,2	1.404	1,9
Oriente Médio	**1.955**	**2,7**	**1.423**	**2,2**	**1.563**	**2,1**
Resto do mundo	**818**	**1,1**	**534**	**0,8**	**709**	**0,9**
Total	**72.123**	**100,0**	**65.104**	**100,0**	**75.255**	**100,0**

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	6.143	6.219	7.081
Serviços de operação de usinas de pelotização	-	-	9
Pelotas	1.498	1.458	1.952
Manganês	52	64	63
Ferroligas	56	66	129
Outros	28	24	-
Total	**7.777**	**7.831**	**9.234**

PREÇO MÉDIO REALIZADO

US$ por tonelada	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	99,21	111,69	112,44
Pelotas	146,83	154,67	159,00
Manganês	167,74	153,10	123,53
Ferroligas	1.302,33	1.383,69	1.303,03

VOLUME VENDIDO

mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	61.921	55.679	62.978
Pelotas	10.203	9.425	12.277
Manganês	310	417	510
Ferroligas	43	48	99

Carvão

A produção de carvão no 2T13 atingiu um novo recorde histórico, 2,4 Mt, contra 1,8 Mt no 1T13, devido principalmente ao *ramp-up* de Moatize e ao desempenho de Carborough Downs. O *ramp-up* de Moatize I, em Moçambique, está progredindo bem, com produção de 1,3 Mt no 2T13. Porém, o potencial de criação de valor de Moatize continuará restrito pelas capacidades ferroviária e portuária da atual infraestrutura logística (a ferrovia Linha do Sena e o porto de Beira) até que o Corredor de Nacala entre em operação, o que é esperado para o 2S14. Na Austrália, Carborough Downs, nossa mina subterrânea que produz 100% de carvão metalúrgico, alcançou o volume recorde de 670.000 t, continuando a demonstrar alto desempenho após a movimentação do *longwall* no início de janeiro e mais do que compensando problemas em Integra.

Os embarques de carvão totalizaram 1,856 Mt no 2T13, aumentando 23,2% em relação a 1,507 Mt no trimestre anterior. As vendas de carvão metalúrgico alcançaram outro nível recorde, 1,720 Mt, em razão dos fatores mencionados acima. As vendas de carvão térmico atingiram 136.000 t de 60.000 t no 1T13.

Vendas de produtos de carvão geraram receita de US$ 254 milhões, 20,3% maior do que os US$ 211 milhões no 1T13, devido principalmente a maiores volumes de venda de carvão metalúrgico e térmico.

A receita do carvão metalúrgico foi 16,5% acima do trimestre passado, atingindo US$ 240 milhões no 2T13 contra US$ 206 milhões no 1T13. O aumento deveu-se em boa parte ao maior volume vendido, que foi parcialmente compensado pelo preço médio realizado um pouco menor de US$ 139,62 por tonelada métrica, contra US$ 142,09 no 1T13. O carvão térmico gerou uma receita de US$ 14 milhões, aumentando 133,3% em relação ao trimestre passado, US$ 6 milhões, devido aos maiores volumes de venda.

Os preços de carvão térmico e metalúrgico caíram significativamente quando comparados aos níveis do ano passado, o que pode ser explicado pelo excesso de oferta.

No caso do carvão metalúrgico, foco de nossas operações, os preços estão oscilando a níveis aproximadamente 35% abaixo do que no ano passado. A sobreoferta é causada primariamente por capacidade existente que retornou ao mercado transoceânico, e não por nova oferta: a normalização das exportações australianas após as enchentes em Queensland em 2011 e a recuperação das exportações dos Estados Unidos, subproduto da revolução do *shale gas*. As exportações de alto custo dos Estados Unidos cresceram para se beneficiar dos preços altos resultantes das enchentes em Queensland, mas agora são a principal causa do excesso de oferta.

A demanda chinesa está crescendo firmemente, porém o resto do mundo está estagnado. Assim, a dependência a um mercado, apesar da sua magnitude, está causando pressão de queda nos preços. Consequentemente, no curto prazo, a recuperação dos preços requer o fechamento de operações de alto custo.

No 2T13, os custos do carvão foram de US$ 257 milhões, líquidos de depreciação, apresentando uma economia de US$ 49 milhões quando comparados ao 1T13, após ajustar para os efeitos de maiores volumes (US$ 55 milhões) e variação cambial (- US$ 10 milhões). As despesas com carvão foram de US$ 57 milhões no 2T13, caindo de US$ 155 milhões no trimestre anterior.

O EBITDA ajustado do segmento de carvão foi negativo US$ 69 milhões no 2T13 contra negativo US$ 216 milhões no trimestre passado.

Tabela 11 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	14	6	79
Carvão metalúrgico	240	206	197
Total	**254**	**211**	**276**
PREÇO MÉDIO REALIZADO			
US$ por tonelada	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	103,49	94,30	70,97
Carvão metalúrgico	139,62	142,09	171,13

VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Carvão térmico	136	60	1.107
Carvão metalúrgico	1.720	1.447	1.152

Tabela 12 - BULK MATERIALS: INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Custos[1]	**(3.058)**	**(2.808)**	**(3.436)**
Minerais ferrosos	(2.801)	(2.547)	(3.162)
Carvão	(257)	(261)	(274)
Despesas[1]	**(336)**	**(505)**	**(468)**
Minerais ferrosos	(279)	(350)	(365)
Carvão	(57)	(155)	(103)
Despesas pré-operacionais e de parada[1]	**(119)**	**(97)**	**(54)**
Minerais ferrosos	(110)	(86)	(48)
Carvão	(9)	(11)	(6)
Margem EBIT ajustado[2](%)			
Minerais ferrosos	52,8	56,4	56,0
Carvão	(46,1)	(122,3)	(53,6)
EBIT ajustado[2]	**3.930**	**4.072**	**4.955**
Minerais ferrosos	4.047	4.330	5.103
Carvão	(117)	(258)	(148)
EBITDA ajustado[2]	**4.630**	**4.485**	**5.490**
Minerais ferrosos	4.699	4.701	5.597
Carvão	(69)	(216)	(107)

[1] Excluindo efeitos de amortização e depreciação

[2] Excluindo itens não recorrentes

Metais básicos

Níquel teve a sua melhor produção para um segundo trimestre desde 2T08. A produção total de níquel no 2T13 foi de 65.000 t, em linha com 1T13 e 7,0% acima do 2T12. O *ramp-up* de VNC e o desempenho de Sorowako mais que compensaram o efeito das leves quedas de produção em Voisey's Bay e Thompson.

Em termos de produtos vendáveis, a produção de VNC alcançou o nível recorde de 6.600 t de níquel no 2T13, incluindo a produção de nossas refinarias asiáticas, predominantemente em Dalian, na China. Entretanto, o desempenho de VNC foi inferior ao 1T13 – 3.400 t de níquel contido em *nickel hydroxide cake* (NHC) e óxido de níquel (NiO) no 2T13 contra 5.100 t – devido à antecipação da manutenção programada da planta de ácido, inicialmente planejada para agosto de 2013. Em junho, o *ramp-up* de VNC foi retomado como planejado, operando com duas das três autoclaves simultaneamente e com segurança.

O volume de vendas de níquel aumentou de 63.000 t no 1T13 para 65.000 t, enquanto o preço médio de vendas caiu 12,1% para US$ 15.123 por tonelada métrica no 2T13, em relação a US$ 17.206 por tonelada métrica no trimestre anterior. A receita foi de US$ 983 milhões, 9,3% inferior à de US$ 1,084 bilhão no 1T13. Apesar de haver uma melhora nos volumes de venda (US$ 34 milhões), o impacto negativo dos preços de venda mais baixos (US$ 135 milhões) ocasionou numa receita menor.

Os preços de níquel vêm apresentando uma tendência de baixa desde 2T11 principalmente como consequência de sobreoferta, o que levou a um acúmulo de mais de 100.000 toneladas métricas de estoques nos armazéns da LME nos últimos 18 meses. Os estoques reportados são estimados em representar cerca de nove semanas de consumo.

Nos preços atuais, o que igualmente a outras *commodities* também foram afetados negativamente pelas expectativas a respeito da política monetária dos Estados Unidos, uma parte significativa da capacidade da indústria global é negativa em caixa, uma situação que requer o encerramento de muitas operações. Não houve cortes de produção significativos entre os produtores de alto custo fora da China. Enquanto os produtores de

níquel *pig iron* (NPI) de alto custo da China vêm cortando produção, isto vem sendo parcialmente compensado pela entrada de novos produtores *rotary kiln electric furnace* (RKEF) de baixo custo.

A substituição pela produção RKEF está levando a uma mudança estrutural para baixo da curva de custo do NPI, portanto, reduzindo os preços de suporte do níquel.

A demanda global de níquel aumentou rapidamente no primeiro semestre deste ano, a um ritmo perto de 6%, principalmente devido ao crescimento da produção chinesa de aço inoxidável, dado que, com exceção do Sudeste da Ásia, outras regiões do mundo estão mostrando uma contração no uso do níquel.

Em adição às reduções de produção das minas de alto custo, uma retomada na demanda das economias desenvolvidas é outro fator potencial para a recuperação dos preços do níquel. No momento, somente no Japão estamos vendo os primeiros sinais de uma melhora na demanda. Esperamos que o crescimento das economias dos países desenvolvidos ganhe maior tração no último trimestre deste ano, gerando um impacto positivo na demanda global de níquel.

A produção de cobre atingiu o recorde de 91.300 t no 2T13. Isto foi possível, principalmente, em razão do *ramp-up* de Salobo I que produziu 15.300 t de cobre em concentrado, aproximadamente 60% de sua capacidade nominal, e 25.000 onças troy (oz) de ouro como subproduto no segundo trimestre.

O volume de vendas aumentou para 77.000 t de 72.000 t no 1T13, sendo o maior nível para um segundo trimestre em toda a história da Vale. A receita de cobre foi US$ 472 milhões, apresentando uma queda de 8,2% contra 1T13, uma vez que o impacto negativo da queda do preço médio de vendas (US$ 77 milhões) foi somente parcialmente mitigado pelo aumento do volume (US$ 35 milhões). O preço médio realizado de US$ 6.141 por tonelada métrica foi 13,6% inferior ao US$ 7.105 por tonelada métrica no 1T13.

Os fundamentos de cobre permanecem relativamente bons, se comparados ao dos outros metais básicos. Entretanto, o aumento da produção nas minas, apesar das paradas em algumas operações importantes, e as expectativas negativas com a macroeconomia global levaram os preços de cobre a caírem abaixo dos US$ 7.000 por tonelada métrica. As preocupações com a demanda global junto com o *ramp-up* de novas minas mudaram a atenção do mercado para o excesso de oferta no mercado de cobre no médio prazo.

A produção de platina foi de 33.000 oz e a de paladium, 81.000 oz, ficando 4,2% e 9,2% abaixo que no 1T13, respectivamente. As vendas de PGMs (*platinum group metals*) foram reduzidas de 125.000 oz no 1T13 para 115.000 oz. As receitas totalizaram US$ 105 milhões contra US$ 125 milhões no 1T13, como consequência dos preços e volumes menores.

A produção de ouro alcançou um novo recorde de 63.000 oz no 2T13, 9,0% acima que no 1T13, principalmente devido ao aumento da produção de ouro como subproduto das operações de cobre de Salobo. O volume de vendas melhorou significativamente, alcançando 70.000 oz contra 47.000 oz no 1T13. A receita das vendas de ouro recuperou para US$ 96 milhões de US$ 77 milhões no 1T13, devido à contribuição positiva do maior volume de vendas (US$ 38 milhões), parcialmente mitigado pelos preços realizados mais baixos (US$ 19 milhões).

No 2T13, a receita de metais básicos e de seus subprodutos foi de US$ 1,699 bilhão, 7,8% abaixo do trimestre anterior. A redução se deveu aos preços inferiores (US$ 244 milhões), uma vez que os volumes embarcados foram maiores no trimestre (US$ 101 milhões).

Os custos dos metais básicos, excluindo depreciação e amortização, foram de US$ 1,126 bilhão no trimestre. Após ajustar para os efeitos de maiores volumes vendidos (US$ 67 milhões) e de variação cambial (-US$ 14 milhões), os custos subiram US$ 15 milhões contra 1T13, devido principalmente aos efeitos de custos mais elevados com serviços contratados (US$ 13 milhões).

No 2T13, os metais básicos apresentaram despesas que incluíram receita da Vale Canada de US$ 160 milhões de pagamento de seguro pela companhia de resseguro da Vale relacionado ao incidente no ano passado na planta de ácido em VNC. Enquanto para o negócio de metais básicos isto é contabilizado como receita, para a companhia de resseguro da Vale é uma despesa, e portanto não afeta o desempenho financeiro consolidado da Vale. As despesas – excluindo o efeito prêmio de seguro – totalizaram US$ 79 milhões no 2T13.

A margem EBIT ajustado para metais básicos foi de 0,3% no 2T13. Após excluir as despesas pré-operacionais de Long Harbour (US$ 43 milhões), de VNC (US$ 168 milhões) e as despesas com a parada de Onça Puma (US$ 35 milhões), a margem EBIT alcançou 14,9%.

O EBITDA ajustado caiu para US$ 451 milhões no 2T13, contra US$ 757 milhões no 1T13. Após excluir as despesas pré-operacionais e de parada, mencionadas acima, o EBITDA ajustado atingiu US$ 697 milhões. O principal motivo para esta redução foi o impacto da queda dos preços de venda. Salobo apresentou o primeiro mês de EBITDA positivo em junho e deve passar a contribuir significativamente para os resultados, dada a diluição dos custos fixos sobre os volumes maiores.

Tabela 13 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BÁSICOS			
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Níquel	983	1.084	1.119
Cobre	472	514	458
PGMs	105	125	115
Ouro	96	77	58
Prata	11	11	15
Cobalto	19	18	16
Outros	14	14	-
Total	**1.699**	**1.842**	**1.781**
PREÇO MÉDIO REALIZADO			
US$ por tonelada	2T13	1T13	2T12
Níquel	15.123,08	17.205,76	17.761,90
Cobre	6.140,89	7.104,54	7.566,00
Platina (US$ por onça troy)	1.438,72	1.626,29	1.493,65
Ouro (US$ por onça troy)	1.362,75	1.626,13	1.794,01
Prata (US$ por onça troy)	16,93	26,09	29,74
Cobalto (US$ por lb)	11,15	10,11	12,73
VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Níquel	65	63	63
Cobre	77	72	61
Ouro ('000 oz)	70	47	32
Prata ('000 oz)	639	408	528
PGMs ('000 oz)	115	125	114
Cobalto (tonelada métrica)	773	805	570
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Custos[1]	(1.126)	(1.059)	(1.208)
Despesas[1]	81	166	(152)
Despesas pré-operacionais e de parada[1]	(192)	(192)	(209)
Margem EBIT ajustado[2](%)	0,3	16,0	(10,8)
EBIT ajustado[2]	5	294	(192)
EBITDA ajustado[2]	451	757	210

[1] Excluindo efeitos de amortização e depreciação

[2] Excluindo itens não recorrentes

Fertilizantes

Nossas vendas são basicamente destinadas ao mercado brasileiro, onde a demanda por fertilizantes é mais concentrada no segundo semestre do ano, o que faz com que a nossa produção seja mais fraca no primeiro semestre do ano.

A produção de potássio foi de 113.000 t no 2T13, inferior ao 5,4% na comparação trimestral e 11,7% abaixo do 2T12, devido à parada não programada para manutenção. A produção de rocha fosfática – que é utilizada como insumo

para a produção de fosfatados – foi de 1,896 Mt, em linha com os 1,991 Mt do trimestre anterior apesar de uma parada não programada para manutenção em Bayóvar.

A receita com as vendas de potássio caiu para US$ 52 milhões de US$ 57 milhões no 1T13, o volume de vendas apresentou uma ligeira queda para 117.000 t no 2T13 de 120.000 t no 1T13. O preço médio realizado no 2T13 foi 5,8% menor, caindo para US$ 444,44 por tonelada métrica de US$ 471,66 no 1T13. A redução do preço foi o resultado da demanda mais fraca da China e da Índia que afetou os preços globais.

No 2T13, os embarques de rocha fosfática subiram 20,5%, para 711.000 t de 590.000 t no 1T13. Os embarques de MAP foram de 240.000 t, TSP 199.000 t, SSP 618.000 t e DCP 127.000 t.

As vendas de rocha fosfática atingiram US$ 580 milhões no 2T13, 16,9% acima trimestre contra trimestre, devido ao aumento do volume de vendas de quase todos os produtos fosfatados (US$ 112 milhões), parcialmente compensados por menores preços (US$ 28 milhões) resultado da fraca demanda global.

A receita de nitrogenados foi de US$ 148 milhões no 2T13, ficando 24,7% abaixo do trimestre passado. A queda na receita foi resultado de menores volumes de vendas em razão da venda da refinaria de Araucária, concluída em 1º de junho de 2013. Como consequência, não vamos mais produzir ureia, enquanto que amônia será produzida exclusivamente em Cubatão. As vendas de outros produtos totalizaram US$ 25 milhões no 2T13.

A receita com as vendas de fertilizantes aumentou para US$ 805 milhões no 2T13, 4,7% acima dos US$ 769 milhões no trimestre anterior.

No 2T13, os custos de fertilizantes foram de US$ 594 milhões, líquido de depreciação, em linha com o 1T13 após excluir os efeitos de maiores volumes (US$ 59 milhões) e variação cambial (-US$ 18 milhões). As despesas com fertilizantes reduziram trimestralmente, de US$ 43 milhões no 2T13 contra US$ 55 milhões no trimestre anterior. Despesas pré-operacionais e de parada foram US$ 85 milhões, devido ao efeito da parada do projeto Rio Colorado, US$ 76 milhões.

A margem EBIT ajustado para fertilizantes foi -8,8% no 2T13, menor que os -4,0% no trimestre anterior, impactado negativamente pelo declínio de preço e despesas associadas à parada do projeto Rio Colorado.

O EBITDA ajustado para fertilizantes foi de US$ 38 milhões no 2T13, comparado com os US$ 90 milhões no 1T13. Excluindo o efeito da parada do projeto Rio Colorado, o EBITDA ajustado gerado pelas operações existentes de fertilizantes foi de US$ 114 milhões no 2T13, mostrando assim uma melhora contra os US$ 90 milhões do 1T13 mesmo com preços mais baixos.

Tabela 14 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Potássio	52	57	81
Fosfatados	580	496	630
Nitrogenados	148	196	193
Outros	25	20	19
Total	**805**	**769**	**923**
PREÇO MÉDIO REALIZADO			
US$ por tonelada	2T13	1T13	2T12
Potássio	444,44	471,66	493,90
Fosfatados			
MAP	595,38	605,18	583,61
TSP	492,57	505,59	505,23
SSP	296,58	285,99	238,76
DCP	610,58	642,68	622,39
Rocha fosfática	87,20	122,03	135,39
Nitrogenados	644,95	644,04	599,97
VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Potássio	117	120	164

Fosfatados			
MAP	240	298	268
TSP	199	94	239
SSP	618	430	693
DCP	127	100	123
Rocha fosfática	711	590	746
Outros Fosfatados	63	32	36
Nitrogenados	229	305	322

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Custos[1]	(594)	(554)	(620)
Despesas[1]	(43)	(55)	(53)
Despesas pré-operacionais e de parada[1]	(85)	(22)	(13)
Margem EBIT ajustado[2](%)	(8,8)	(4,0)	7,9
EBIT ajustado[2]	(67)	(29)	69
EBITDA ajustado[2]	38	90	183

[1] Excluindo efeitos de amortização e depreciação

[2] Excluindo itens não recorrentes

Serviços de logística

A receita de serviços de logística para carga geral, que estão sob as concessões e contratos da VLI[16], totalizaram US$ 430 milhões, um aumento de 27,6% em relação aos US$ 337 milhões no 1T13, devido aos maiores preços e volumes transportados.

A receita proveniente do transporte ferroviário de carga geral foi de US$ 350 milhões, melhor que os US$ 281 milhões no 1T13, devido aos maiores volumes de grãos transportados com o início da safra.

As ferrovias sob concessão e contratos da VLI com a Vale – Carajás (EFC), Vitória Minas (EFVM), Norte-Sul (FNS) e Centro-Atlântica (FCA) – transportaram 7,793 bilhões tku[17] de carga geral para clientes no 2T13, 18,1% acima dos 6,599 bilhões tku no 1T13.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 2T13 foram produtos agrícolas (55,9%), insumos e produtos siderúrgicos (25,7%), materiais de construção e produtos florestais (11,6%), combustíveis (6,3%) e outros (0,4%).

O volume de produtos agrícolas transportados aumentou no 2T13 impulsionado pelo crescimento da quantidade de grãos transportados. Produtos da indústria do aço continuaram a enfrentar desafios, devido à fraca demanda do mercado.

Os serviços portuários geraram uma receita de US$ 80 milhões, 42,9% acima dos US$ 56 milhões no 1T13. Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 6,532 Mt de carga geral, 57,5% maior que os 4,149 Mt no 1T13. A razão pelo aumento em relação ao último trimestre foi o início do período de safra no 2T13, que foi mais forte para a soja e milho.

No 2T13, os custos com serviços de logística – excluindo depreciação e amortização – foram de US$ 267 milhões contra US$ 254 milhões no 1T13. Após o ajuste para efeitos de maiores volumes (US$ 63 milhões) e preços (-US$ 9 milhões), os custos caíram em US$ 41 milhões, principalmente devido a efeitos de menores custos com pessoal de US$ 22 milhões.

A margem EBIT ajustado aumentou para 5,4% no 2T13, comparado ao -17,4% no trimestre anterior.

[16] Subsidiária integral da Vale, que consolida o segmento de carga geral.

[17] tku=tonelada por quilômetro útil.

Os serviços de logística tiveram uma geração de caixa positiva, medida pelo EBITDA ajustado, de US$ 59 milhões contra US$ 10 milhões negativos no 1T13. As principais razões para a melhora foram à redução do CPV (US$ 41 milhões) e maiores volumes de vendas (US$ 20 milhões).

Tabela 15 - DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Ferrovias	350	281	294
Portos	80	56	114
Total	430	337	408
VOLUME VENDIDO			
mil toneladas	2T13	1T13	2T12
Ferrovias (milhões de tku)	7.793	6.599	5.787
Portos	6.532	4.148	6.421
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Custos[1]	(267)	(254)	(277)
Despesas[1]	(43)	(44)	(63)
Margem EBIT ajustado (%)	5,4	(17,4)	(12,1)
EBIT ajustado	20	(50)	(43)
EBITDA ajustado	59	(10)	14

[1] Excluindo efeitos de amortização e depreciação

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, www.vale.com/ Investidores/Resultados Trimestrais e Relatórios/Demonstrações Contábeis - Vale

TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 08 de agosto, quinta-feira, serão realizadas duas conferências telefônicas e webcasts. A primeira, em português, ocorrerá às 10:00 horas, horário do Rio de Janeiro. A segunda, em inglês, às 12:00 horas do Rio de Janeiro, às 11:00 horas em Nova Iorque, às 16:00 horas em Londres e 23:00 horas em Hong Kong.

Acesso às conferências telefônicas/webcasts:

Conferência em português:
Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341
Participantes que ligam dos EUA: (1 855) 281-6021
Participantes que ligam de outros países: (1 786) 924-6977
Código de acesso: VALE

Conferência em inglês:
Participantes que ligam do Brasil: (55 11) 4688-6341
Participantes que ligam dos EUA: (1 866) 262-4553
Participantes que ligam de outros países: (1 412) 317-6029
Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 08 de agosto de 2013.

ANEXO 1 - INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

Tabela 16 - DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Receita operacional bruta	**11.277**	**11.201**	**12.726**
Impostos	(245)	(266)	(257)
Receita operacional líquida	**11.032**	**10.935**	**12.469**
Custo dos produtos vendidos	(6.223)	(5.720)	(6.552)
Lucro bruto	**4.809**	**5.215**	**5.917**
Margem bruta (%)	43,6	47,7	47,5
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(324)	(374)	(615)
Despesas com pesquisa e desenvolvimento	(158)	(176)	(359)
Ganho (perda) na venda de ativos	-	-	(377)
Outros	(725)	(509)	(604)
Lucro operacional	**3.602**	**4.156**	**3.962**
Receitas financeiras	158	71	120
Despesas financeiras	(537)	(604)	(555)
Ganho (perda) com derivativos	(983)	106	(416)
Variações monetárias e cambiais	(1.965)	82	(1.770)
IR e contribuição social correntes	(263)	(1.100)	(25)
IR e contribuição social diferido	325	169	(140)
Reversão do imposto de renda diferido	-	-	1.236
Equivalência patrimonial e provisão para perdas	53	172	159
Participações minoritárias	34	57	69
Lucro líquido	**424**	**3.109**	**2.640**
Lucro por ação (US$)	**0,08**	**0,60**	**0,52**

Tabela 17 - RESULTADO FINANCEIRO

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Composição dos juros brutos	(334)	(333)	(325)
Dívida com terceiros	(334)	(333)	(325)
Contingências fiscais e trabalhistas	(45)	(17)	(12)
Outros	(158)	(254)	(218)
Despesas financeiras	**(537)**	**(604)**	**(555)**
Receitas financeiras	**158**	**71**	**120**
Derivativos	**(983)**	**106**	**(416)**
Ganhos (Perdas) cambial e monetária líquido	**(1.965)**	**82**	**(1.770)**
Resultado financeiro líquido	**(3.327)**	**(345)**	**(2.621)**

Tabela 18 - RESULTADO DE PARTICIPAÇÕES SOCIETÁRIAS

US$ milhões	2T13	%	1T13	%	2T12	%
Minerais ferrosos	76	143,4	162	94,2	174	109,4
Carvão	7	13,2	5	2,9	13	8,2
Metais básicos	(2)	(3,8)	(2)	(1,2)	3	1,9
Logística	23	43,4	17	9,9	15	9,4
Siderurgia	(44)	(83,0)	(2)	(1,2)	(38)	(23,9)
Outros	(7)	(13,2)	(8)	(4,7)	(8)	(5,0)
Total	**53**	**100,0**	**172**	**100,0**	**159**	**100,0**

Tabela 19 - BALANÇO PATRIMONIAL

US$ milhões	30/06/2013	31/03/2013	30/06/2012
Ativo			
Circulante	21.051	22.876	20.792
Realizável a longo prazo	9.477	7.948	5.487
Permanente	96.003	102.330	101.173
Total	**126.531**	**133.154**	**127.452**
Passivo			
Circulante	11.109	11.393	9.239
Exigível a longo prazo	43.717	44.225	37.473
Patrimônio líquido	71.705	77.536	80.740
Capital social	56.101	56.101	56.101
Reservas	14.160	19.901	23.073
Participação em empresas não consolidadas	1.444	1.534	1.566
Total	**126.531**	**133.154**	**127.452**

Tabela 20 - FLUXO DE CAIXA

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Fluxos de caixa provenientes das operações:			
Lucro líquido do período	390	3.052	2.571
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Depreciação, exaustão e amortização	1.082	1.046	1.046
Equivalência patrimonial em coligadas e joint ventures e provisão para perdas em investimentos	(53)	(172)	(159)
Imposto de renda diferido	(325)	(169)	(1.096)
Perdas na alienação de bens do imobilizado	87	78	207
Ganho com venda de investimentos	-	-	377
Ganho na venda de ativos	-	(244)	-
Perdas cambial e monetária	827	(77)	159
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	1.054	(9)	642
Debêntures	82	167	(276)
Outros	55	(51)	(107)
Contas a receber	1.025	377	425
Estoques	378	(338)	292
Impostos a recuperar	(198)	12	(287)
Outros	(66)	184	(42)
Fornecedores	249	(366)	92
Salários e encargos sociais	203	(658)	284
Imposto de renda	94	(25)	(166)
Goldstream transaction	-	1.319	-
Outros	53	(258)	305
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	**4.937**	**3.868**	**4.267**
Fluxos de caixa provenientes das atividades de investimento:			
Investimentos de curto prazo	155	(321)	-
Empréstimos e adiantamentos	(85)	24	8
Garantias e depósitos	(18)	(24)	(76)
Adições em investimentos	(23)	(182)	(53)
Adições ao imobilizado	(3.392)	(3.547)	(3.228)
Dividendos recebidos	272	-	112
Recursos com vendas de investimentos	-	95	366
Recursos com transação do Goldstream	-	581	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	**(3.091)**	**(3.374)**	**(2.871)**
Fluxos de caixa provenientes das atividades de financiamento:			
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	14	(14)	21
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	526	129	1.809
Pagamentos de empréstimos e financiamentos de longo prazo	(102)	(410)	(502)
Transações com acionistas não controladores	-	-	(427)
Juros sobre o capital próprio pagos a acionistas	(2.250)	-	(3.000)
Dividendos pagos para empresas não consolidadas	(10)	-	(35)
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	**(1.822)**	**(295)**	**(2.134)**
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	24	199	(738)
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	(179)	11	(101)
Caixa e equivalentes no início do período	6.042	5.832	4.922
Caixa e equivalentes no final do período	**5.887**	**6.042**	**4.083**
Juros de longo prazo	(361)	(434)	(350)
Imposto de renda	(354)	(824)	(282)
Juros capitalizados	40	117	70

ANEXO 2 – VENDAS, PREÇOS, MARGENS E GERAÇÃO DE CAIXA

Tabela 21 - VOLUME VENDIDO - MINÉRIOS E METAIS			
mil toneladas métricas	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	61.921	55.679	62.978
Pelotas	10.203	9.425	12.277
Manganês	310	417	510
Ferroligas	43	48	99
Carvão térmico	136	60	1.107
Carvão metalúrgico	1.720	1.447	1.152
Níquel	65	63	63
Cobre	77	72	61
Ouro ('000 oz)	70	47	32
Prata ('000 oz)	639	408	528
PGMs ('000 oz)	115	125	114
Cobalto (tonelada métrica)	773	805	570
Potássio	117	120	164
Fosfatados			
MAP	240	298	268
TSP	199	94	239
SSP	618	430	693
DCP	127	100	123
Rocha fosfática	711	590	746
Outros Fosfatados	63	32	36
Nitrogenados	229	305	322
Ferrovias (milhões de tku)	7.793	6.599	5.787
Portos	6.532	4.148	6.421

Tabela 22- PREÇOS MÉDIOS			
US$/tonelada métrica	2T13	1T13	2T12
Minério de ferro	99,21	111,69	112,44
Pelotas	146,83	154,67	159,00
Manganês	167,74	153,10	123,53
Ferroligas	1.302,33	1.383,69	1.303,03
Carvão térmico	103,49	94,30	70,97
Carvão metalúrgico	139,62	142,09	171,13
Níquel	15.123,08	17.205,76	17.761,90
Cobre	6.140,89	7.104,54	7.566,00
Platina (US$ por onça troy)	1.438,72	1.626,29	1.493,65
Ouro (US$ por onça troy)	1.362,75	1.626,13	1.794,01
Prata (US$ por onça troy)	16,93	26,09	29,74
Cobalto (US$ por lb)	11,15	10,11	12,73
Potássio	444,44	471,66	493,90
Fosfatados			
MAP	595,38	605,18	583,61
TSP	492,57	505,59	505,23
SSP	296,58	285,99	238,76
DCP	610,58	642,68	622,39
Rocha fosfática	87,20	122,03	135,39
Nitrogenados	644,95	644,04	599,97

Tabela 23 - MARGENS OPERACIONAIS POR SEGMENTO (MARGEM EBIT AJUSTADA)

%	2T13	1T13	2T12
Bulk materials[1]	**49,6**	**51,6**	**52,8**
Minerais ferrosos	52,8	56,4	56,0
Carvão	(46,1)	(122,3)	(53,6)
Metais básicos	**0,3**	**16,0**	**(10,8)**
Fertilizantes	**(8,8)**	**(4,0)**	**7,9**
Logística	**5,4**	**(17,4)**	**(12,1)**
Total[1]	**32,7**	**38,0**	**34,8**

[1] excluindo efeitos não recorrentes

ANEXO 3 – RECONCILIAÇÃO DE INFORMAÇÕES "NÃO-GAAP" E INFORMAÇÕES CORRESPONDENTES EM IFRS

(a) EBIT ajustado

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Receita operacional líquida	11.032	10.935	12.469
CPV	(6.223)	(5.720)	(6.552)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(324)	(374)	(615)
Pesquisa e desenvolvimento	(158)	(176)	(359)
Outras despesas operacionais	(725)	(509)	(604)
EBIT ajustado[1]	**3.602**	**4.156**	**4.339**

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

(b) EBITDA ajustado

O termo EBITDA se refere a um indicador definido como lucro (prejuízo) antes de juros, impostos, depreciação e amortização; a Vale utiliza o termo EBITDA ajustado para refletir que este indicador também exclui variações monetárias, equivalência patrimonial proveniente do resultado de coligadas e joint ventures deduzido de dividendos recebidos das mesmas, provisões para perdas em investimentos, ajuste para mudanças em práticas contábeis, participações minoritárias e despesas não recorrentes. Todavia, o EBITDA ajustado não é uma medida definida nos padrões IFRS e pode não ser comparável com indicadores com o mesmo nome reportados por outras empresas. O EBITDA ajustado não deve ser considerado substituto do lucro operacional ou medida de liquidez melhor do que o fluxo de caixa operacional, que são determinados de acordo com o IFRS. A Vale apresenta o EBITDA ajustado para prover informação adicional a respeito da sua capacidade de pagar dívidas, realizar investimentos e cobrir necessidades de capital de giro. O quadro a seguir demonstra a reconciliação entre EBITDA ajustado e fluxo de caixa operacional, de acordo com a sua demonstração de fluxo de caixa:

RECONCILIAÇÃO ENTRE EBITDA AJUSTADO X FLUXO DE CAIXA OPERACIONAL

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Fluxo de Caixa Operacional	4.937	3.868	4.267
Imposto de renda	263	1.100	25
Perdas cambiais e monetárias	(827)	77	1.607
Despesas Financeiras	3.346	349	884
Capital de giro líquido	(1.738)	(515)	(903)
Dividendos recebidos	272	-	112
Outros	(1.296)	323	(495)
EBITDA	4.957	5.202	5.497

(c) Dívida líquida

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida bruta	29.863	30.191	25.518
Caixa	6.255	6.609	4.082
Dívida líquida	23.608	23.582	21.436

(d) Dívida total / LTM EBITDA ajustado

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida Total / LTM EBITDA[1] ajustado (x)	1,6	1,6	0,9
Dívida Total / LTM Fluxo de Caixa Operacional (x)	1,7	1,8	1,3

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

(e) Dívida total / Enterprise value

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
Dívida total / EV (%)	32,4	26,2	20,1
Dívida total / Ativo total (%)	23,6	22,7	20,0

Entreprise value = EV= capitalização de mercado + dívida líquida

(f) LTM EBITDA ajustado / LTM Pagamento de juros

US$ milhões	2T13	1T13	2T12
LTM EBITDA ajustado[1] / LTM Pagamento de juros (x)	13,2	13,7	24,8
LTM Lucro operacional / LTM Pagamento de juros (x)	6,4	6,7	20,1

[1] Excluindo efeitos não recorrentes

(g) LUCRO LÍQUIDO BÁSICO

milhões de US$	2T13	1T13	2T12
Lucro líquido básico	**3.287**	**3.089**	**4.081**
Ganho(perda) na venda de ativos	-	-	(377)
Reversão de imposto de renda diferido	-	-	1.236
Debêntures participativas	(84)	(172)	(71)
Ganho(perda) de variação cambial, líquido	(1.961)	107	(1.824)
Ganho(perda) de variação monetária, líquido	(4)	(25)	54
Swaps de moedas e taxas de juros	(814)	110	(459)
Lucro líquido	**424**	**3.109**	**2.640**

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no The Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções "Estimativas e projeções" e "Fatores de risco" no Relatório Anual - Form 20F da Vale.

UM SÓLIDO DESEMPENHO DAS OPERAÇÕES DE METAIS BÁSICOS E CARVÃO

Rio de Janeiro, 7 de agosto de 2013 – A produção do segmento de metais básicos da Vale S.A. (Vale) continuou a ter um forte desempenho no 2T13. A produção de cobre alcançou o recorde histórico de 91.300 toneladas métricas, enquanto o níquel teve o seu melhor segundo trimestre desde 2T08, com 65.000 toneladas métricas.

Ao mesmo tempo, a produção de carvão alcançou o nível recorde de 2,4 Mt [1], crescendo 35,6% em relação ao 1T13.

Enquanto o *ramp-up* bem-sucedido de Salobo tem sido crucial para o aumento da produção de cobre (181.000 t no 1S13 contra 143.000 t no 1S12), a produção de carvão foi influenciada pelo desempenho de Carborough Downs e pelo *ramp-up* de Moatize, totalizando 4,1 Mt no 1S13 contra 3,4 Mt no 1S12,

A produção de minério de ferro no 2T13, que foi de 73,2 Mt, superou em 8,4% o 1T13, porém 9,1% abaixo do 2T12. No primeiro semestre, a produção foi 2,7 Mt abaixo do orçado para o período, apesar disso, estamos mantendo o *target* de 306 Mt para este ano.

Um passo importante para o nosso crescimento futuro foi dado em julho, com a emissão da licença de instalação (LI) do projeto S11D. S11D é o projeto de classe mundial com a maior qualidade e o menor custo da indústria de minério de ferro, com capacidade nominal de 90 Mtpa de minério de ferro. Está situado sobre um depósito com reservas provadas e prováveis de 4,240 bilhões de toneladas métricas com um teor médio de ferro de 66,7%, baixas impurezas e *cash cost* (mina, planta, ferrovia e porto depois de *royalties*) de US$ 15,00 por tonelada métrica (baseado em taxa de câmbio de R$ 2,00/ US$). O *start-up* de S11D é esperado para 2S16 e atingirá sua capacidade nominal de produção em 2018.

Produção

mil toneladas métricas	1T13	2T13	%	1S12	1S13	%
Minério de ferro[a]	67.536	73.225	8,4	150.536	140.761	-6,5
Pelotas	11.672	12.336	5,7	28.015	24.008	-14,3
Manganês	501	617	23,1	1.068	1.118	4,7
Carvão	1.752	2.376	35,6	3.398	4.128	21,5
Níquel	65	65	0,1	124	130	4,9
Cobre	90	91	2,0	143	181	26,7
Potássio	120	113	-5,4	247	233	-5,3
Rocha fosfática	1.991	1.896	-4,8	3.843	3.888	1,2

[a] Incluindo a produção atribuível à Samarco.

[1] Mt= milhões de toneladas métricas
Kt = mil toneladas métricas
t = toneladas métricas

BULK MATERIALS

Minério de ferro

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
MINÉRIO DE FERRO	**80.542**	**67.536**	**73.225**	**150.536**	**140.761**	**8,4%**	**-9,1%**	**-6,5%**
Sistema Norte	**27.362**	**21.605**	**21.904**	**49.073**	**43.508**	**1,4%**	**-19,9%**	**-11,3%**
Carajás	27.362	21.605	21.904	49.073	43.508	1,4%	-19,9%	-11,3%
Sistema Sudeste	**28.296**	**24.782**	**26.723**	**55.054**	**51.505**	**7,8%**	**-5,6%**	**-6,4%**
Itabira	9.184	6.780	7.936	17.338	14.716	17,0%	-13,6%	-15,1%
Mariana	9.080	8.856	8.853	18.420	17.709	0,0%	-2,5%	-3,9%
Minas Centrais	10.032	9.146	9.934	19.297	19.080	8,6%	-1,0%	-1,1%
Sistema Sul	**20.743**	**17.039**	**20.469**	**38.409**	**37.508**	**20,1%**	**-1,3%**	**-2,3%**
Minas Itabirito	7.993	6.624	8.092	15.338	14.716	22,2%	1,2%	-4,1%
Vargem Grande	5.950	4.891	5.958	10.750	10.849	21,8%	0,1%	0,9%
Paraopeba	6.800	5.524	6.419	12.321	11.943	16,2%	-5,6%	-3,1%
Sistema Centro-Oeste	**1.366**	**1.425**	**1.480**	**2.668**	**2.905**	**3,8%**	**8,3%**	**8,9%**
Corumbá	915	988	994	1.890	1.982	0,7%	8,7%	4,9%
Urucum	451	437	486	778	923	11,0%	7,6%	18,7%
Samarco[1]	**2.775**	**2.685**	**2.650**	**5.331**	**5.334**	**-1,3%**	**-4,5%**	**0,1%**

[1] Capacidade de produção atribuível à Vale – 50%.

A Vale produziu 73,2 Mt de minério de ferro no 2T13. Excluindo a produção atribuível à Samarco, a produção de minério de ferro atingiu 70,6 Mt, ficando 8,8% acima do 1T13. No primeiro semestre, a produção foi 2,7 Mt abaixo do orçado para o período, 138,1 Mt. O orçamento considerou a distribuição anual das chuvas e a evolução dos planos de lavra em Carajás, enquanto não temos as licenças necessárias para explorar a mina N4WS e outras cavas. Porém, o desempenho operacional foi afetado pela época de chuvas no norte do Brasil, que se prolongou até maio, e pela falta de flexibilidade das cavas mais profundas em períodos chuvosos.

Com a estiagem, o desempenho operacional de Carajás está melhorando e continuamos com a meta de produzir o volume orçado para 2013. A produção de minério de ferro em julho foi de 27,9 Mt contra 27,6 Mt em julho de 2012, como resultado da forte performance em Carajás, onde a produção subiu de 9,5 Mt em julho de 2012 para 10,4 Mt em julho de 2013.

Do total de minério de ferro produzido, 10,9 Mt foram destinadas à pelotização, enquanto 2,4 Mt foram compradas de terceiros para complementar a nossa produção. As vendas de minério de ferro no 2T13 totalizaram 61,9 Mt, ou seja, 1,0 Mt a menos do que no 2T12, ficando, porém, 7,1 Mt acima do 1T13.

No 2T13, produzimos 21,9 Mt em Carajás, não atingindo a produção orçada no 1S13 por uma diferença de 4 Mt. O período de chuvas mais prolongado foi um dos fatores do fraco desempenho de Carajás. Além disso, continuamos a trabalhar pela obtenção de todas as licenças necessárias para que possamos explorar integralmente as nossas reservas minerais. Em resposta às restrições apresentadas pelas licenças, adaptamos os planos de lavra para permitir a exploração de seções mais produtivas das minas, a fim de que possamos atender à demanda de nossos clientes por minério de ferro. Assim, estimamos que a produção de Carajás no 2S13 estará em linha com o orçado de 67,0 Mt.

O Sistema Sudeste, que compreende as minas de Itabira, Mariana e Minas Centrais, produziu 26,7 Mt no 2T13, aumentando 7,8% em relação ao 1T13, porém 5,6% abaixo do 2T12.

A produção de Itabira foi 17,0% maior do que no trimestre anterior, devido à influência positiva da maior qualidade do ROM (*run-of-mine*) enviado à planta de processamento pelo britador, causada por melhores condições climáticas. Porém, a produção ficou 13,6% abaixo do 2T12, em razão do empobrecimento das reservas. Conceição Itabiritos, com *start-up* estimado para 4T13, irá melhorar a qualidade e adicionará 12 Mt de capacidade nominal.

O desempenho de Mariana foi em linha com o 1T13 e 2,5% abaixo do 2T12. Em maio, obtivemos a licença para explorar novas seções minerais em Fábrica Nova e, consequentemente, estimamos um aumento da produção no 4T13.

A produção de Minas Centrais ficou 8,6% acima do trimestre anterior devido ao bom desempenho da mina de Gongo Soco, por ter maximizado o uso de suas reservas restantes. O fechamento da mina está previsto para 2014.

O Sistema Sul – Minas Itabirito, Vargem Grande e Paraopeba – produziu 20,5 Mt, em linha com o 2T12 e 20,1% acima do 1T13.

O desempenho de Minas Itabirito foi 22,2% acima do 1T13 e 1,2% maior do que o mesmo período do ano passado, e também um recorde para um segundo trimestre. A retomada da operação da planta Pico B e melhores condições climáticas contribuíram para o bom desempenho.

A produção de Vargem Grande foi 21,8% maior que o 1T13, demonstrando um bom desempenho operacional após a parada programada para manutenção no 1T13.

O desempenho de Paraopeba foi 16,2% acima do trimestre passado devido aos menores volumes de chuva no 2T13.

O Sistema Centro-Oeste, que compreende Urucum e Corumbá, produziu 1,5 Mt no 2T13, 3,8% maior do que o 1T13 e 8,3% maior do que no mesmo período do ano passado, devido ao melhor desempenho operacional.

Pelotas

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
PELOTAS	**14.802**	**11.672**	**12.336**	**28.015**	**24.008**	**5,7%**	**-16,7%**	**-14,3%**
Tubarão I e II	1.530	0	0	2.592	0	n.m.	n.m.	n.m.
Fábrica	956	954	968	1.863	1.921	1,5%	1,2%	3,1%
São Luís	1.373	0	0	2.334	0	n.m.	n.m.	n.m.
Vargem Grande	1.383	1.053	1.315	2.206	2.368	24,8%	-5,0%	7,3%
Omã	1.593	1.965	1.760	3.008	3.725	-10,4%	10,5%	23,8%
Nibrasco	1.977	2.191	2.397	4.234	4.588	9,4%	21,2%	8,3%
Kobrasco	1.258	1.133	1.116	2.397	2.249	-1,5%	-11,3%	-6,2%
Hispanobras[1]	1.111	755	1.056	2.172	1.812	39,9%	-4,9%	-16,6%
Itabrasco	1.020	1.090	1.101	2.039	2.191	1,0%	7,9%	7,5%
Samarco[2]	2.599	2.530	2.623	5.169	5.153	3,7%	0,9%	-0,3%

[1]Produção pro forma atribuível à Vale. Em julho de 2012, assinamos um contrato de arrendamento para as operações de pelotização da Hispanobras. Dessa forma, os volumes produzidos estão sendo 100% consolidados em base pro forma.

[2] Capacidade de produção atribuível à Vale - 50%

A produção de pelotas alcançou 12,3 Mt, 5,7% acima do 1T13, mas 16,7% a menos do que no mesmo período do ano passado, um reflexo do fechamento das plantas de pelotização Tubarão I e II e São Luís. Essas três plantas produziram 2,9 Mt no 2T12.

Após a mudança na composição da demanda, a parcela de pelotas de redução direta na nossa produção aumentou de 25% no 2T12 para 32% no 2T13.

Os volumes produzidos nas plantas de Tubarão, excluindo Tubarão I e II – Nibrasco, Kobrasco, Hispanobras e Itabrasco – aumentaram para 5,670 Mt no 2T13 ante 5,169 Mt no 1T13 e 5,366 Mt no 2T12, com Nibrasco apresentando um bom desempenho operacional após a parada programada para manutenção no 1T13.

No 2T13, Vargem Grande aumentou sua produção 24,8% em relação ao 1T13, recuperando-se do período de demanda mais fraca.

As operações em Omã produziram 1,8 Mt de pelotas de redução direta no 2T13, 10,4% abaixo do primeiro trimestre, devido à parada anual para manutenção.

A produção atribuível às três plantas da Samarco foi em linha com o 1T13 e 2T12.

Minério de manganês e ferroligas

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
MINÉRIO DE MANGANÊS	**584**	**501**	**617**	**1.068**	**1.118**	**23,1%**	**5,6%**	**4,7%**
Azul	463	381	472	843	853	23,8%	1,8%	1,2%
Urucum	81	98	114	148	212	17,0%	40,6%	43,4%
Outras minas	39	23	31	78	53	35,7%	-22,1%	-31,4%
FERROLIGAS	**109**	**32**	**41**	**215**	**73**	**26,3%**	**-62,6%**	**-66,1%**
Brasil	46	32	41	96	73	26,3%	-11,9%	-23,8%
Dunkerque	35	0	0	64	0	n.m.	n.m.	n.m.
Mo I Rana	28	0	0	55	0	n.m.	n.m.	n.m.

No 2T13, a produção de manganês continuou a responder à demanda e aos preços mais altos, demonstrando um bom desempenho operacional e alcançando 617.000 t contra 501.000 t no 1T13 e 584.000 t no 2T12.

O desempenho da Mina do Azul, em Carajás, foi de 472.000 t, 23,8% maior do que no 1T13, devido à taxa mais alta de recuperação de minério na planta de processamento após o fim da época de chuvas.

A produção de Urucum foi a melhor de um segundo trimestre desde 2T03, com 114.000 t, continuando a refletir ganhos de eficiência devido à operação de novos equipamentos.

O volume de Morro da Mina, que faz parte de "outras minas", foi 35,7% acima do 1T13, recuperando-se após uma parada programada para manutenção, porém 22,1% abaixo do 2T12.

A produção trimestral de ferroligas compreendeu 30.100 t de ligas de ferro silício manganês (FeSiMn), 6.900 t de ligas de alto teor de carbono manganês (FeMnHc) e 3.700 t de ligas de manganês de médio carbono (FeMnMC).

No 2T13, o desempenho de ferroligas foi 26,3% maior do que o 1T13 devido à recuperação da produção após uma parada para manutenção.

Carvão

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
CARVÃO METALÚRGICO	**1.277**	**1.373**	**1.839**	**2.403**	**3.212**	**33,9%**	**44,0%**	**33,6%**
Moatize	728	417	849	1.229	1.265	103,5%	16,6%	3,0%
Carborough Downs	82	554	670	407	1.224	20,8%	719,6%	201,1%
Integra Coal	266	218	198	390	416	-9,3%	-25,8%	6,5%
Outros	201	184	123	378	307	-33,1%	-38,7%	-18,7%
CARVÃO TÉRMICO	**619**	**379**	**537**	**995**	**916**	**41,6%**	**-13,3%**	**-7,9%**
Moatize	390	256	448	583	704	74,8%	14,9%	20,7%
Integra Coal	121	24	5	202	29	-77,8%	-95,6%	-85,5%
Outros	108	99	84	210	183	-15,4%	-22,5%	-12,8%

A produção de carvão no 2T13 foi de 2,4 Mt, atingindo um novo recorde histórico, devido principalmente ao desempenho de Carborough Downs (CD) e ao *ramp-up* de Moatize.

No 2T13, a mina subterrânea CD, que produz 100% de carvão metalúrgico, aumentou sua produção em 20,8% em relação ao 1T13, alcançando o volume recorde de 670.000 t e mostrando um bom desempenho após a movimentação do *longwall* no início de janeiro.

O *ramp-up* de Moatize, a primeira fase do projeto de carvão Moatize, em Tete, Moçambique, está progredindo bem, com produção recorde de 1,3 Mt no 2T13. O fim da temporada de chuvas, que causou impactos negativos no 1T13, contribuiu para a melhora no desempenho.

No 2T13, a produção de carvão metalúrgico e térmico em Integra Coal foi de 198.000 t e 5.000 t, respectivamente. A mina subterrânea de Integra, que produz apenas carvão metalúrgico semiduro, enfrentou problemas elétricos no *longwall*. A mina a céu aberto, que produz tanto carvão térmico quanto metalúrgico, foi afetada pela troca da frente de lavra do ROM (*run-of-mine*) que começou no dia 1 de junho e levou 27 dias para ser concluída. Durante esse período, não havia material ROM para servir como insumo para a planta de lavagem de carvão (CHPP), levando a produção a quase zero no mês de junho. Por outro lado, o ROM acumulado no 2T13 devido à troca da frente de lavra, permitirá uma forte recuperação no 3T13.

Além da troca da frente de lavra, o ROM da mina a céu aberto que alimentou a planta CHPP em abril e maio veio de seções que produziram predominantemente carvão metalúrgico semiduro ao invés de carvão térmico.

A produção de nossas outras minas australianas foi de 207.000 t no 2T13, diminuindo de 283.000 t no 1T13, como resultado de problemas temporários causados pela remoção de uma ponte entre duas cavas para que seja criada uma única cava maior. Isso resultará em mineração mais eficiente no futuro.

METAIS BÁSICOS

Níquel

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
NÍQUEL	**61**	**65**	**65**	**124**	**130**	**0,1%**	**6,9%**	**4,9%**
Sudbury	17	17	18	40	35	4,6%	2,9%	-12,2%
Thompson	7	7	6	13	13	-13,1%	-8,0%	5,1%
Voisey's Bay	15	19	15	29	34	-19,2%	2,7%	15,8%
Sorowako	17	17	18	29	36	5,1%	9,1%	22,7%
VNC	2	3	7	4	10	127,9%	249,5%	128,0%
Onça Puma	2	0	0	6	0	n.m.	n.m.	n.m.
Outros[1]	2	2	1	3	3	-44,7%	-37,4%	-13,5%

[1] Concentrado de níquel adquirido de terceiros e transformado em níquel vendável nas nossas operações

A produção de níquel no 2T13 foi de 65.000 t, em linha com o 1T13 e 6,9% acima do 2T12. O *ramp-up* de VNC e o desempenho de Sorowako compensaram com folgas as pequenas perdas de produção em Voisey's Bay e Thompson.

A produção de níquel que utiliza concentrado produzido pelas operações de Sudbury atingiu 17.900 t, ou seja, 4,6% maior do que no 1T13 e 2,9% acima do 2T12. Apesar de alguns problemas operacionais no *smelter*, a alta produtividade demonstrada pelas minas de Sudbury resultou no tratamento preferencial de seu concentrado, evitando excesso de estoque e contribuindo para uma maior produção de níquel no 2T13. Como o *smelter* de Copper Cliff (CCS) processou mais concentrado de Sudbury, houve acumulação de estoque do concentrado de Voisey's Bay – também processado pelo CCS – que servirá de insumo para a produção de níquel no futuro.

A produção de níquel que utiliza concentrado das operações de Voisey's Bay – processado nos *smelters* de Sudbury e de Thompson – somou 15.100 t no 2T13, ficando 19,2% abaixo do 1T13. A manutenção na usina de Voisey's Bay e o tratamento preferencial dado ao concentrado de Sudbury pelo *smelter* de Copper Cliff provocaram a queda.

A produção em Thompson no 2T13 foi de 6.200 t, significando uma redução de 600 t em relação ao 1T13 e de 1.000 t ante ao 2T12.

A produção de níquel em *matte* de nossas operações em Sorowako, na Indonésia, foi de 19.200 t, ou seja, 2.100 t maior do que no 1T13, que foi afetado pelo fechamento do forno por três semanas em março. Isso resultou na produção de níquel a partir do *matte* de Sorowako – processado em sua maior parte na refinaria de Matsuzaka, no Japão - de 18.300 t, 5,1% maior do que no 1T13.

VNC está operando de acordo com o plano de *ramp-up* com as duas autoclaves operando simultaneamente. Como resultado da antecipação da manutenção programada da planta de ácido, inicialmente planejada para agosto de 2013, o desempenho da operação foi inferior ao 1T13, quando produziu 5.100 t de níquel contido em *nickel hydroxide cake* (NHC) e óxido de níquel (NiO). No 2T13, VNC produziu 3.400 t de níquel, dos quais 1.800 t contidos em NHC e 1.600 t em NiO. No início de junho, as operações em VNC foram normalizadas.

Em termos de produtos vendáveis, a produção de VNC alcançou o nível recorde de 6.600 t de níquel, compreendendo 400 t de NiO, 1.800 t de NHC e 4.400 t de níquel refinado, aumentando 249,5% em relação ao 2T12. A produção de NiO de VNC é, em sua maioria, transformada em

níquel refinado (*utility nickel)* em nossas refinarias asiáticas, sobretudo em Dalian, na China.

Onça Puma continua fechada e espera-se que a operação seja retomada no 4T13 com apenas um forno.

Cobre

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
COBRE	**70**	**90**	**91**	**143**	**181**	**2.0%**	**30.3%**	**26.7%**
Sossego	28	28	29	53	57	4.2%	3.0%	6.5%
Salobo	0	11	15	0	26	38.8%	n.m.	n.m.
Sudbury	22	26	26	46	52	1.6%	20.1%	14.7%
Thompson	1	0	1	2	1	61.6%	-18.1%	-44.7%
Voisey's Bay	8	11	8	19	19	-30.6%	-2.0%	-2.9%
Tres Valles	3	4	4	7	7	-2.7%	3.9%	4.0%
Lubambe[1]	0	2	3	0	5	47.2%	n.m.	n.m.
Outros	8	8	6	15	14	-21.9%	-19.7%	-10.7%

[1] Capacidade de produção atribuível à Vale - 40%.

No 2T13, a produção de cobre foi de 91.300 t, um novo recorde, devido aos *ramp-up* de Salobo I e Lubambe.

Salobo I produziu 15.300 t de cobre em concentrado, aproximadamente 61% de sua capacidade nominal, e 25.000 onças-troy (oz) de ouro como subproduto.

Lubambe, nossa JV na Zâmbia, também está em *ramp-up*, produzindo 6.800 t de cobre em concentrado em base 100% (produção atribuível de 2.700 t). Lubambe tem uma capacidade nominal de 45.000 t por ano.

A produção de cobre em concentrado da mina do Sossego, em Carajás, totalizou 28.900 t no 2T13, um aumento de 4,2% em relação ao 1T13.

A produção de cobre, um coproduto de nossas operações de níquel no Canadá, foi de 34.700 t, diminuindo 7,3% na comparação com 1T13.

A produção em Sudbury foi de 26.400 t, aumentando 1,6%, como resultado do tratamento preferencial do concentrado de Sudbury no *smelter*.

A produção de Voisey's Bay foi de 7.600 t, 3.400 t abaixo do 1T13, devido principalmente à manutenção programada da usina de Voisey's Bay e a testes em Sudbury para a futura operação com apenas um forno no CCS.

A produção de Tres Valles, no Chile, foi de 3.600 t de catodos de cobre no 2T13, em linha com o trimestre anterior e 3,9% maior do que o 2T12, como resultado do *ramp-up* até a sua capacidade nominal.

Subprodutos do níquel e do cobre

	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
COBALTO (toneladas métricas)	**693**	**993**	**877**	**1,285**	**1,870**	**-11.7%**	**26.6%**	**45.6%**
Sudbury	166	175	287	372	463	63.9%	72.7%	24.2%
Thompson	22	14	74	44	87	435.4%	232.7%	98.1%
Voisey's Bay	316	432	307	626	739	-28.9%	-2.9%	18.0%
VNC	177	372	196	217	568	-47.3%	10.5%	161.5%
Outros	11	0	14	25	14	n.m.	22.8%	-46.0%
PLATINA (milhares de onças troy)	**39**	**34**	**33**	**77**	**67**	**-4,2%**	**-16,2%**	**-13,1%**
Sudbury	39	34	33	77	67	-4,2%	-16,2%	-13,1%
PALÁDIO (milhares de onças troy)	**66**	**89**	**81**	**125**	**169**	**-9,2%**	**21,9%**	**35,3%**
Sudbury	66	89	81	125	169	-9,2%	21,9%	35,3%
OURO (milhares de onças troy)	**37**	**58**	**63**	**37**	**43**	**9,0%**	**72,6%**	**16,3%**
Sudbury	18	22	21	37	43	-4,0%	17,5%	16,3%
Sossego	18	17	17	0	0	-3,3%	-6,8%	n.m.
Salobo	1	19	25	0	0	35,7%	n.m.	n.m.
PRATA (milhares de onças troy)	**567**	**425**	**547**	**1.162**	**972**	**28,8%**	**-3,4%**	**-16,3%**
Sudbury	567	425	547	1.162	972	28,8%	-3,4%	-16,3%

A produção de cobalto alcançou 877 t, 11,7% abaixo do 1T13, refletindo principalmente a menor produção de VNC, que totalizou 196 t, 47,3% a menos do que no 1T13.

A produção de platina foi de 33.000 onças troy e a de paládio foi de 81.000 onças troy, 4,2% e 9,2% abaixo do 1T13, respectivamente.

A produção de ouro atingiu o nível recorde de 63.000 onças troy no 2T13, 9,0% maior que no 1T13, devido ao aumento da produção de Salobo.

FERTILIZANTES

Potássio

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
POTÁSSIO	**129**	**120**	**113**	**247**	**233**	**-5,4%**	**-11,7%**	**-5,3%**
Taquari-Vassouras	129	120	113	247	233	-5,4%	-11,7%	-5,3%

Fosfatados

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
ROCHA FOSFÁTICA	**2.017**	**1.991**	**1.896**	**3.843**	**3.888**	**-4,8%**	**-6,0%**	**1,2%**
Brasil	1.237	1.137	1.131	2.349	2.267	-0,5%	-8,6%	-3,5%
Bayóvar	779	855	766	1.493	1.621	-10,4%	-1,7%	8,5%
MAP[1]	286	288	306	597	594	6,2%	7,1%	-0,5%
TSP[2]	213	251	216	454	466	-14,0%	1,3%	2,8%
SSP[3]	507	554	494	991	1.048	-10,9%	-2,6%	5,7%
DCP[4]	136	121	124	280	245	2,9%	-8,6%	-12,5%

[1] Fosfato monoamônico
[2] Superfosfato triplo
[3] Superfosfato simples
[4] Fosfato bicálcico

A produção de potássio foi de 113.000 t no 2T13, diminuindo 5,4% em relação ao 1T13 e ficando 11,7% abaixo do 2T12, devido à parada não programada para manutenção.

A produção total de rocha fosfática, que é utilizada para a produção de fosfatados, caiu 4,8% em comparação ao 1T13, devido a uma parada não programada para manutenção em Bayóvar.

A produção de MAP (fosfato monoamônico) totalizou 306.000 t no 2T13, um aumento de 6,2% na comparação com 1T13, recuperando-se de problemas operacionais.

A produção de TSP (superfosfato triplo) alcançou 216.000 t, ficando 14,0% abaixo do 1T13, devido à menor disponibilidade de insumos em Uberaba.

No 2T13, a produção de SSP (superfosfato simples) foi 10,9% e 2,6% menor que no 1T13 e no 2T12, respectivamente, devido a uma parada não programada para manutenção no 2T13.

A produção de DCP (fosfato bicálcico) foi 8,6% abaixo do 2T12, refletindo ajustes na produção devido à demanda mais fraca.

Nitrogenados

mil toneladas métricas	2T12	1T13	2T13	1S12	1S13	% Variação 2T13/1T13	% Variação 2T13/2T12	% Variação 1S13/1S12
AMÔNIA	101	141	111	233	252	-21,6%	9,6%	8,1%
UREIA	143	128	91	250	219	-28,9%	-36,1%	-12,3%
ÁCIDO NÍTRICO	120	115	75	238	190	-34,1%	-37,0%	-20,1%
NITRATO DE AMÔNIO	124	120	64	242	184	-46,6%	-48,1%	-23,9%

No 2T13, a produção de amônia e ureia diminuiu 21,6% e 28,9%, respectivamente, quando comparada ao 1T13. A venda de Araucária em 1º de junho de 2013 foi responsável pelo decréscimo no 2T13. Não produziremos mais ureia, enquanto amônia será produzida apenas em Cubatão.

A produção de aço nítrico e nitrato de amônio foi 34,1% e 46,6% inferior ao 1T13, respectivamente, devido ao prolongamento da temporada de chuvas no 2T13.

Para mais informações, contatar:
+55-21-3814-4540
Roberto Castello Branco: roberto.castello.branco@vale.com
Viktor Moszkowicz: viktor.moszkowicz@vale.com
Carla Albano Miller: carla.albano@vale.com
Andrea Gutman: Andrea.gutman@vale.com
Christian Perlingiere: christian.perlingiere@vale.com
Marcelo Bonança Correa: marcelo.correa@vale.com
Marcio Loures Penna: marcio.penna@vale.com
Samantha Pons: samantha.pons@vale.com

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no The Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções "Estimativas e projeções" e "Fatores de risco" no Relatório Anual - Form 20F da Vale.